



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA ALICE CARNEIRO MORAES SILVA

**BIBLIOTECA ESCOLAR E SALA DE LEITURA: NARRATIVAS DOCENTES
SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES INFANTIS**

**FEIRA DE SANTANA
2024**

MARIA ALICE CARNEIRO MORAES SILVA

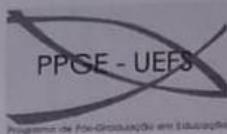
**BIBLIOTECA ESCOLAR E SALA DE LEITURA: NARRATIVAS DOCENTES
SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES INFANTIS**

Dissertação submetida à Universidade Estadual de Feira de Santana/BA como requisito final exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Brêda Mascarenhas de Lima

Feira de Santana

2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/1976
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/1986
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.271 de 14/12/2004
Recredenciada pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)

MARIA ALICE CARNEIRO MORAES SILVA

"BIBLIOTECA ESCOLAR E SALA DE LEITURA: NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES INFANTIS". Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na linha de Currículo, formação e práticas pedagógicas, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 27 de março de 2024

Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima

Prof/a. Dr/a. Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima Orientador/a - UEFS

Leila Damiana Almeida dos Santos Souza Primeiro

Prof/a. Dr/a. Leila Damiana Almeida dos Santos Souza Primeiro/a Examinador/a - UFRB

Leomárcia Caffé de Oliveira Uzêda

Prof/a. Dr/a. Leomárcia Caffé de Oliveira Uzêda Segundo/a Examinador/a - UEFS

RESULTADO: Aprovada

Av. Transnordestina, S/N – Novo Horizonte Feira de Santana – Bahia – Brasil

Home Page: <http://www.ppge.uefs.br/> / E-mail: ppge@uefs.br / Telefone: (75) 3161-8871

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Silva, Maria Alice Carneiro Moraes
S581b Biblioteca Escolar e Sala de Leitura: narrativas docentes sobre a formação de leitores infantis / Maria Alice Carneiro Moraes Silva. - 2024.
111f.: il.

Orientadora: Rita de Cássia Breda Mascarenhas de Lima

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Biblioteca escolar. 2. Sala de leitura. 3. Leitura. 4. Mediação de leitura. 5. Leitores na infância. I. Lima, Rita de Cássia Breda Mascarenhas de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 027.8:028

"Eu sempre usei livro pra tudo: Pra saber ler, pra alargar pé de mesa, pra aprender a usar a imaginação, pra enfeitar sala, quarto, a casa toda, pra ter companhia dia e noite, pra aprender a escrever [...]"

(Lygia Bojunga)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu grandioso Deus por ter me permitido chegar até aqui, por suas promessas se concretizarem em minha vida, por segurar em minha mão o tempo todo fazendo-me perceber que nunca estive só.

À minha família, pelo apoio, por compreenderem meus momentos de ausência em busca dessa grande conquista.

A Alexandre, meu primogênito, pelas constantes vezes que me acordou dormindo em cima dos livros, me conduzindo ao quarto. Obrigada, filho, pelo cuidado para comigo.

A Ray e Gú, meus filhos gemelares, pela companhia e carinho o tempo todo; Ray me acompanhou em alguns momentos de orientação, e Gú, participou de algumas ações do estágio docente, além de estar presente na minha qualificação. Como foi importante tê-los ali pertinho a mim! Vocês e Xande são minha inspiração a prosseguir.

À minha amada mãe, pelo exemplo de mulher que é! Com ela aprendi a conquistar o meu espaço, a ser justa, verdadeira e tantos outros valores. Meu exemplo de fé e determinação. Mainha, eu consegui, viu? Obrigada, meu amor.

Ao meu pai, por sempre acreditar e se orgulhar de mim; pela sua herança poética em minha veia a qual me conduziu a ser cordelista. Meu exemplo de humor, mesmo em meio as dificuldades; com ele aprendi a sorrir sempre. Obrigada, Chico! Vamos poetizar o mundo?

Ao meu irmão pela amizade, companheirismo e por caminharmos juntos “entre livros”.

Ao meu esposo pelo apoio e compreensão ao longo da jornada.

À Equipe do EMEI Judite Alencar Marinho pelo incentivo e torcida.

À Rejane, pela escuta ativa, pela disponibilidade e cuidado em todo o tempo.

À Cristiane, minha grande amiga e incentivadora ao mestrado, pelas trocas diárias no trabalho, nos grupos de estudo e na vida. Você foi fundamental para o alcance dessa conquista.

À Daniela Barreto, por ser inspiração, pelas constantes ajudas e por não ter me deixado desistir. Você é luz!

À Milena, pela parceria e por toda paciência e prestatividade no processo do CEP. “Em todo o tempo ama o amigo e para a hora da angústia nasce o irmão”.

À Géssica, por ser tão afetiva e generosa.

Ao Grupo Formação de Mediadores de Leitura e ao Núcleo de Leitura e Multimeios da UEFS, pelas constantes trocas, por aguçar ainda mais meu encontro com a literatura e ser estímulo para concretização do meu objeto de estudo.

À Marlete, pela mão amiga, companheirismo e constantes risos.

À Antônia, pelas partilhas e amizade. Foi maravilhoso caminhar contigo.

Ao professor Pedro Paulo, pelo olhar acolhedor, disponibilidade e pelos tantos ensinamentos ao longo da jornada.

A René, pelas sugestões de literatura e por ser um exemplo de leitor.

À Líliam, Jozélia e Lindaura, pelo carinho e contribuições dadas.

As crianças do EMEI Judite Alencar Marinho, por me fazerem a cada dia ser mais apaixonada pela educação e pelas tantas vivências que contribuem para a profissional que sou.

À Elúzia, por vibrar com cada conquista minha, pelo amor, amizade e pelas palavras sábias. Como é bom contar com você!

Ao Grupo de pesquisa ELUFOTEC, pelo incentivo na área acadêmica e constante aprendizado.

À professora Leila Damiana pelas ricas sugestões na banca de qualificação, pela sua dedicação, gentileza, afetividade, e pelo seu olhar para as infâncias, que agregaram a esta pesquisa.

À minha querida Turma do Mestrado 2022 por serem parte dessa grande etapa de minha vida, por aprender com as discussões de nosso grupo, pela companhia nos almoços, nos risos, por juntos acendermos a chama do “Reverberar”!

À pró Malena por ser um ícone na área de leitura, uma inspiração, a qual eu tenho o privilégio de conviver, admirar e aprender constantemente.

As professoras Jaqueline, Fabíola e o professor Fábio, pelos aprendizados ao longo das disciplinas.

Aos (as) queridos (as) estudantes do curso de Pedagogia do meu estágio docente, foi fantástico estar com vocês! Nossas partilhas e vivências de jogos e brincadeiras contribuíram muito à minha caminhada. Obrigada por tardes tão significativas.

Ao CMEI “Jardim da leitura” (nome fictício), por abrir as portas para esta pesquisa. Agradeço imensamente a gestora desse espaço pelo acolhimento e

prestatividade assim como as professoras que gentilmente contribuíram com a pesquisa. Vocês fazem parte desse trabalho. Muito obrigada!

À professora Leomarcia Uzêda, pela oportunidade de fazer o estágio docente em sua disciplina e aprender tanto contigo, sobretudo, pelo momento tão delicado de sua vida... Com você, aprendi a ser mais leve em meio às intempéries... Foram tardes brincantes e apaixonantes! Gratidão também pelas valiosas sugestões na banca de qualificação e pelo seu olhar poético.

À minha querida orientadora Rita Brêda! Caminhar ao teu lado é respirar a essência literária! Os contos, as crônicas, os romances, a poesia, o encantamento que tanto defendemos e que aguça os sentidos... Obrigada, pró Rita, pela paciência, escuta ativa, olhar sensível. Conseguimos!!! Gratidão, sempre.

RESUMO

A leitura é importante para a formação do indivíduo desde a mais tenra idade e a biblioteca escolar, assim como a sala de leitura, são espaços oportunos para a constituição do leitor. Nessa perspectiva, a presente pesquisa elegeu como questão central do estudo: Quais percepções e práticas docentes desenvolvidas nos espaços da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura contribuem para a formação de leitores infantis? Como objetivo geral analisar como as professoras concebem a formação de leitores infantis no ambiente da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura no espaço de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) no município de Feira de Santana. Como objetivos específicos, investigar a contribuição da Biblioteca Escolar e da Sala de Leitura no processo de formação leitora dos (as) estudantes e identificar as práticas de mediação de leitura desenvolvidas pelas professoras para formação de leitores infantis. Como percurso metodológico a pesquisa ancorou-se numa abordagem qualitativa, tendo o estudo de caso como método de investigação e para geração de dados optou-se por entrevistas semiestruturadas, diários de campo e questionários; as colaboradoras da pesquisa foram professoras dos grupos 3 e 5 do CMEI em estudo. Para análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo pautado em Bardin (2020). Dentre os referenciais teóricos que ancoram essa pesquisa destacam-se Campello (2012), Milanesi (2013), Lima (2017, 2023), que trazem reflexões sobre a biblioteca e o seu contexto histórico; sobre a importância da leitura e formação do leitor, as contribuições de Cândido (2011), Petit (2008, 2019), Fragoso (2002), Colomer (2007), Lajolo (2002); Zilberman (2003, 2017); sobre as políticas públicas para a biblioteca, Oriá (2017), Manifesto da IFLA/UNESCO, entre outros. Assim, esse estudo se debruça no olhar para a Biblioteca e Sala de Leitura nos CMEIs com foco nas contribuições das narrativas docentes para a formação de leitores na infância, sobretudo, tendo a leitura como forma de fruição. Os achados da pesquisa revelaram que o acervo do CMEI necessita contemplar as especificidades das faixas etárias e ampliar na perspectiva da pluralidade dos gêneros literários e das literaturas, como literaturas negras, indígenas, entre outros; revelou que a lei 12.244/2010 não foi efetivada no prazo estipulado; as leituras docentes necessitam de maiores investimentos em leitura literária. Dessa forma, essa pesquisa visa contribuir para que as discussões aqui apontadas possam reverberar para que os espaços de Sala de Leitura e Biblioteca Escolar, sejam estruturados e organizados de forma a democratizar a leitura, e sendo a criança um ser de direito, a começar pelos espaços dos CMEIs.

Palavras-chave: Biblioteca escolar; sala de leitura; leitores na infância; mediação de leitura; leitura.

ABSTRACT

Reading is important for the development of the individual from an early age and the school library, as well as the reading room, are opportune spaces for the formation of the reader. From this perspective, this research chose as the central question of the study: What perceptions and teaching practices developed in the spaces of the School Library and Reading Room contribute to the formation of child readers? The general objective is to analyze how teachers conceive the training of child readers in the environment of the School Library and Reading Room in the space of a Municipal Early Childhood Education Center (CMEI) in the municipality of Feira de Santana. As specific objectives, investigate the contribution of the School Library and the Reading Room in the process of student reading training and identify the reading mediation practices developed by teachers to train child readers. As a methodological path, the research was anchored in a qualitative approach, using the case study as an investigation method and for data generation, semi-structured interviews, field diaries and questionnaires were chosen; The research collaborators were teachers from groups 3 and 5 of the CMEI under study. To analyze the data, content analysis based on Bardin (2020) was used. Among the theoretical references that anchor this research, Campello (2012), Milanese (2013), Lima (2017, 2023) stand out, which bring reflections on the library and its historical context; on the importance of reading and reader training, the contributions of Cândido (2011), Petit (2008, 2019), Fragoso (2002), Colomer (2007), Lajolo (2002); Zilberman (2003, 2017); on public policies for the library, Oriá (2017), IFLA/UNESCO Manifesto, among others. Thus, this study focuses on looking at the Library and Reading Room at CMEIs with a focus on the contributions of teaching narratives to the formation of readers in childhood, above all, with reading as a form of enjoyment. The research findings revealed that the CMEI collection needs to consider the specificities of age groups and broaden the perspective of the plurality of literary genres and literatures, such as black and indigenous literatures, among others; revealed that law 12,244/2010 was not implemented within the stipulated deadline; teaching readings require greater investment in literary reading. In this way, this research aims to contribute so that the discussions highlighted here can reverberate so that the Reading Room and School Library spaces are structured and organized in a way that democratizes reading, and the child is a being with rights, starting with CMEI spaces.

Keywords: School library; reading room; childhood readers; reading mediation; reading.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura-Estante de Livros.....	56
Figura 2 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura - TV e Fantoques	56
Figura 3 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura-Estantes Baixas.....	57
Figura 4 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura-Varal de Livros.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos que se aproximam do objeto de estudo	21
Quadro 2 - Dissertações e teses que se aproximam do objeto de estudo	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTP	- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CMEI	- Centro Municipal de Educação Infantil
EMEI	- Escola Municipal de Educação Infantil
FUNTITEC	- Fundação Municipal de Tecnologia da Informação e Telecomunicações
I.E.G.G	- Instituto de Educação Gastão Guimarães
FLIFS	- Festival Literário e Cultural de Feira de Santana
IFLA	- Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições
INAF	- Indicador de Alfabetismo Funcional
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
PNBE	- Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE	- Plano Nacional de Educação
PME	- Plano Municipal de Educação
PPP	- Projeto Político Pedagógico
SEDUC	- Secretaria Municipal Educação de Feira de Santana
SISBI	- Sistema Integrado de Biblioteca
SNBE	- Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares
UATI	- Universidade Aberta da Terceira Idade
UEFS	- Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	REGISTROS DE UMA TRAJETÓRIA.....	13
1.1	Das memórias de leitura ao início da pesquisa.....	19
2	BIBLIOTECA ESCOLAR E SALA DE LEITURA: REVISITANDO CONCEITOS	26
3	LEITURA E LEITORES: INFÂNCIAS E MEDIAÇÃO NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR E SALA DE LEITURA	39
3.1	Pensar as Infâncias: uma breve tessitura histórica	43
4	TRAÇANDO CAMINHOS DA PESQUISA	51
4.1	Contexto da Pesquisa.....	54
4.2	Sujeitos da Pesquisa	57
4.3	Procedimentos da Pesquisa	58
4.4	Análise dos dados	59
5	VOZES QUE SE CRUZAM E SE ENTRELAÇAM: ANÁLISES DA ESCUTA DOCENTE.....	62
5.1	Trajetórias Docentes: o impacto das experiências leitoras.....	64
5.2	Qualidade no acervo: Uma busca necessária.....	71
5.3	Ações da sala de leitura no CMEI.....	79
5.4	O professor e a Leitura Literária: formando-se para formar	84
6.	RETOMANDO ROTAS: UM PERCURSO A PROSSEGU(IR).....	92
	REFERÊNCIAS	97
	APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ACADÊMICO PESQUISADOR	103
	APÊNDICE B – MODELO DE CARTA DE ANUÊNCIA.....	104
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	105
	APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO	107
	APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	111

1 REGISTROS DE UMA TRAJETÓRIA

Memórias de Leitura

Do baú de minha infância
 Recheado de memória
 Entre letras e gravuras
 Um lindo livro de história
 Foi empréstimo da pró
 Despertou minha trajetória

Com apenas 7 anos
 Família sem condição
 O fascínio literário
 Fez pulsar meu coração
 Bom dia todas as cores!
 Vibrei com o camaleão

E na casa duma prima
 Com recursos de montão
 Tive acesso a seus livros
 Com grande satisfação
 E brincávamos de escola
 Oh que doce tradição...
 (Alice Moraes)

Com esse texto poético de minha autoria, me remeto ao meu primeiro contato com a literatura. Entre os anos de 1982 a 1989 estudei em dois colégios estaduais do município de Feira de Santana que seguiam uma proposta tradicional, onde o professor era o detentor do saber. Nessa época, o processo de ensino e aprendizagem tinha prioritariamente como foco as notas, não havia preocupação aparente com a apreensão de saberes. As boas pontuações obtidas eram sinônimo de aprendizagem, validavam a letra impecável, o comportamento exemplar (aqueles que ficavam quietos). Os textos que eu tinha acesso eram os fragmentos utilizados para fins de interpretação ou quando usados nas provas; não me recordo de ler livros completos. As relações estabelecidas no espaço escolar foram marcadas pela não proximidade, ou seja, professores (as) e alunos (as) assumindo lugares distintos e muitas vezes distantes. Assim, quando não compreendia as leituras realizadas não tinha coragem de falar sobre a não compreensão, pois a resposta do (a) professor (a) intimidava aqueles que se arriscavam.

Dessa forma, os tímidos tornavam-se mais introspectivos; porém, para o sistema escolar, esses representavam os (as) alunos (as) exemplares, “bem-comportados (as)”. Essas memórias me fazem pensar que esse era o modelo escolar desejado.

Nessa perspectiva, eu era uma dessas crianças de “bom comportamento”, não conversava durante a aula, possuía letra bonita, cumpria todas as atividades (nem sempre compreendidas) e numa dessas aulas, a professora da turma da 1ª série (nomenclatura usada naquela época) anunciou que iria emprestar por uma semana um livro de história para os (as) alunos (as) que tivessem bom comportamento. Naquela semana eu fora a escolhida e, com as devidas recomendações, as quais eram reforçadas para minha mãe, levei para casa o livro “Bom dia todas as Cores”, de Ruth Rocha.

Tamanho foi meu encantamento com as gravuras do livro! O camaleão ia mudando de cor e as letras e ilustrações mexiam comigo de tal forma que minha mãe, percebendo minha curiosidade pelo texto, me auxiliava na leitura, tendo em vista que eu estava no processo de letramento e ansiosa pelo final da história. Muito entusiasmada, li e reli com este auxílio durante toda a semana! Se eu pudesse aquele livro ficaria comigo para sempre! Como almejei ser um presente ao invés de empréstimo... Sem condições e também sem outros estímulos literários, aquele livro ficou na minha mente. Houve também o desejo ardente de, quem sabe em outra ocasião, ter novamente uma literatura em mãos. Fazendo alusão ao conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector (1981), senti-me como a protagonista desse escrito que, ao receber o livro que tanto sonhara, saiu andando devagar, segurando o livro com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito, com coração pensativo e radiante ao apaixonar-se pela literatura.

No Ensino Fundamental I, lembro-me que não tive mais acesso a literaturas na escola, mas na casa de uma prima havia livros, revistas, gibis e, junto com as primas, brinquei de escola com frequência. Na adolescência, quando ingressei na turma da oitava série, estudei alguns romances, dentre estes, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos; “A Turma da Paquera”, de Pedro Bloch e “Teu Pai te Ama”, de Silvia Alves. Confesso que os acessos a esses romances me fascinavam, mas nem todos/as os/as estudantes tinham condições financeiras para adquiri-los. Eu era uma dessas. Como estratégia, a professora dividia a turma em pequenos grupos; cada grupo ficava com um romance para ler e os (as) colegas que adquiriram, emprestavam para os demais. Na data acordada havia as socializações por meio de roda de conversa e dramatizações. Foram belos momentos de partilha literária.

Ainda nesse período, essa mesma professora lançou como desafio para a turma a escrita de um poema; eu já tinha um certo talento para rima, apesar de só

descobrir isso depois. Elaborei meu poema ainda timidamente, mas fiquei muito triste, pois a professora achou que os versos não eram meus. O mesmo aconteceu com outros colegas. O meu potencial foi subestimado e isso gerou grande descontentamento, além da vergonha perante o grupo. Eu não tinha coragem de contestar, afinal, naquela época o (a) professor (a) era a “extrema autoridade” e me senti inibida. Porém, essa situação não teve impacto negativo na paixão literária que em mim habitava. No mesmo ano fui contemplada num concurso de poema da Revista Reflexão e Vida (revista de estudos bíblicos para adolescentes que circulava a nível nacional), onde o mesmo foi publicado na contracapa da referida revista, sendo de grande alegria não só para mim, mas para muitas pessoas do bairro que me conheciam, sobretudo da comunidade escolar.

A partir desses episódios tão antagônicos, a leitura e a escrita foram se acentuando na minha trajetória. Ressalto que o acesso aos livros, às histórias de fotonovelas, romances, dentre outros, compartilhados por minha prima, muito me auxiliaram para imersão no mundo da literatura. Eu também tinha um diário que favoreceu a escrita, a memória afetiva, expressão de pensamento e, posteriormente, a criação de versos que exalavam rimas e cadência. Com a notícia da publicação do poema na revista, as colegas da escola solicitavam que eu escrevesse poemas para darem a seus namorados; fiz vários, mas nunca assinei pelos mesmos, meus escritos eram assinados por estas colegas, que assumiam a autoria de textos românticos como forma de conquistarem seus pares. Quando ingressei no magistério (curso ofertado no Ensino Médio de caráter profissionalizante) a escrita se fortaleceu ainda mais com os estudos, a menina sonhadora tornar-se-ia uma professora!

Estudei no Instituto de Educação Gastão Guimarães¹ (I.E.G.G), um colégio consagrado na cidade de Feira de Santana por sua excelência no ensino. Foi fundado em 01 de junho de 1927, sendo inicialmente uma das quatro escolas sedes do Ensino Normal² no estado. As pessoas não só da cidade, mas também da região, tinham o

¹ O Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG) substituiu a Escola Normal e recebeu esse nome em homenagem ao antigo diretor e professor da escola Normal. O instituto foi de suma importância para Feira de Santana enquanto formador de professores e também possibilitou o crescimento da cidade, visto que muitas famílias de cidades circunvizinhas ao trazerem suas filhas para fazerem o referido curso, fixavam residência na cidade e traziam seus negócios. Para saber maiores detalhes sobre a história do Instituto de Educação Gastão Guimarães, acessar a dissertação “Histórias de Mestras: o sentido de ser professora do Instituto de Educação Gastão Guimarães”, de autoria de Rita de Cássia de Oliveira Carneiro, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia.

² Previsto no artigo 119 da Lei 1.846, de 14 de agosto de 1925.

prazer em estudar nesta instituição e, por estímulo da família, eu adentrei no tão sonhado Gastão. Uma das incentivadoras, minha mãe, salientava: “Seja professora, pois nunca ficará desempregada”. Era tradição o estímulo familiar para o curso de magistério pelo fato de sempre existirem escolas à procura de professores (as). Porém, para além de um emprego, a missão do educar era latente em mim, com dinamismo, compromisso, olhar e escuta sensível. Por intermédio de minha mãe, meu primeiro emprego foi na escola Recanto Infantil; estudava em um turno e era auxiliar de classe no outro. Me recordo dos clássicos que eram contados para as crianças e de como os livros suscitavam prazer e tantas descobertas!

Nesta caminhada profissional, a literatura se fez presente, principalmente por saber de sua importância na infância. As contações de histórias atraíram e atraem ainda hoje as crianças, possibilitando emaranhar-se num mundo mágico, fantasioso, cheio de conquistas. Assim, pude perceber o quanto o trabalho com a literatura infantil favorece a formação de leitores e amplia possibilidades de compreensão e aprendizado por meio dos textos. Aguiar (2013) salienta que a obra literária caracteriza a consciência pautada no mundo concreto onde as ações dos humanos são dotadas de sentido, não sendo reflexo da mente por meio de palavras, mas de uma interação criadora. Essa interação também se configura por meio da linguagem escrita onde oportuniza à criança ampliar seu conhecimento de mundo. Dessa forma, investir na formação de leitores requer propostas que agucem o prazer, a descoberta e a sensibilidade, portanto, sem a cobrança da leitura obrigatória, meramente didática.

Tomando como experiência o início da minha carreira docente, lecionei numa turma de 1º ano (antiga classe de alfabetização), onde a proposta de ensino estava ancorada numa perspectiva de abordagem tradicional. Dessa forma, ler por prazer era raro, a leitura era pautada na obrigatoriedade das lições que, apesar de contribuírem com o processo da decodificação das palavras, não despertavam o encantamento, o desejo pela mesma, era tão somente o ler por “ler”. Assim, como o fascínio que a criança tem pelo brincar, a leitura deve proporcionar alegria, emoção, o querer o livro, deve fazer parte do cotidiano infantil tal qual a brincadeira. Nesta perspectiva, Sousa (2018), aponta que:

[...] a leitura não deve ser imposta, nem tampouco escolarizada, pois a criança deve ver nela uma oportunidade de conhecer o outro lado da janela, de viver experiências novas, de envolver-se com o desconhecido. A imposição, a obrigatoriedade de determinada leitura, sabemos, além de minar o seu

trabalho, pode causar uma reação contrária à desejada, criando um não leitor (Sousa, 2018, p. 117).

A leitura por prazer possibilita a exploração do livro dotada da singularidade que impulsiona as escolhas, portanto, propor mediações com contextos significativos que agucem o imaginário, o desejo pelo livro, deve ser assumido pela escola como tarefa cotidiana. Retomando a minha trajetória, ao longo das experiências escolares e com os constantes estudos, muitas inquietações surgiram ao perceber como a literatura é comumente apresentada à criança. Além das inquietações, veio a certeza de que urge mudanças para a formação do leitor.

No exercício da profissão, também estive na coordenação pedagógica, função esta de acompanhamento dos processos de ensino-aprendizagem, orientação aos docentes, atendimento aos pais e alunos, formação continuada à equipe, entre outros. Esta experiência foi muito significativa para mim, a partilha de conhecimentos, discussões de propostas na busca de melhorias, olhares para a coletividade. Com essa experiência, pude perceber o processo transformador da leitura por prazer.

A busca de estratégias e oportunidades para a competência da leitura me fez refletir sobre muitas vivências que oportunizaram melhorias nos espaços em que atuei e atuo. Em novas propostas, pude contemplar grandes projetos voltados ao incentivo à leitura, as mediações feitas na biblioteca escolar, assim como nos cantinhos de leitura da sala. Estas vivências passaram a ter significado para as crianças, era comum como um brinquedo, vê-las no tapete folheando literaturas, criando e recontando histórias, verbalizando suas experiências enquanto leitoras, muitas vezes, para além do espaço escolar. Assim, propiciar um ambiente com biblioteca, sala de leitura, empréstimo de livros, indicações literárias, saraus, contato com autores, criação de histórias, visita a espaços literários e tantas outras propostas oportunizaram a competência leitora às crianças.

Ao desligar-me da rede privada e passar a atuar como professora da rede pública de Feira de Santana, no segmento da Educação Infantil, na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Judite Alencar Marinho, escola situada em bairro periférico, o trabalho com a leitura seguiu essa constância, porém, o estímulo literário dessas crianças se limitava, em sua maioria, ao que a escola oferecia. Passei a ver diante dos meus olhos a mesma situação que vivi na infância, ou seja, o primeiro contato com as histórias acontecendo para essas crianças na escola. Dessa forma, percebe-se quão importante são as propostas literárias na comunidade escolar. Neste

exercício, oportunizar às crianças o contato com poesias e cordéis, sobretudo como valorização da cultura popular, além de tantos outros gêneros literários, os quais despertam nas mesmas a atração pelo livro e o contentamento com as contações.

No ano de 2021 ingressei no grupo de Mediadores de Leitura, ação que integra o Projeto de Extensão: Leitura Itinerante: uma alternativa para mobilização de leitores, aprovado pela Resolução CONSEPE 109/2009, projeto vinculado ao Núcleo de Leitura e Multimeios (NLM), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Os encontros formativos acontecem mensalmente com a equipe de docentes da escola Municipal Regina Vital e com professoras da Escola Municipal de Educação Infantil Judite Alencar Marinho, ambas no município de Feira de Santana. Essa proposta de formação continuada, acentuou e vem acentuando ainda mais a minha formação leitora e contribuindo para reflexão e trocas de saberes do fazer pedagógico.

Por meio das discussões literárias proporcionadas nos encontros do Núcleo de Leitura, venho ampliando conhecimento, criticidade, novas ideias e repertório teórico e literário. Neste grupo, posso rever minhas práticas, fortalecer o papel enquanto cidadã e educadora. Os estudos foram iniciados com os fascículos disponibilizados no Curso de Extensão (online) sobre Formação de Mediadores de Leitura da Fundação Demócrito Rocha³, com objetivo de aprofundar as questões teóricas sobre a leitura e das ações voltadas para a mediação. Os mesmos aconteceram de forma virtual pela plataforma *Google Meet*, devido ao período pandêmico, com discussões de doze fascículos do referido curso. Após essa formação prosseguiu-se os estudos com obras literárias e com obras teóricas que proporcionaram riquíssimas discussões e reflexões. Dentre os livros lidos e compartilhados, destaco: “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, o qual retrata a vida de uma favelada, logo uma vida sofrida e marginalizada em meio à fome, discriminação, violência e ausência de políticas públicas para a população que vive em bairros periféricos; “Torto Arado”, de Itamar Vieira Júnior, acentuando as tantas marcas fruto da escravidão e duma sociedade desigual; “O Ato de Ler” de Michelle Petit, que traz relatos do quanto a leitura transforma o ser humano sobretudo em contextos desafiadores. Essas foram algumas entre tantas obras estudadas.

³ A Fundação Demócrito Rocha (FDR) é um espaço coletivo, democrático, de compartilhamento de ideias e ações que promovem o desenvolvimento humano sustentável. Leva o nome do fundador do Jornal O Povo e tem parceria do poder público com a iniciativa privada. Educação e Cultura são seus campos de atuação. Disponível em: <https://fdr.org.br/sobre/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Face a esta trajetória, cada experiência vivenciada aguçou ainda mais o meu olhar para a importância da leitura e de como esta deve fazer parte da rotina dos educadores e conseqüentemente das crianças. Trouxe para o estudo as memórias construídas sobre as escolas que estudei, as visitas às bibliotecas, os espaços de trabalho, o contato com a literatura, refletindo sobre suas implicações para a pesquisa.

1.1 Das memórias de leitura ao início da pesquisa

Seguindo a busca por formação, hoje me encontro como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEFS. No referido Programa venho desenvolvendo o presente estudo, e, dessa forma, a partir das memórias descritas, tomo como objetivo geral: analisar como as professoras concebem a formação de leitores infantis no ambiente da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura no espaço de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) no município de Feira de Santana. Como objetivos específicos: investigar a contribuição da Biblioteca Escolar e da Sala de Leitura no processo de formação leitora dos (as) estudantes e identificar as práticas de mediação de leitura desenvolvidas pelas professoras para formação de leitores infantis.

Tendo em vista a importância da leitura na infância é que esse estudo terá como *locus* um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado na cidade de Feira de Santana- Bahia, que atende crianças de 0 a 5 anos, primeira etapa da educação básica e que funciona em turno integral. A realização dessa pesquisa surge das minhas vivências e inquietações sobre as práticas desenvolvidas para formação do leitor face ao uso da biblioteca escolar e sala de leitura no espaço de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), a fim de contribuir para o efetivo exercício de uma comunidade de leitores por meio das ações docentes, visto que muitas crianças só têm acesso a literatura através da escola, sendo esse espaço potencializador para efetividade deste direito. Dessa forma, surge a questão norteadora que fomenta esse estudo: Quais as percepções e práticas docentes desenvolvidas nos espaços da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura contribuem para a formação de leitores infantis?

A luta e defesa por bibliotecas e salas de leitura como espaços vivos nos ambientes escolares, para além do meu compromisso e engajamento social, se respalda na perspectiva de que esses espaços sejam continuamente promotores da leitura e que desperte a criticidade sem perder de vista a fruição. Ressalto a

importância desse estudo para mobilização de ações que fortaleçam o olhar para a biblioteca e sala de leitura no CMEI, oportunizando propostas eficazes à criança, o estímulo da imaginação, criatividade, oralidade, cognição e tantas outras habilidades, favorecendo a formação de leitores na infância. Assim, essa pesquisa se ancora em Campello (2012), Milanesi (2013), Lima (2017, 2023), trazendo reflexões sobre a biblioteca e o seu contexto histórico; sobre a importância da leitura e formação do leitor, destaco as contribuições de Cândido (2011), Petit (2008, 2019), Fragoso (2002), Colomer (2007), Lajolo (2002); Zilberman (2009, 2017); sobre as políticas públicas para a biblioteca, as referências são: Oriá (2017), manifesto da IFLA/UNESCO, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), dentre outros.

Para aprofundar os conhecimentos acerca do objeto da pesquisa, realizei um breve estado da arte, e para isso foi feito um levantamento no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Para tanto, utilizei os seguintes descritores: Biblioteca Escolar; Sala de Leitura; Formação do Leitor; Leitores na Infância. Fiz um refinamento dos trabalhos com recorte de tempo de 2015 a 2023. No portal de Periódicos da CAPES foram encontrados, a partir de cada descritor, os seguintes resultados: Biblioteca Escolar 63 trabalhos; Sala de Leitura: 43 trabalhos; Formação do Leitor: 75 trabalhos; Leitores na Infância: 12 trabalhos. Assim, apresento nos quadros abaixo (Quadros 1 e 2) as pesquisas que mais se aproximaram do meu objeto de estudo, elencando o tipo do documento, o tema, o autor, a instituição e as palavras-chaves. Essas produções foram necessárias para o aprofundamento da temática pois as leituras ajudam a ter contato com múltiplas visões, contribuindo para uma pesquisa mais consolidada.

Quadro 1 - Trabalhos que se aproximam do objeto de estudo

TIPO DE DOCUMENTO	TEMA	AUTOR	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVES
Artigo Publicação: (Folha de Rosto, v.3, ed. Especial)	Biblioteca Escolar e Mediação da Leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor	Antônia Janiele Moreira da Silva; Aline Quesado Alencar; Maria Cleide Rodrigues Bernardino	Universidade Federal do Cariri	Contação de História; Mediação de Leitura; Biblioteca Escolar
Artigo Publicação: (Caderno de Pesquisa Pensamento Educacional, v.17, n.45)	Políticas Públicas para Biblioteca Escolar na Educação Infantil: uma análise	Marina Moreia Oto João Petry	Universidade do Estado de Santa Catarina; Universidade Federal da Fronteira Sul	Políticas Públicas; Biblioteca Escolar; Educação Infantil
Artigo Publicação: (RDBC- Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v.20, n.00)	Mediação Cultural na Biblioteca Escolar e o Bibliotecário Infoeducador	Hélio Márcio Pajeú; Arthur Henrique Feijó de Almeida	Universidade Federal de Pernambuco	Bibliotecas Escolares; Acesso à Biblioteca; Bibliotecários; Políticas e Ações de Informação

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações retiradas do banco de dados da CAPES.

O levantamento dos trabalhos é muito importante, pois traz contribuições necessárias ao pesquisador ampliando o olhar para novas propostas, para as metodologias e estratégias aplicadas. Assim, dentre os trabalhos analisados, destaco o artigo de Silva, Alencar e Bernardino (2018), que apresenta os benefícios da contação de história e da mediação no contexto da Biblioteca Escolar e o papel do bibliotecário enquanto mediador, o qual deve ser um leitor competente e contribuir para um espaço dinâmico. Outro trabalho de relevância para este objeto é o artigo de Moreira e Petry (2022), apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, a qual discorreu sobre as políticas públicas para as Bibliotecas Escolares na Educação Infantil, abordando a trajetória histórica das Bibliotecas e as políticas vigentes, que apesar de serem discutidas, são pouco efetivas devido a não continuidade. Também é interessante destacar o artigo “A Mediação Cultural na Biblioteca Escolar e o Bibliotecário Infoeducador”, de autoria de Hélio Márcio Pajeú e Arthur Henrique Feijó de Almeida

(2020) que aborda sobre o percurso da biblioteca brasileira, seu papel enquanto espaço cultural e a necessidade de profissionais capacitados.

Prosseguindo o levantamento no portal da BDTD, após aplicação de filtros os resultados encontrados foram: para o descritor Biblioteca Escolar foram encontrados 48 trabalhos; Sala de Leitura: 57 trabalhos; Formação do Leitor: 63 trabalhos; Leitores na Infância: 9 trabalhos. No quadro abaixo, cito os que mais se aproximam da minha pesquisa.

Quadro 2 - Dissertações e teses que se aproximam do objeto de estudo

TIPO DE DOCUMENTO	TEMA	AUTOR	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVES
Dissertação	A Importância da Biblioteca Escolar na Formação de Leitores	Solange da Silva Souza	Universidade Federal do Pará	Formação do Leitor; Mediação de Leitura; Leitura Literária; Bibliotecas Escolares.
Dissertação	A creche UFF e sua Flor de Papel: uma análise sobre a produção de conhecimento de uma Biblioteca Escolar Infantil	Priscila de Oliveira Dornelles	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Biblioteca Escolar; Literatura Infantil; Creche Universitária; Infância; Educação Infantil.
Dissertação	Biblioteca e Leitura na Escola: Caminhos trilhados para implantação de uma Biblioteca Escolar na Escola Municipal Regina Vital em Feira de Santana - Bahia	Renê Freitas de Sá	Universidade Estadual de Feira de Santana	Biblioteca Escolar; Leitura; Democratização da Leitura; Formação de Mediadores de Leitura
Tese	Bibliotecas Escolares: realidades, práticas e desafios para formar leitores	Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima	Universidade Federal da Bahia	Bibliotecas Escolares; Formação do Leitor; Mediadores de Leitura; Tertúlias Literárias Dialógicas

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações retiradas do banco de dados da BDTD.

A Dissertação intitulada “A importância da Biblioteca Escolar para a Formação de Leitores” (2019b), de Solange da Silva Souza, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, traz uma análise da mediação de leitura feita por professores

articulados com uma biblioteca escolar da rede de ensino de Belém. A pesquisadora trouxe discussões sobre a leitura literária, a qual não deve ser didatizada. Outro ponto importante foi a relevância da Biblioteca Escolar para a formação de leitores e articulações culturais, enfatizando que estas devem acontecer ao longo de todo o processo educacional.

A pesquisa também destacou que a busca pelo acervo é mais frequente com as turmas em que o professor desenvolve propostas de mediação de leitura. Também nos interessou a pesquisa “A Creche UFF e sua Flor de Papel: uma análise sobre a produção de conhecimento de uma Biblioteca Escolar Infantil”, de autoria de Priscila de Oliveira Dornelles (2016), apresentada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação em Educação. O estudo trouxe contribuições acerca do reconhecimento da biblioteca escolar como um espaço de vivências que aproxima as crianças da literatura e propicia experiências e interações com seus pares e os livros, sendo, portanto, um lugar de fomento à leitura e experiências estéticas em que as crianças a explorem não só de forma orientada pelo professor (a), mas também de forma livre.

Outra pesquisa relevante é a de Renê Freitas de Sá (2021), intitulada “Biblioteca e Leitura na Escola: Caminhos trilhados para implantação de uma Biblioteca Escolar na Escola Municipal Regina Vital em Feira de Santana - Bahia”, apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana, no Programa de Pós-Graduação em Educação, tendo como objetivos: conhecer as concepções e interesses dos (as) professores (as) da escola pesquisada assim como identificar os documentos legais para implantação da Biblioteca Escolar como equipamento de aprendizagem sociocultural. A pesquisa retrata sobre a ausência de bibliotecas em muitas instituições escolares, mesmo tendo uma legislação que a regulamenta e que esta realidade traz prejuízos à formação leitora dos (as) estudantes; também enfatiza sobre a necessidade de as bibliotecas desenvolverem atividades voltadas para sua tríplice função: educativa, social e cultural.

Também merece destaque a tese de Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima (2017), apresentada à Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Programa de Pós-Graduação em Educação, intitulada “Bibliotecas Escolares: realidades, práticas e desafios para formar leitores”. A pesquisa evidencia o esvaziamento das bibliotecas devido à ausência do profissional bibliotecário e pouco investimento para formação de mediadores de leitura. Destaca a urgente necessidade da revitalização das bibliotecas

assim como de lutas em prol do cumprimento das políticas públicas para as bibliotecas.

Dessa forma, considerando a quantidade de trabalhos consultados sem o refinamento, existem muitas pesquisas voltadas para a Biblioteca, porém, sobre as Bibliotecas Escolares nos CMEI, não existem muitos estudos, necessitando assim de um olhar mais apurado para a creche e a pré-escola. Portanto, reitero a importância dessa pesquisa para o fomento às bibliotecas no CMEI, prezando por propostas significativas de leitura na Educação Infantil.

Essa dissertação está organizada em 6 capítulos. No início de cada capítulo introduzo à temática com poemas e poesias de cordel, tendo em vista que a arte e a literatura popular fazem parte da minha trajetória e à medida que poetizo cada parte, revivo a importância dessa tessitura literária em que os versos são um convite à novas descobertas, as quais retrato nesta pesquisa.

No primeiro capítulo, escrevo acerca do meu contato com a literatura, as vivências escolares e familiares que despertaram o prazer pelos livros e a fantasia de ser professora a qual tornou-se real, impregnada em contagiar a tantos outros pelo prazer que os livros proporcionam. No segundo capítulo, disserto sobre a biblioteca escolar e a sala de leitura trazendo os respectivos conceitos e a importância das ações para a formação leitora, assim como as dificuldades enfrentadas nas unidades escolares para efetivação das propostas nestes espaços. No terceiro capítulo, discorro sobre as infâncias, o pensar na pluralidade e as ações do mediador na biblioteca e sala de leitura. No quarto capítulo, descrevo o contexto da pesquisa, a metodologia deste trabalho, os instrumentos de produção de dados, os sujeitos, a instituição *locus* assim como a ética na pesquisa e análise dos dados. No quinto capítulo, apresento as análises das entrevistas, os marcos legais que respaldam as bibliotecas escolares, tendo em vista sua importância para ampliação das atividades e cobrança dos órgãos responsáveis pela sua efetivação. O capítulo é composto por 4 categorias: Trajetórias docentes: o impacto das experiências leitoras; Qualidade no acervo: Uma busca necessária; As ações da Sala de Leitura no CMEI; O professor e a Leitura Literária: Formando-se para formar.

Por fim, no sexto capítulo, intitulado “Retomando Rotas: Um percurso a Prosegu(ir)”, apresento as considerações finais trazendo reflexões acerca da temática e os impactos dessa pesquisa, onde os achados revelaram que o acervo do CMEI necessita contemplar as especificidades das faixas etárias assim como a

pluralidade, tendo o olhar para literaturas negras, indígenas entre outros; as salas de leitura estão perdendo espaço para as salas de aula; a lei da biblioteca 12.244/2010⁴ não está sendo efetivada; as leituras docentes necessitam de maiores investimentos em leitura literária.

⁴ Atualmente, tramita um Projeto que altera a Lei das Bibliotecas, cuja proposta prevê a criação de condições jurídicas para que haja a garantia da presença da Biblioteca no âmbito escolar. No entanto, a referida Lei continua válida até o ano de 2024 em decorrência da vigência do PNE até o fim deste ano.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR E SALA DE LEITURA: REVISITANDO CONCEITOS

Memórias da Biblioteca

Da infância à adolescência
 Nos espaços que estudei
 Não havia biblioteca
 Na escola não desfrutei
 Nos momentos de pesquisa
 Ir no centro era pra rei

Tinha que ter o valor
 Para pagar a passagem
 A Biblioteca Arnold
 Me encantou com sua imagem
 Muitos livros para ler
 Com afinho e coragem

Quando visitei a UEFS
 Oh que grande emoção
 Uma Biblioteca imensa
 Que despertou a paixão
 E os livros e leituras
 Chamavam minha atenção...
 (Alice Moraes)

Conforme o cordel acima, nas escolas que estudei no Ensino Fundamental I e II, não existiam bibliotecas escolares e nos momentos de pesquisas a turma se deslocava para o centro da cidade, mais precisamente, para a Biblioteca Municipal Arnold Ferreira Silva. Segundo dados da Fundação Municipal de Tecnologia da Informação e Telecomunicações Egberto Tavares Costa (FUNTITEC), a primeira Biblioteca Municipal da cidade foi fundada no ano de 1890; inicialmente funcionou num casarão e posteriormente ganhou um espaço mais amplo, também no centro. Em 1961 foi denominada como Arnold Ferreira da Silva, sendo inaugurada no ano de 1966. A Biblioteca Arnold Silva conta com um acervo de mais de 15 mil livros e atualmente encontra-se com suas atividades suspensas ao público devido uma reforma iniciada no ano de 2020.

O meu percurso e dos meus colegas para ir a uma biblioteca no centro da cidade tornava-se uma grande aventura! Tudo era novo para o grupo, pois, além do deslocamento com ônibus coletivo muitas vezes era um sacrifício conseguir o valor do transporte), fazer o cadastro, procurar as fichas, percorrer corredores de livros e silenciosamente (o que era difícil para adolescentes naquela euforia) pesquisar e debater sobre os trabalhos que os professores passavam e eram transcritos em folhas

de papel pautado, tudo isto, tornava o dia bem movimentado. Posteriormente, conheci a Biblioteca Central Julieta Carteado⁵ (BCJC), localizada próxima ao bairro Campo Limpo, onde resido. A Biblioteca Julieta Carteado fica dentro do Campus da UEFS, onde ia andando, sem necessidade de custo com transporte. Me sentia maravilhada em meio ao espaço universitário e a diversidade de livros naquela biblioteca.

Esses momentos de pesquisa da minha época de adolescente eram significativos para alguns, mas para outros não eram muito prazerosos, pois a biblioteca apresentada pela escola só tinha o caráter de pesquisar algo para as notas dos trabalhos, ou seja, eram espaços para cumprimento de tarefas exclusivamente escolares. É dessa desconstrução que a escola precisa, de vivências que atribuam significado à biblioteca para além do caráter avaliativo e que a leitura de fato, alcance os/as estudantes com perspectiva formativa transformadora. Já na fase adulta, enquanto professora, fui em alguns momentos com alunos (as) em programações do dia da Biblioteca e do Livro, na Biblioteca Arnold Silva, esses momentos foram significativos para as crianças pois havia uma programação que envolvia contações de histórias, apresentações de música e dança, dentre outros. É preciso o fortalecimento dessas práticas e que as mesmas não se restrinjam apenas às datas comemorativas, mas um contínuo.

Adentrar o espaço da UEFS sempre foi de muita satisfação para mim! Ficava imaginando um dia, junto a estudantes e professores (as), partilhar saberes nesta instituição... Hoje, estar no Mestrado, como aluna da UEFS, mesmo depois de tantos anos, representa a realização de um sonho e a materialização de uma grande conquista. Vale ressaltar que é sempre tempo de aprender e, conseqüentemente, circular saberes e reverberar frutos à sociedade.

Na minha primeira aula de Mestrado, com toda satisfação realizando essa grande conquista, escrevi um poema acerca da minha felicidade e gratidão que foi socializado com a turma, e partilho também nessa pesquisa:

⁵ A Biblioteca Julieta Carteado foi criada em 31 de maio de 1976, como órgão suplementar da Fundação Universidade de Feira de Santana. Ao longo de dez anos, funcionou em local adaptado, tendo seu próprio prédio no ano de 1986. A biblioteca passou a ser chamada de Biblioteca Central Julieta Carteado- BCJC, no ano de 1994, como homenagem póstuma da bibliotecária e diretora Julieta Carteado Monteiro Lopes. Assim, como órgão executivo, esta biblioteca administra as demais do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Estadual de Feira de Santana - SISBI-UEFS. Disponível em: <http://www.sisbi.uefs.br/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PRIMEIRO DIA DE MESTRADO

Olha só onde eu estou!
Primeiro dia do Mestrado
Uma alegria imensa
Transbordando pra todo lado.
Realização de um sonho,
Fruto de determinação
Agora é arar a terra
Até a defesa da dissertação.
Cada um com sua história
Um caminho a percorrer
Mas com grandes orientadores
Os obstáculos vamos vencer
Momentos de luta e também de glória,
Mentes brilhantes, raios de aurora!
Esse é o grande espaço
Da criticidade e do saber
Nós somos UEFS!
Parabéns pra mim e pra você.
(Alice Moraes)

Essa forma poética de manifestar meus sentimentos acerca desse espaço público de formação e construção científica, crescimento intelectual, partilha de saberes, é o espaço que me faz repensar a biblioteca escolar e as salas de leitura no CMEI, tendo em vista a necessidade de maior exploração e ressignificação dos mesmos. Compreender essa importância é saber que a biblioteca é um lugar de livros, pessoas, cultura, registros, práticas e aprendizagem diversas.

Assim, quando guardamos as tantas histórias da humanidade a memória se eterniza, sendo, portanto, um bem para a sociedade. Milanesi (2013) relata sobre o surgimento das bibliotecas que para facilitar a ordenação e os registros de um povo, pensou-se em guardá-los num mesmo local, formando assim as coleções, as quais recebiam visitas e posteriormente devido ao tamanho do acervo foram denominadas de bibliotecas. O desenvolvimento social desses locais era medido pela quantidade de bibliotecas existentes nos territórios, ou seja, o homem percebe quão necessário preservar suas raízes, sua história. Sobre memórias que envolvem as bibliotecas, Milanesi (2013) destaca que:

Em cada unidade de ensino, das primeiras letras ao aprofundamento máximo em áreas distintas, ao lado das aulas voláteis, foram erguidas bibliotecas perenes. Elas, antes de tudo, tiveram o papel de iniciadoras do jovem no âmbito do saber identificado como necessário. É como se entre as gerações fosse determinado: “conheça, amplie e passe adiante” (Milanesi, 2013, p.13).

Esse é um pensamento necessário, que permitiu as bibliotecas expandirem as tantas memórias e que estas não se perdessem ao longo do tempo. Porém, vale ressaltar que os mais pobres, assim como nos dias de hoje, tinham dificuldade de acesso aos livros. Essa é uma realidade que conclama a população a um olhar cuidadoso para as classes sociais e políticas públicas efetivas.

A biblioteca não se configura apenas num espaço de guardar livros, mas, sobretudo, de um desejo, percepção da importância da leitura para a humanidade, pois o conhecimento aponta realidades, perspectivas. Revela-se então, a necessidade de perpetuar as gerações, suas vivências e seus saberes. O espaço da biblioteca propicia conhecimento, formação do leitor, que pensa, interage, suscitando novas descobertas, apreciação da palavra escrita, progresso social, sendo, portanto, um grande bem. Em novembro de 1999 foi elaborado o Manifesto da Biblioteca Escolar pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas (IFLA) o qual teve aprovação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) na sua Conferência Geral. O manifesto aponta que a Biblioteca Escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida, desenvolvendo a imaginação, preparando-os para viverem com responsabilidade.

A biblioteca precisa ser concebida conforme afirma Lima (2017, p.237) como espaço de “múltiplas aprendizagens”, logo um espaço que abarca diversas linguagens, um vasto conhecimento, e tantas outras formas de expressão. É fundamental nesse espaço um acervo que possibilite boas escolhas. Isso fez-me lembrar da época que coordenava uma escola privada, no ano de 2016, e as crianças do quinto ano foram visitar a biblioteca municipal da nossa cidade. Dentre os comentários das crianças, alguns sinalizaram que a biblioteca era um espaço chato pois os livros eram velhos e ali tinham que ficar calados ou falando baixinho. Uma aluna, apaixonada por livros e vendo a situação da biblioteca, também achou ruim a forma que o espaço se encontrava e comentou que iria entregar uma proposta à Prefeitura para que adquirisse livros novos, e assim o fez.

Porém, até o final daquele ano ainda não tinha obtido retorno. Creio que o retorno não veio, mesmo porque foi estudar em outra instituição, visto que iria para o Ensino Fundamental II. Esse olhar das crianças fez-me refletir que sendo este espaço um convite à leitura, precisa ser dinâmico, atrativo, confortável e diverso. É preciso investimento no acervo, no espaço físico e no material humano, afinal, bons mediadores despertam nas crianças o prazer pela leitura e gosto pela biblioteca. No

que tange ao silêncio retratado pelas mesmas onde tal postura é necessária para não incomodar quem está apreciando uma literatura, ou pesquisando, há de se pensar que este espaço não deve ser só provido de quietude. Pois, para além da leitura silenciosa, existem tantas outras propostas que abarcam este cenário, ou, pelo menos, deveriam, tendo em vista que a biblioteca é também, um espaço de promoção da cultura. Lima (2017) retrata que a Biblioteca Escolar representa para alguns [...] “o espaço do encontro com a palavra, com outros mundos, outras culturas, pessoas e ideias diferentes, mas, por outro lado, também pode significar um lugar de ausências” (Lima, 2017 p.231).

Para contrapor essa ideia de que a biblioteca é o lugar da quietude, é importante demarcar que as mediações, as discussões, os encontros poéticos, os recursos tecnológicos, entre outros, devem fazer parte deste ambiente. Faz-se necessário quebrar o silêncio que atravessa gerações, oportunizando interatividade e articulação. Possibilitando assim que a palavra oralizada contribua para que o intelecto e o corpo produzam o movimento necessário que leve a expansão do saber e a multiplicidade de expressão.

Mas, infelizmente, também é frequente muitas escolas utilizarem a biblioteca como forma de punição. Os alunos indisciplinados por vezes são retirados da sala e levados a passarem um tempo na biblioteca. Ora, se um espaço que é incentivado à leitura, ao deleite, é usado para sanções como a fruição alcançará esse/essa estudante? De fato, este espaço será visto como um lugar inóspito e aterrorizante. Quantas posturas precisam ser revistas e qual a importância deste local para a comunidade escolar? Uma reprodução da postura arcaica como esta descaracteriza a funcionalidade da biblioteca, necessitando de ações emergentes que evidencie seu real sentido.

Campello (2012), menciona que o bibliotecário deve ter um olhar apurado sobre a exploração do espaço da biblioteca, em que os estudantes aprendem com os livros e com as informações validando a prática baseada em evidências a qual teve origem no Reino Unido, e pode ser de grande valia nas bibliotecas, partindo do princípio dos resultados de pesquisas para tomadas de decisões, somadas à experiência. Os resultados das pesquisas podem auxiliar os bibliotecários em ações mais efetivas. Muitos não veem o valor da biblioteca e a consideram como algo obsoleto, principalmente com os avanços tecnológicos em que audiolivros, vídeos e tantos outros recursos possibilitam acesso ao mundo literário e da informação sem

necessariamente utilizar o espaço da biblioteca. Mesmo em países mais desenvolvidos, esse espaço não tem seu devido valor e conseqüentemente carece de investimentos adequados. Campello (2012, p.11) menciona que a prática baseada em evidência: “parece especialmente importante para o Brasil, onde o papel da biblioteca na educação é pouco entendido e onde há necessidade urgente de criar e revitalizar bibliotecas escolares”. Essa afirmativa nos remete a tantos espaços em que a biblioteca é tão somente um acúmulo de livros.

O processo de leitura no Brasil ao longo de sua história perpassa inúmeros obstáculos. Silva (2009, p.15) relata que um dos mais frequentes é: “a inexistência de políticas públicas contínuas que contribuam para o aprimoramento cultural, para inserção da população à cidadania”. Assim, compreende-se que não basta apenas a criação de leis e projetos, é preciso ação. Dessa forma, podemos mencionar a Lei 10.753, de 30/ 10/2003, Lei do Livro, que no seu artigo 1º apresenta as seguintes diretrizes:

- I - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;
- II - o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida;
- III- fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro;
- IV- estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros, tanto de obras científicas como culturais;
- V- promover e incentivar o hábito da leitura;
- VI - propiciar os meios para fazer do Brasil um grande centro editorial;
- VII- competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais;
- VIII-apoiar a livre circulação do livro no País;
- IX - capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e promover a justa distribuição do saber e da renda;
- X - instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro;
- XI-propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei;
- XII- assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura.

Desta maneira, podemos destacar que no ano de 2020 houve a proposta da taxaço de livros no Brasil, indo contra a democracia, tendo em vista que a Lei 10.865, que foi aprovada no ano de 2004, isenta a tributação sobre vendas e importaçoes. Num país em que existe grande analfabetismo funcional e desigualdade social, a tributação só dificultaria esse acesso aos livros, pois sabemos que não é só a elite que necessita e tem direito à leitura, mas toda a população e as pessoas de

baixa renda urgem esse acesso enquanto cidadãos. Neste sentido, o referido artigo da Lei do Livro compromete suas diretrizes, ressaltando que mesmo antes da proposta de taxação várias ações já não eram efetivas. Diante da taxação, manifestos foram realizados no país contra essa tributação. Nessa perspectiva, quanto mais pessoas tiverem acesso a livros, a leitura, mas conscientes de seu papel e transformadoras sociais. Assim, também destacamos o Plano Nacional do Livro e da Leitura constituído por meio da Portaria Interministerial nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, através de um contínuo de escuta de vários setores ligados ao processo de leitura onde podemos destacar livreiros, escritores, gráficas, educadores, bibliotecários e tantos outros; é preciso ações para cumprimento desta, dentre outras normativas.

A biblioteca carrega uma fonte de leitura e de saber desde a mais tenra idade; quanto maior o acesso da criança aos livros maior seu desenvolvimento, assim, favorecer o contato com a literatura é despertar sentimentos e oportunizar o fortalecimento do imaginário em que o simbólico permeia um emaranhado de significados. Esse mundo fantasioso acompanha a criança, ampliando as descobertas, a visão de mundo, sendo a leitura um espaço de direito. Lajolo (2002, p. 168) menciona que “A Literatura sempre foi e continua sendo uma poderosa linguagem que formata a fantasia e o imaginário das pessoas. Ela cria desejos e cria necessidades”.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, com coleta em outubro de 2019 e janeiro de 2020, aponta que “é considerado como leitor aquele que leu inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses e não leitor aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses”. A pesquisa evidencia que os leitores no Brasil têm diminuído cerca de 4,6 milhões entre 2015 e 2019, sendo mais acentuada nas classes A (de 76% de leitores para 67%) e B (de 70% para 63%) e entre os que cursaram o Ensino Superior (de 82% para 68%). Também é gritante o Alfabetismo Funcional e os dados do (INAF)⁶ de 2018, apontam que três em cada dez brasileiros entre 15 e 64 anos apresentam essa dificuldade. Ainda segundo a pesquisa, 31% dos brasileiros nunca compraram um livro e 48% não leem, informações extremamente preocupantes que nos conduzem a desafios. No Brasil, esta pesquisa é uma das mais

⁶ O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) é uma pesquisa idealizada em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, realizada com o apoio do IBOPE Inteligência e coordenada pela Conhecimento Social. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

importantes, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro.

Frente a estes dados, observa-se quão necessário a biblioteca escolar e a sala de leitura se torna para o desenvolvimento do leitor. A leitura é libertadora e cabe a escola oportunizar este espaço como fonte de deleite, pois como afirma Cândido (2011):

Se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (Cândido, 2011, p. 177).

A Lei nº 12.244/10, prevê sobre a universalização das bibliotecas na educação básica em escolas da rede pública e privada, vigorando inicialmente com prazo até 2020, no entanto tal meta não foi atingida e a lei foi prorrogada até 2024. Vale ressaltar que o artigo 2º da referida lei, conceitua biblioteca como uma coleção de livros, de materiais videográficos e também documentos registrados em diferentes suportes destinados à consulta, à pesquisa, ao estudo ou à leitura, (Brasil, 2010a). Conforme Oriá (2017), a Lei 12.244/2010 representa avanços no que tange a infraestrutura escolar, porém, assevera que sua efetivação se torna difícil pelas lacunas existentes, entre elas, a não definição dos responsáveis pela implantação das bibliotecas. Essa é uma questão preocupante pois as falhas, quando não revistas, dão margem para que as propostas não se cumpram.

Outro projeto que merece destaque, e urge a mobilização para seu cumprimento, é o Projeto de Lei 9484/18, o qual determina que será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado e altera o conceito de biblioteca escolar, substituindo a palavra “acervo” por “equipamento cultural”, pois a mesma não se configura apenas como local de guardar livros. De fato, a biblioteca vai muito além de guardiã de livros, ela é um espaço de exploração dos mesmos tendo grande importância para o estímulo da leitura e desenvolvimento da criticidade; a prática da leitura desenvolve sujeitos com vasto repertório, conscientes de seu papel. Sobre o ato de ler afirma Bordini (1986):

[...] o ato de ler se completa e gratifica o leitor, tornando-o conivente com outras vidas e outros mundos, obrigando-o a se emocionar, a repudiar, a apaixonar-se, todavia, sem nunca perder o controle consciente da situação de leitura, o que é, talvez, seu maior atrativo, pois permite um diálogo em igualdade de condições (Bordini, 1986, p. 116).

A leitura consegue trazer diversas reflexões e emoções, atraindo os (as) leitores (as), principalmente as crianças, onde a literatura tem grande influência nessa construção. Muitas instituições de educação infantil promovem o contato com o livro por meio da sala de leitura, espaço esse também constituído de acervo literário, porém, um acervo menor e que não existe a figura do bibliotecário para condução das ações neste espaço. A sala de leitura deve ser convidativa, oportunizando ao aluno (a) o envolvimento com a leitura. A disposição dos livros, a organização desse ambiente sugere um encontro prazeroso, que aguça o gosto e, conseqüentemente, a competência leitora. Em muitas escolas a sala de leitura funciona no espaço da brinquedoteca, a qual é constituída de jogos e brinquedos, estantes e/ou varal de livros para o momento da leitura.

Neste sentido, onde a sala de leitura divide o espaço com o da brinquedoteca, deve haver uma rotina bem direcionada para intercalar o dia do acesso aos brinquedos e o dia do acesso aos livros, uma tarefa não muito fácil, tendo em vista que os brinquedos despertam maior interesse em crianças pequenas. Face a esse contexto, também nesse espaço, os livros devem promover o desejo de vislumbrar as histórias; é salutar várias possibilidades e propostas na sala de leitura tal como a biblioteca escolar.

Quando mencionamos no título desta pesquisa e nos seus objetivos os espaços da biblioteca e da sala de leitura a intenção não é para tratá-los como espaços diferentes. Na verdade, como fizemos acima, ao demarcarmos a existência de ambos estamos demonstrando que, mesmo sem o espaço físico da biblioteca, é possível – e necessário – um trabalho de formação de leitores.

Seja qual for o espaço, os projetos de leitura são fundamentais, pois são apresentados diversos autores, propostas como indicações literárias, maleta da leitura, hora da história, entre outras, os quais despertam o interesse que impulsiona o desejo de conhecer novas histórias além de apresentá-las aos colegas quer por meio de reconto ou outras práticas exitosas. O estímulo vem desde os momentos diários na sala de aula, sendo estes de suma importância e convidativo.

Zilberman (2003, p. 16), menciona que as salas de aula são espaços privilegiados “para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”. Dessa forma, pensar esses espaços, é validar o compromisso com a competência leitora e fortalecimento da cultura; nessa perspectiva, Soares (1995, p.

19), menciona que a leitura é “[...] uma forma de lazer e prazer, de aquisição de conhecimentos”.

E sendo a leitura tão importante é mister que as instituições de ensino promovam propostas para o estímulo literário desde a infância. Assim, face ao que esta pesquisa discute, é importante destacar que, considerando as práticas de linguagem como requisito para a construção de situações libertadoras e de exercício de uma cidadania ativa, e com o objetivo de fortalecer a importância da leitura e da escrita na escola, a Secretaria Municipal de Feira de Santana (SEDUC) lançou no ano de 2022 a Campanha de Leitura: “Leituras Plurais, Escritas em Movimento e Leitores em Constru(A)ção”. A proposta da campanha foi que as escolas desenvolvessem seus projetos em torno de um tema com o compromisso de valorização da vida, como cultura de paz, meio ambiente, educação antirracista, entre outros; incentivando assim a competência leitora. O Selo da Campanha homenageou a professora Ana Angélica Vergne de Moraes⁷ (a qual faleceu no ano anterior à proposta), que muito contribuiu com o município de Feira de Santana por meio de ações voltadas à literatura.

Cinquenta e oito escolas se inscreveram para participar do Projeto e todas ganharam certificações que foram entregues no Festival Literário e Cultural de Feira de Santana (FLIFS), no dia vinte e sete de setembro do ano de 2023. Dentre as escolas inscritas, participaram doze CMEIs e alguns socializaram seus projetos no referido festival. Essa proposta pretende que as escolas deem continuidade a novos projetos para futuras socializações. Sendo uma proposta de fomento à leitura, vale destacar a necessidade de expansão da campanha para que todas as escolas da rede possam estar engajadas.

Também para o fortalecimento da leitura é necessário pensar nas mediações, no olhar cuidadoso para a formação do leitor, pautado em ações que requerem o ato de planejar. Colomer (2007) pontua acerca do planejamento escolar para a leitura destacando pontos específicos:

A necessidade de proporcionar aos alunos um espaço habitado por livros, a constatação de que existe certas formas de organizar as aprendizagens escolares que favorecem especialmente a presença da leitura e a conveniência e planificar articuladamente funções, tipos e atividades de leitura de livros na escola (Colomer, 2007, p.116).

⁷ A educadora foi professora fundadora da UEFS, desenvolveu diferentes atividades técnico-científicas de pesquisa na área da Literatura. Sua contribuição se deu à Educação mesmo já estando aposentada, atuando de forma voluntária na Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI/UEFS) e no Núcleo de Leitura e Múltiplos.

Dessa forma, as propostas de leitura devem ser contínuas no ambiente escolar, os planejamentos focados nessa construção em que envolva toda a instituição e não apenas grupos isolados, pensar na coletividade, no compartilhamento de boas ideias para que haja êxito. Colomer (2007, p.117) salienta a necessidade dos (as)estudantes viverem em um ambiente permeado de livros e com variadas perspectivas, princípio que já é debatido, mas necessita de ações, ressalta ainda que “parece óbvio, mas continua não o sendo na prática”. Porém, para que muitas ações aconteçam, a escola necessita de rede de apoio, em que as instâncias governamentais invistam em bons acervos, infraestrutura para as bibliotecas, valorização cultural.

É importante evidenciar que muitas crianças não têm interesse pelos espaços de leitura devido a condução da obrigatoriedade da decodificação de símbolos gráficos, ou seja, o caráter atribuído ao espaço e as práticas da leitura algumas vezes não sensibilizam o leitor para um encontro prazeroso. Desse modo, ressaltamos que a sala de leitura e a biblioteca deve ser um espaço de construção de sentidos e não de afastamento do leitor como enfatiza Silva (1987):

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes (Silva, 1987, p. 96).

Essa é uma triste realidade com que muitas crianças se deparam, a obrigatoriedade de serem introduzidas a um ato mecânico de decodificação de letras, que por vezes ao invés de aproximá-las da literatura, as afasta, pois não encontram o encantamento pelo livro.

Falar sobre a leitura a partir da infância é conceber a importância dos textos literários para o universo infantil. É notório que existe a escolarização da literatura e a maneira de como esses textos são apresentados às crianças urge nosso olhar, pois a leitura não deve ser um ato enfadonho. Soares (2001) traz reflexões sobre a escolarização da leitura literária ressaltando que é preciso adequação em como a literatura é abordada no espaço da escola. Segundo a autora, os mediadores, bibliotecários, precisam ser leitores, familiarizados com a literatura, aproximando-os dos livros.

Lajolo (2002) ao definir a literatura enquanto modalidade privilegiada de leitura, evidencia a liberdade e o prazer como potencial virtualmente ilimitado. Já no tocante à formação de leitores, Souza (1993, p. 13) destaca a importância da leitura: “A leitura,

por trabalhar o intelecto, a imaginação, a sensibilidade; por constituir-se em fonte de atualização, prazer e criatividade, concorre para a formação do homem consciente e atuante, questionador e fazedor do seu tempo”.

Também Goldenberg (2000) explica que,

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina [...] e consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver (Goldenberg, 2000, p.141).

A literatura infantil proporciona a ampliação desse imaginário, as personagens fazem parte desse mundo fantasioso e as crianças começam a estabelecer conexões entre a imaginação e a realidade, oportunizando grandes experiências; muitas idealizam ser o herói e/ou heroína permeadas com a realidade a qual estão inseridas. Nesse contexto, o bibliotecário, assim como o mediador, tem fundamental importância para a formação do leitor, sendo estes cruciais para o incentivo à leitura pelo que afirma Michèle Petit (2008):

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras "verdadeiras", é essência (Petit, 2008, p.165).

A citação de Petit (2008) suscita a reflexão que a biblioteca não tem sentido apenas com livros se não houver quem os aprecie, assim, o mediador deve ser quem promova encontros afetivos e efetivos despertando no leitor o fascínio e encantamento. A biblioteca e a sala de leitura têm suas funcionalidades e faz-se necessário um profissional para promover este intercâmbio no mundo deslumbrante da leitura.

É nesse contexto que surge minha inquietação quanto a mediação na biblioteca escolar e sala de leitura, pois além de sua estrutura física, muitos espaços precisam ser repensados, assim como afirma Zilberman, Paula e Ohira (2017):

A biblioteca escolar ainda é um mito em muitas escolas públicas brasileiras. Na prática descobrimos muitas escolas sem biblioteca, e quando existe, muitas vezes, está em situação precária e não conta com a presença do bibliotecário. Sendo este um espaço obsoleto, que não desempenha seu papel de interação educacional e não oferece, assim, condições para o desenvolvimento das atividades mencionadas acima e que auxiliariam no

trabalho de incentivo à leitura e formação de leitores (Zilberman, Paula e Ohira, 2017, p. 163).

Dessa forma, a biblioteca deve suscitar o interesse em todos os aspectos, desde o espaço físico, o mobiliário, a ventilação, o acervo, a figura do bibliotecário. Esse ambiente deve ser convidativo desde o seu projeto, tendo em vista, a precariedade de muitos espaços. Isso posto, e pensando no espaço de um CMEI, para além do discutido até aqui, a figura do mediador é essencial e urgente. E é pensando na mediação de leitura e no olhar para as infâncias que apresentarei no capítulo a seguir.

3 LEITURA E LEITORES: INFÂNCIAS E MEDIAÇÃO NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR E SALA DE LEITURA

Mediador

Na infância é importante
Pensar no mediador
Ele é como uma ponte
Que aproxima o leitor
Desperta o encantamento
Promove conhecimento
Assim como um professor
É preciso ter paixão
E a obra conhecer
Traduzir a emoção
Para o ouvinte perceber
Aguçar o sentimento
Pra que todos bem atentos
Muitas obras queiram ler.
(Alice Moraes)

A leitura como prática social atravessa culturas e promove maior inserção dos sujeitos na sociedade. Sendo assim, reconhecendo-a como bem e por ainda termos elevados índices de não leitores, conforme últimos resultados aqui já apontados pela 5ª Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020), é de grande importância refletir sobre o papel do mediador para promoção da leitura e formação de novos leitores. O mediador é aquele que “promove o reencontro”, como afirma Yunes (2021), o canal entre o livro e o leitor, aquele que desperta o olhar para a grandiosidade e a genialidade que os livros representam e, em meio às suas estratégias, seduzir, aproximar, usar meios para atrair, encantar.

O afastamento da literatura tem relação com os impactos, as experiências ao longo da trajetória do indivíduo, como por exemplo a obrigatoriedade da leitura literária, a não permissão ao acesso a determinados livros, entre outros. Dessa forma, o mediador deve possibilitar as mais diversas experiências com leitura. López (2019, p.38) destaca sobre o cuidado da mediação leitora, a qual deve ser considerada a existência de três componentes básicos: “as bibliotecas (acervos de livros e espaços simbólicos), os livros (materiais da cultura escrita) e a conversa (que coloca no centro da cena uma ideia de intercâmbio, diferente da transmissão).” Neste sentido, o mediador deve estar disponível à escuta, a perceber a singularidade do leitor tornando os caminhos da leitura uma fonte de deleite. A biblioteca promove a exploração da

arte envolvente das palavras que levam a tantos lugares de modo a torná-la um fascínio, tão necessário na infância.

Segundo Frago (2002), a biblioteca deve proporcionar ao seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das ideias e da informação, sendo papel dos bibliotecários dialogar com os educadores e não apenas para eles ou deles isolados, mas integrada à comunidade escolar. É importante destacar o papel dos bibliotecários e também dos mediadores de leitura, pois nem sempre são encontrados ambos nos mesmos espaços. Sobre a tarefa do mediador, afirma Yunes (2021):

Uma tarefa que cabe ao mediador, e por certo não menos importante, talvez seja a de selecionar livros, obras, situações com as quais a criança possa entender suas dúvidas e falar sobre elas. Os livros podem ajudar a que elas falem do que vivem e talvez não possa ser confessado. Esta dimensão política do texto não pode ser subestimada. Ela humaniza, desrobotiza, provoca a que o sujeito venha à tona e se integre, de fato, à vida social. A leitura exercita a mente e o espírito humano, e não apenas metaforicamente, uma vez que a ciência já descreveu as conexões elétricas e químicas do cérebro através das sinapses que estabelecem as relações de comunicação a ser feita e a mensagem que precisa ser enviada pelos neurônios. A leitura é um exercício cerebral, por excelência, com efeitos sobre o corpo e suas ações (Yunes, 2021, p.5).

Neste sentido, a leitura vai traçando rotas, inserindo a criança no espaço comunicativo, na construção da sociedade que pensa, dialoga, que lhe traz múltiplas experiências, assim como destaca Freire (1982):

Formar sujeitos sociais, leitores da realidade em que se inserem e capazes de usar a leitura como instrumento indispensável à sua participação na construção do mundo histórico e cultural, implica garantir uma ação educacional voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, da sua capacidade de interpretar construções simbólicas, de modo que este se torne capaz de ler e pronunciar o mundo (Freire, 1982, p. 60).

À medida que a leitura ocupa um lugar na vida do sujeito esta lhe garante repertório para atuar na sociedade de forma argumentativa e munido de saberes que fortalecem sua ação comunicacional e, conseqüentemente, sua cognição, de forma a conceber a leitura de mundo dentre as diversas possibilidades que os livros proporcionam. Por conseguinte, Solé (1998) retrata a necessidade de promover atividades de leitura em que os alunos tenham a oportunidade de questionar, emitir opinião, recapitular para os colegas, entre outros, sendo protagonistas desse processo, e que essas propostas devem acontecer desde o início da escolaridade.

Lima (2023) assevera que o papel do mediador das bibliotecas escolares é: “indicar, circular e apresentar o acervo disponível, mas essa não é uma ação

mecânica, destituídas de ações e objetivos” [...] ou seja, não basta o mediador se ater tão somente aos equipamentos deste espaço é preciso ter com os mesmos uma relação de intimidade, de paixão, o saber despertar no outro a importância dos livros. Ainda acrescenta Lima (2023) que alguns espaços fazem remanejamento da função de seus servidores para estar à frente da biblioteca, para que a mesma não se mantenha fechada, porém, “outro problema que surge é a falta de formação específica para lidar com a organização e dinamização do acervo e das demandas inerentes ao seu cotidiano” (Lima, 2023, p.164 -165). Não basta estar no espaço, é preciso que a essência desse espaço seja real na vida do mediador, ter o encanto efervescente que emana de cada livro, de cada história, que oportuniza a descoberta envolvente das aventuras, dos mistérios, que promova a curiosidade do próximo capítulo assim como os tantos sentimentos na fantástica aventura que é a leitura.

Sendo assim, a mediação de leitura está relacionada com a leitura literária, como discorre Silva (2009a):

A mediação da leitura na escola está vinculada diretamente ao texto literário. A literatura na escola, ainda mais que a leitura não literária, exigirá um professor mediador que conheça os meandros para se formar leitor e, ao mesmo tempo, não ignore de modo geral o conceito de texto artístico, a especificidade do texto literário, a função da literatura (Silva, 2009a, p.172).

A literatura no compasso entre a realidade e a ficção, faz com que o sujeito se encontre, se descubra, se revele. As tantas tramas que permeiam os atos da humanidade, do imaginário à realidade, como adentrar a Terra do Nunca, voando no infinito e voltar à Terra despertando de um sonho. É essa magia literária que os espaços destinados à leitura devem ter e o mediador deve promover.

Yunes (2021) fala sobre a condução dos textos infantis em que o pedagogo deve ser esse mediador que com a criança: “[...] ajuda a caminhar por conta própria, sobre novos horizontes. E diante do silêncio, perguntar-se. O que precisa ser movido é o imaginário, para que ilumine o simbólico sempre em luta com o lugar comum” (Yunes, 2021, p.5).

É esta ideia de leitura que as escolas necessitam ofertar, sem perder de vista que muitos já são mediadores e sequer o sabem. Mas afinal, que mediadores são esses? Yunes (2021) relata que somos aprendizes permanentes inclusive de sermos mediadores, tal qual cita quando se media/ auxilia a andar de bicicleta, ou para quem deve agilizar uma soma. Fico a pensar o quanto mediar faz bem para o receptor e para o mediador, pois, tomando o exemplo do auxílio a andar de bicicleta, a satisfação

em aprender se alarga no sorriso da criança e aquele que deu o suporte, que mediou a conquista, se alegra dobrado com o contentamento do infante e a sensação de dever cumprido, posto seu auxílio.

Para ser mediador de leitura, é preciso estar imbricado com a mesma, tal como o exemplo citado do andar de bicicleta. Lima (2023) discorre que “para atuar na biblioteca escolar cumprindo efetivamente o papel de mediador, é importante que essa pessoa seja, em primeiro lugar, um leitor” (Lima, 2023, p. 165). Neste contexto, para que se desperte o prazer em outrem, esse sentimento primeiro deve existir por quem está à frente dessa mediação, não se pode formar o gosto literário se esse sabor apresenta-se inosso a quem o oferece; mas do contrário, se o sabor for bom, sempre terá quem queira degustar mais, tal qual a literatura, pois como fala Petit (2019,p.50) “A literatura é parte integrante da arte de habitar que nos resulta essencial”.

É esta essencialidade que faz a infância ser tão fantástica! O habitar pela leitura como se estivesse em dois mundos, o real e o ficcional tal como as crônicas de Nárnia do autor Lewis, onde as personagens vivem grandes aventuras permeando Nárnia e a Terra. Nessa perspectiva, Colomer (2007) discorre sobre a ampliação da fantasia:

[...] Parece que aos dois anos as crianças preferem livros sobre um mundo conhecido e com ações já experimentadas por elas, mas aos quatro anos já predomina a excitação pelo desconhecido e, em geral se produz uma progressiva ampliação em direção à fantasia (Colomer, 2007, p. 58).

O universo infantil se expande frente a multiplicidade literária. As histórias divertidas, de humor, os contos, entre outros, agradam as crianças. Entretanto, temas envolvendo o medo e tantas outras situações do cotidiano infantil tem alcançado grande produção literária, o que é oportuno, porém, reitero, com o cuidado da não didatização. Colomer (2007) também aponta que a literatura é uma contínua construção de sentidos:

O itinerário infantil das leituras, iniciando na primeira infância, amplia-se à medida que as crianças crescem. Mas isso não significa que elas tenham que esperar a chegada a algum momento determinado de sua formação para desfrutar da experiência literária. Ao contrário, é a sua participação em um ato completo de comunicação literária o que lhes permite avançar por esse caminho (Colomer, 2007, p. 60).

Portanto, as crianças vivenciam experiências diversas através da comunicação literária e a primeira infância é oportuna para este desenvolvimento o qual não se limita a idade em que a criança já realiza uma leitura convencional, posto que a leitura tem suas múltiplas linguagens e desde os bebês a leitura tem significado, que se

amplia à medida que crescem. Oportunizar a diversidade de histórias, sem perder de vista as infâncias, é outra reflexão necessária.

3.1 Pensar as Infâncias: uma breve tessitura histórica

Eu, Criança

Um dia, não me ouviram
 Entre tantas vozes,
 Sozinha na multidão...
 Carecendo de afeto,
 De direitos reconhecidos,
 De pão, proteção.
 Eu, criança,
 Considerada a Esperança
 De um futuro melhor...
 Confesso que sou o **PRESENTE**
 Que vivo **AGORA** e minha pele sente,
 A indiferença e desvalorização.
 Eu não sou única,
 Preciso de escuta!
 Sou indígena, cigana, quilombola
 Preta, branca, mas ninguém me olha!
 Sou raiz desse meu sertão
 Que implora por atenção [...]
 (Alice Moraes)

Esses versos retratam as tantas vozes infantis que clamam por atenção. Falar sobre a criança é reconhecê-la como um ser plural e de direitos. Dessa forma, convém apresentar neste subcapítulo, o percurso histórico que permeia a visão de infância.

A concepção de infância não é estática, sofreu e sofre mudanças ao longo dos anos. Pensar o sentido e o conceito para infância requer um olhar atento às culturas, aos contextos históricos e às lutas de segmentos organizados da sociedade. Assim também é com a Educação Infantil, enquanto modalidade de ensino, esta passa por mudanças, até a concepção e as práticas comuns na atualidade. É importante salientar que nas sociedades tradicionais, sobretudo a medieval, as peculiaridades dessa faixa etária não eram consideradas, a criança era envolta em rotinas tal qual adultos, até mesmo suas vestes eram pensadas nos moldes destes, ou seja, as crianças eram vistas e tratadas como adultos em miniatura, não existia o olhar para as infâncias, nem havia preocupações com as peculiaridades das faixas etárias e as singularidades do seu processo.

As crianças eram participantes das atividades da sociedade sem nenhuma diferenciação. Segundo Ariés (1981, p. 94), “[...] as crianças e os jovens participavam

delas em pé de igualdade com todos os outros membros da sociedade, e quase sempre desempenhavam um papel que lhes era reservado pela tradição”. Na mesma perspectiva, Oliveira (2005), menciona sobre a conduta com as crianças pequenas, as quais eram cuidadas por suas mães e outras mulheres e após o desmame, elas se enquadravam como pequenos adultos e posteriormente contribuíam nas atividades e nos afazeres domésticos, não existia consideração pela especificidade infantil.

Bujes (2001) também afirma que a criança aprendia e se tornava membro de um grupo junto com os adultos, assim como outras crianças, participando de suas atividades, das vivências da comunidade. Durante um longo período não houve instituição voltada para auxílio dessa responsabilidade com a família, ou seja, a educação infantil no ambiente escolar, compreende-se como prática e direitos recentes.

Em face ao avanço na percepção das infâncias, Oliveira (2005, p.59), ressalta que “o desenvolvimento científico, a expansão comercial e as atividades artísticas ocorridas no período do Renascimento estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança” [...]. A vivência com a comunidade estabelecia sua socialização e vínculos afetivos, enquanto a família cuidava dos bens e atividades para manutenção da vida. É salutar a compreensão de que grupos como a família e a instituição escolar exercem ligação direta com a criança e devem caminhar juntas tendo em vista que essas vivências estabelecem ações, atitudes, os padrões que modulam o comportamento infantil.

Conforme Alfredo Hoyuelos (2019), com a desintegração da sociedade medieval nos séculos XVI e XVII, a criança começou a ser percebida como um ser humano em desenvolvimento a qual necessita de viver sua infância, sendo que sua história ao longo dos anos revela os tantos preconceitos, violência, silenciamentos, a não liberdade de ser quem é; somente no século XVIII é que a criança ganha espaço sob a ótica desse ser que interage, constrói, e é dotada de desejos e sentimentos.

Um marco importante na história da educação que trouxe uma proposta educacional diferenciada para a sua época, propondo maior liberdade à criança, foi o filósofo Jean Jacques Rousseau (1712-1778). Na obra *Emílio, ou da Educação* (1779), o autor traz uma narrativa em que a criança deva ser educada inicialmente num ambiente natural. Ressalta a importância da mãe na educação desde a amamentação, o contato essencial com a natureza, a validação das expressões infantis e o tratamento sem severidade. Segundo Rousseau, a criança em contato com a natureza

não sofreria influências de outros modelos que pudessem torná-la de má conduta. Para o autor, a sociedade corrompe o ser humano e a criança deveria viver o seu momento, longe de tais influências. Em estudos sobre as contribuições de Rousseau, Oliveira, (2005, p.65) sinaliza que o filósofo “ressaltava que a criança deveria aprender por meio da experiência, de atividades práticas, da observação, da livre movimentação [...]”. Dessa forma, não se pode negar que esses escritos trazem reflexões e contribuições importantes para compreensão da infância, das experiências livres que são tão necessárias ao desenvolvimento infantil.

Com a idade moderna e a revolução industrial, mudanças foram traçadas, época que conforme Oliveira (2007), o desenvolvimento científico e a expansão comercial auxiliaram no pensamento pedagógico, visando educar para o contexto da sociedade. Dessa forma, a criança passa a ser notada como alguém que requer cuidados. Como destaca Oliveira (2007):

Nesse momento a criança passou a ser o centro de interesse educativo dos adultos: e objeto de expectativas e cuidados situada em um período de preparação para o ingresso no mundo dos adultos, o que tornava a escola (pelo menos os que podiam frequentá-la) um instrumento fundamental. (Oliveira, 2007, p.62)

Nessa perspectiva, o olhar institucional com o intuito da inserção da criança nesse mundo adulto, foi motivo de controvérsias acerca da classe pobre. Oliveira (2007) retrata que alguns setores da elite se opunham à educação destas crianças a qual seria fruto da piedade, porém, alguns protestantes eram a favor desta educação pautados no pensamento do direito universal. Vale destacar que neste período eram comuns as agressões infantis e as severas punições como forma de disciplina; tal contexto fortaleceu novas formas de pensar a educação com outras possibilidades de educar sem a necessidade de punir fisicamente.

Sobre a necessidade de reconhecer a infância e o papel ativo da criança, Cohn (2005, p.17) defende a importância de valorização do papel ativo que a criança exerce na constituição das relações sociais e que o reconhecimento desse papel requer “assumir que ela não é um adulto em miniatura, ou alguém que treina para a vida adulta”, ou seja, a criança deve ter liberdade para viver a sua infância de forma plena, por meio de suas experiências suas potencialidades são desenvolvidas, a criança deve viver o seu presente e não queimar etapas com a antecipação do mundo adulto.

Muitos (as) estudiosos (as) têm se debruçado sobre a história da infância, principalmente pela necessidade de reconhecer as singularidades e potencialidades

inerentes a esta fase de desenvolvimento humano. Houyuelos (2019), assevera que apesar da maneira de pensar sobre a criança ir mudando conforme os avanços da sociedade, seus direitos ainda são castrados, e em pleno século XXI, ainda existe o debate da infância desaparecida, pois a criança é fortemente influenciada pelos interesses do adulto, existe a redução do tempo da infância em detrimento à adolescência, a criança é vulnerável ao consumismo, entre outros. O autor ressalta que cada pessoa possui uma imagem da infância e essa influência orienta as relações que se estabelece com a criança.

Zabalza (1998) discorre que a história da infância sempre foi vista envolta na marginalização, dentre elas, a educativa, onde as crianças viviam em um mundo o qual não lhes pertencia, sendo que a sua integração na sociedade, acontecia pós o período infantil, ou seja, ela ainda não era vista como sujeito de direitos. Ao longo dos anos esse pensamento foi se modificando, a criança começou a ser notada em meio às suas características, seu conhecimento, sua história, até o alcance de legislações que foram pensadas para assisti-las. Também Souza (2019a) comenta que:

A infância não é apenas uma fase cronológica. Se não abrisse minhas lentes, correria o risco de aprisionar a infância num tempo de negações em que a criança era considerada um miniadulto, sem vontades e necessidades próprias (Souza, 2019a, p. 20-21).

Assim, bom seria que as lentes de tantos outros fossem abertas em prol dessa percepção de que a criança é um ser histórico, social, cultural e emocional e suas singularidades devem ser validadas e respeitadas em todos os âmbitos. Souza (2019a, p. 25) defende que “seja por uma perspectiva sociológica, histórica ou social é preciso tirar a criança da invisibilidade que há muito tentam lançá-la”. Invisibilidade essa que comumente o adulto é priorizado em detrimento a criança, que a voz desse adulto tem falado mais “alto” a ponto de que tantas injustiças continuem perpetuando. Sendo dotadas de criatividade, de um vasto repertório, a concepção de criança abrange a ampliação das experiências, concebendo a mesma como produtora de cultura. As propostas idealizadas para as crianças, devem contemplar as múltiplas vivências as quais estão inseridas. Souza (2017, p.96) corroborando com os estudos de Sarmiento (2005) aponta que o termo “Cultura ou melhor, Culturas é resultado de relações sociais inter e intrageracionais, de gêneros, etnias, entre outros”.

Dessa forma, a cultura abarca elementos e costumes de vários povos o que a torna diversa. Uzêda (2013) menciona que a representação da infância provém da

cultura e que “dependendo de cada povo, cultura e de cada momento histórico, inclusive de cada classe social, teremos uma reprodução diferenciada da infância” Uzêda (2023, p.165). Também Cohn (2005, p.14), retrata que na contemporaneidade “os direitos das crianças e a própria ideia de menoridade não podem ser entendidos senão a partir dessa formação de um sentimento e de uma concepção de infância”. A infância representa um modo muito peculiar em cada cultura, vivências distintas as quais são determinadas pelo contexto sociocultural.

Frente às transformações da sociedade e a concepção de criança, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), faz o seguinte apontamento:

A concepção de criança/infância é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. Assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem do grupo étnico do qual fazem parte (RCNEI, 1998, vol I, p. 21).

Considerar as infâncias é perceber que a criança não emerge de uma única voz, mas de várias identidades que as representam, os costumes de cada ambiente, que a fazem única. É notório o quanto o perfil infantil tem mudado, as gerações apresentam comportamentos totalmente diferenciados uma das outras, onde os estudos afirmam que a vigente geração se intitula a alpha (nascidos de 2010 e os que vão nascer até 2025); e apesar de envoltos pelo mesmo tempo cronológico, as características se diferenciam, reflexo do contexto em que vivem, da etnia, cor, raça, nível social, entre outros. Pelo que Sarmento (2005) menciona:

[...] as crianças são seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças (Sarmento, 2005, p.370).

Assim, não cabe pensar a infância como se todos agissem de uma única forma. Em cada espaço, um percurso singular deve ser levado em consideração quando se pensa sobre as crianças e de como tais influências refletem na formação leitora.

A Constituição Federal de 1988, considera a criança como sujeito de direitos e o seu artigo 205 assevera que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família a qual será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua

qualificação para o trabalho. Para tanto, faz-se necessário que cada setor cumpra seu ofício e o que compete a criança seja algo real, pois apesar do avanço por meio da legislação, existem sérias lacunas no seu cumprimento e estas interferem diretamente no desenvolvimento infantil.

Neste sentido, Creidy (2001, p.24) salienta que “nem os pais, nem as instituições de atendimento, nem qualquer setor da sociedade ou do governo poderão fazer com as crianças o que bem entenderem ou o que considerarem válido”. Assim, espera-se que estes setores respeitem a constituição e demais normativas que reconhecem a criança enquanto cidadã. Também o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, versa no seu artigo 4º - As políticas públicas voltadas ao atendimento dos direitos da criança na primeira infância. Serão elaboradas e executadas de forma a:

I- atender ao interesse superior da criança e a sua condição de sujeito de direitos e de cidadã.

II- incluir a participação da criança na definição das ações que lhe digam respeito, em conformidade com suas características etárias e de desenvolvimento.

III- respeitar a individualidade e os ritmos das crianças e valorizar a diversidade da infância brasileira, assim como as diferenças entre as crianças em seus contextos sociais e culturais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) garante a proteção integral à criança e ao adolescente e reafirma a responsabilidade da família, sociedade e Estado perante os mesmos, assegurando no seu artigo 5º que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (Brasil, 1990).

Dentre as reformulações desse documento validando o cuidado para as infâncias, o olhar para o diverso, foi criado o Plano de Ação para Crianças e Adolescentes Indígenas em Situação de Vulnerabilidade, visando a conscientização e a educação da sociedade e dos povos indígenas para o enfrentamento de práticas nocivas.

Considerando a existência de um documento oficial, como é o caso do ECA, que assiste às crianças, cabe a mobilização da sociedade para que esses direitos de fato sejam exercidos e assegurados. Conforme prevê o próprio Estatuto, a criança deve fazer parte das decisões, ter lugar de fala e não ser vista e concebida como uma tábula rasa. Cohn (2005, p. 20) relata que “a diferença entre as crianças e os adultos

não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa”. Frente a esta análise, não se pode compreender a criança sem autoria de pensamento, pois é um ser que imagina, constrói, transforma.

Neste sentido, Souza (2017, p.21) discorre que “a criança não sofre apenas influências do meio em que vive, ela também influencia diretamente esses espaços”, com seus gestos, comportamentos, sua história de vida, sendo necessário aprender a olhar sobre o seu ponto de vista, afinal, as ações aqui pensadas são sobre e para elas, é preciso validar suas ideias e tencionar o cumprimento do que de fato lhes compete. Dessa forma, percebe-se quão necessário esse olhar validando uma cultura que sempre foi explorada e continua à mercê do desrespeito de diversas formas, carecendo de ações que resguardecem essas crianças para viverem dignamente. Face a este discurso é necessário pensar as infâncias no agora e não na perspectiva do que ainda virá, tal como Uzêda (2013) bem coloca:

[...] na infância- reside “uma esperança de futuro”... Mas que futuro? Pensar no futuro a partir de uma perspectiva adulta é prepará-la para algo sem considerar o que as crianças já são, sujeitos históricos, que constroem cultura entre seus pares e juntamente ao “mundo adulto” (Uzêda, 2013, p.159).

Dessa forma, é preciso refletir que a criança é o agora, o hoje, e a perspectiva tão discutida na sociedade sempre pensa no que está por vir, como os famosos clichês: a criança é “o futuro do amanhã”, ou, “preparar seu filho para o futuro é o nosso compromisso”; entre outros, que não pensam a criança no presente. Uzêda (2013) salienta que falar da criança a qual habita uma infância “é perceber esta como cidadã/cidadão de direitos, com histórias de vida construídas nas relações sociais [...]”, relações essas que emanam suas características, sua pertença, seu lugar no mundo, que a torna própria, singular. Uzêda (2013) ainda destaca que:

Pensar na infância e na qualidade da educação destinada à mesma nas instituições reservadas ao seu atendimento requer uma participação mais efetiva dos poderes públicos, da sociedade como um todo, com vistas à compreensão sobre a intencionalidade desse nível de ensino, buscando apreender o sentido da pergunta: a quem e a que será que se destinam as instituições de educação infantil na contemporaneidade? Que lugar ocupa a infância nesse contexto? (Uzêda, 2023, p.164).

As crianças ainda são idealizadas para a vida adulta e não como atores sociais, que constroem sentidos, existe a preocupação do que serão quando crescerem, a profissão que irão exercer, a cobrança exacerbada pelo conteudismo no ensino com vistas ao que o adulto almeja para o seu futuro, descaracterizando o espaço infantil,

em que os seus direitos não são reconhecidos. Nesse contexto, Souza (2017) discorre que a relação da criança está associada com as vivências do adulto, os quais são os responsáveis pela manutenção da sobrevivência, "e a infância ocupa essa dependência, porém, salienta que a criança não pode ser percebida apenas pelo viés da dependência e passividade infantil"; a autora segue comentando sobre a intervenção de reciprocidade entre esses pares [...] "os adultos são responsáveis pela constituição das crianças, como também as crianças intervêm de alguma forma na constituição dos adultos" (Souza, 2017, p. 89). Dessa forma, as crianças constroem, influenciam e produzem cultura. Frente aos fatos mencionados, pensar as infâncias requer a percepção das especificidades que cada cultura representa, e essa pluralidade deve ser oportunizada, sobretudo, no universo literário, pois a leitura é uma fonte inesgotável de saber. Através das relações e o que se dissemina na escrita sobre uma sociedade diversa, a criança conhece não apenas seu contexto, mas tantas outras formas de vida. Portanto, a leitura literária expande pensamentos, repertórios, transforma, desenvolve, humaniza.

4 TRAÇANDO CAMINHOS DA PESQUISA

Percurso

O percurso da pesquisa
 Exige dedicação
 Ela é qualitativa
 Em constante integração
 Se baseia em evidência
 Não é imaginação.
 E dentro desse processo
 Tem a observação
 Questionário, entrevista
 E diário, meu irmão
 Depois tem que analisar
 E também se embasar
 Pra uma boa construção.
 (Alice Moraes)

E nesse caminho que vou percorrendo, cada espaço me proporciona crescimento; ao longo do percurso vou desconstruindo para reconstruir, e o trajeto acadêmico me conduz as escolhas. Assim, quando se pensa em pesquisa, mais especificamente, pesquisa em educação, para além de outros elementos, é salutar a escolha do método que melhor se adequa ao nosso objeto, que definirá os procedimentos para aproximação ao campo de pesquisa e para geração de coleta de dados. Sobre a metodologia, segundo Minayo (1993) “É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (Minayo, 1993. p.23), ainda segundo a autora, a pesquisa “[...] É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente” (Minayo, 1993. p.23).

Nessa perspectiva, face ao objetivo de compreender a percepção das professoras para formação de leitores infantis no ambiente da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura no espaço de um CMEI, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, visto que esta abordagem possibilita levantar informações que permitam obter uma visão contextualizada e compreender as múltiplas relações do fenômeno estudado (Triviños, 1997). Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando, por meio da pesquisa empírica, captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Assim, vários tipos de dados são gerados e, conseqüentemente, analisados para que se

entenda a dinâmica do fenômeno. Ressalta ainda Triviños (1997), sobre esse processo:

O processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações (Triviños, 1997, p. 137)

Creswell (2010), salienta que a investigação qualitativa apresenta diferentes concepções filosóficas, estratégias de investigação, métodos de coletas, análise de interpretação de dados; menciona que a pesquisa qualitativa se vale de interpretação, com o investigador tipicamente envolvido numa experiência sustentada e intensiva com os participantes.

Yin (2016, p. 07), faz menção a cinco características a se considerar em uma pesquisa qualitativa as quais são:

1. Estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real;
2. Representar as opiniões e perspectivas das pessoas;
3. Abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem;
4. Contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e
5. Esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte.

Face às tantas formas que compreendem uma abordagem qualitativa, a mais relevante para realização desta pesquisa é o estudo de caso, pois de acordo com Ludke e André (1996), no estudo de caso, o pesquisador vai a campo se debruçar num objeto singular, com foco em descobertas, utilizando variadas fontes de evidência. Lüdke e André (1996) salientam que o caso pode ter semelhança com outros, porém é distinto, com interesse próprio. Asseveram que “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso (Lüdke e André, 1996, p. 17).

Nesse contexto, Lüdke e André (1996, p. 18-20) também apresentam as características do estudo de caso, as quais estão compreendidas em:

1. Foco nas descobertas - mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo [...];
2. Interpretação e Contexto - para uma compreensão mais completa do objetivo, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa[...];
3. Retratar a realidade de forma completa e profunda - o pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo[...];
4. Variedade de fonte de informação- o pesquisador recorre a uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com variedade de tipos de informantes[...];
5. Revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas. O pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas generalizações naturalísticas [...] que ocorre em função do conhecimento experiencial do sujeito[...];
6. Representar as diferenças e às vezes conflitantes pontos de vistas presentes numa situação social- [...] a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja verdadeira. Assim são dados vários elementos para que o leitor possa chegar às suas próprias conclusões, além das do investigador.
7. Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa - os dados do estudo de caso podem ser apresentados numa variedade de formas, tais como dramatizações, desenhos, fotografias, colagens, slides, discussões, mesas-redondas, etc. [...].

Também Yin (2005, p. 32) pontua que o estudo de caso é uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Dessa forma, o estudo de caso deve ser bem definido em observância aos critérios aqui sinalizados pelos teóricos em estudo, procurando compreender o ponto de vista dos colaboradores, aprofundando o conhecimento do objeto com base nos relatos e observações, com vista a revelar as percepções por meio das análises dos dados.

4.1 Contexto da Pesquisa

Para essa pesquisa, foi realizado o estudo de bibliografias acerca da temática e o levantamento de estudos/pesquisas que muito contribuíram com o objeto. Como *lócus*, foi pensado inicialmente em dois CMEIs do município de Feira de Santana, acreditando na perspectiva de serem diferenciados entre Biblioteca Escolar e Sala de Leitura. Em visita inicial aos CMEIs, acreditava-se que um configurava Biblioteca, porém, foi constatado que ambos configuram Sala de Leitura, ou seja, não existem bibliotecários e os acervos existentes, não atendem às exigências de uma biblioteca. Em busca de outros locais, também foi observado que espaços onde já existiram Salas de Leitura, foram desativados devido à necessidade de ocuparem como sala de aula. Mesmo reconhecendo a importância em atender às demandas crescentes, entendemos que ao desfazer dos espaços de disseminação da leitura é contribuir para a não formação de leitores, e, portanto, se configura como um desafio para os gestores e órgãos responsáveis no replanejamento dos seus espaços. Isso posto, e também em função das contribuições oriundas do processo da qualificação, foi avaliado que um único CMEI daria conta dos dados da pesquisa, e assim, foi definido um único CMEI. A escolha do mesmo se deu tanto pela localização (proximidade à moradia da pesquisadora, otimizando o deslocamento), quanto pela receptividade da gestora em acolher a realização da pesquisa.

Os dispositivos para geração de dados foram as observações *in loco*, diário de campo, questionário e entrevista semiestruturada, por serem instrumentos de eficazes para pesquisas qualitativas, pois o foco são as escutas, as singularidades e as percepções sobre o objeto.

Para preservar o nome e a localização da instituição, assim como a identidade das professoras participantes, foram usados nomes fictícios. As professoras entrevistadas, em comum acordo, optaram por utilizar nomes de personagens de literaturas infantis, os quais foram escolhidos pelas mesmas, levando em consideração as personagens que mais se identificam. Para o CMEI, será utilizado o nome fictício Jardim da Leitura e o bairro do Conhecimento. Portanto, conforme dados do Projeto Político Pedagógico (PPP) da referida instituição, o CMEI Jardim da Leitura, situado no bairro do Conhecimento, o mesmo já era esperado pela comunidade local há mais de dez anos. Num primeiro momento o anseio era por uma escola de fundamental I, sendo que, a maioria das crianças nessa faixa etária estudava em outro

local e existia a necessidade dos pais deixarem em uma creche devido a rotina do trabalho, de modo a garantir-lhes segurança, cuidado e educação. Direitos esses assegurados na Constituição Federal de 1988, artigos 205, 206 e 208, bem como, no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990). No primeiro momento, uma parte da comunidade não queria a construção para não perder o campo de futebol que havia naquele espaço, porém, existia a necessidade da maioria, que, após diálogo, chegaram a um consenso em favor da construção.

O CMEI Jardim da Leitura tem capacidade para atender cento e oitenta crianças entre dois e cinco anos. Possui seis salas de aula, uma sala de recurso multifuncional, dois sanitários para Pessoas com Deficiência, almoxarifado, área de serviço, cantina, cozinha, despensa, refeitório, pátio coberto, diretoria com banheiro, sala dos professores, secretaria com banheiro, brinquedoteca, sala de leitura, parque infantil em área coberta e parque em área externa. Oferece atendimento de creche para crianças de dois anos e seis meses a três anos e onze meses, e atendimento de Educação Infantil a crianças de quatro anos a cinco anos e onze meses. A instituição funciona em tempo integral, tem boa ventilação, mobiliário adequado às faixas etárias e no ano de 2021 recebeu piso tátil com vista a acessibilidade.

A equipe é formada por 01 Gestor Escolar, 01 Coordenadora Pedagógica, 01 Professora da Sala de Recursos, 09 Professores, 12 Auxiliares da Educação Infantil (06 por turno), 10 Auxiliares da Educação Especial (05 por turno), 02 Auxiliares Administrativos, 02 Porteiros, 03 Cuidadoras (01 para cada Grupo de tempo integral), 02 Merendeiras, 04 Serviços Gerais e possui 142 alunos (as) matriculados.

No contato inicial com a gestão me foi apresentada às dependências da escola, dentre estas a Sala de Leitura onde a gestora informou que a mesma foi inaugurada no ano de dois mil e dezenove fruto de um trabalho de pesquisa de Magali⁸, uma graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que ao fazer um estágio na referido CMEI, no ano de dois mil e dezessete, trouxe a proposta de incentivo à leitura, após vivências de um intercâmbio em Portugal. O intercâmbio⁹ foi realizado no final de dois mil e dezoito, na cidade de Évora, dessa forma, ela articulou a comunicação do CMEI em estudo, com uma escola

⁸ Nome fictício.

⁹ A Resolução Consepe 128/2019, aprovou o Plano Estratégico de Internacionalização da UEFS. O Plano define ações organizacionais para a consolidação da Política de Internacionalização, com o objetivo de contribuir para o aumento da qualidade de ensino, pesquisa e extensão (UEFS, 2019).

de Educação Infantil de Évora-Portugal. Face à proposta, as crianças trocaram cartas, desenhos e livros; a partir disso, Magali iniciou a arrecadação de literaturas infantis para iniciar o acervo do CMEI. Inicialmente, foi colocado uma estante na área da escola com esses livros e foi chamada pela comunidade escolar da Biblioteca do CMEI. No final do ano de dois mil e dezenove, foi organizado uma sala de leitura, com mais mobiliários e literaturas, porém, devido ao período pandêmico ocasionado pela Covid 19, as crianças só usufruíram do espaço pós período pandêmico. Após relato da gestora e com a autorização da mesma, fotografei a referida sala de leitura, a qual estava sendo organizada para melhor atendimento às crianças visando melhor adequação do espaço. Segue abaixo fotos da sala de leitura no dia do contato inicial com o *lócus*.

Figura 1 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura-Estante de Livros



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023).

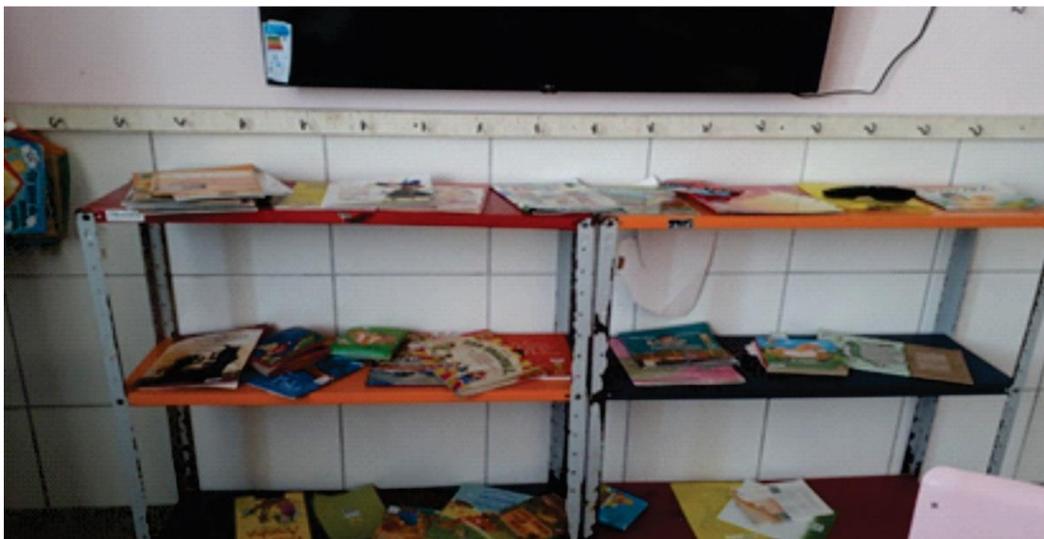
Figura 2 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura - TV e Fantoches



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023).

Em visita posterior ao *lócus*, foi percebido algumas mudanças na disposição dos mobiliários e das literaturas para dinamizar o acesso e atratividade às crianças, como duas estantes mais baixas e um varal de leitura, conforme fotos abaixo.

Figura 3 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura-Estantes Baixas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023).

Figura 4 - Sala de Leitura CMEI Jardim da Leitura-Varal de Livros



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023).

4.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são professoras que atuam com grupos de 3 e 5 anos, priorizando as professoras efetivas na rede municipal, tendo em vista maior vínculo com a escola. A escolha das faixas etárias corresponde ao olhar para as propostas

de formação leitora, na perspectiva da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura, dos que estarão ao final do vigente ano saindo da modalidade creche (3 anos e 11 meses); e os que estarão ao final do vigente ano saindo da pré-escola (5 anos e 11 meses). As colaboradoras da pesquisa correspondem a seis professoras, sendo quatro do segmento creche e duas da pré-escola, ou seja, todas as professoras dos referidos grupos. As colaboradoras estão na faixa etária entre 25 a 50 anos. Todas as colaboradoras possuem graduação em pedagogia, sendo que quatro possuem especialização. Em relação ao tempo de docência na rede municipal, quatro professoras atuam entre seis a dez anos e duas possuem menos de cinco anos de atividades na rede. Todas as colaboradoras trabalham no regime de 40h semanais.

4.3 Procedimentos da Pesquisa

Gil (1999), aponta que a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, é a aplicação dos sentidos humanos para obter determinada informação sobre aspectos da realidade.

Dentro desse processo de observação, salientamos a importância do diário de campo pelo que Araújo *et al.* (2013), menciona que [...] “o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las” [...]. Este convém ser usado diariamente, com riqueza de detalhes ao longo da investigação.

Tendo também como geração de dados a entrevista, Triviños (1997) salienta que a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa, os fenômenos devem ser explicados e o pesquisador deve ter atuação na coleta desses dados.

Dessa forma, mediante as questões éticas de uma pesquisa, todo projeto envolvendo seres humanos deve seguir os protocolos éticos e atender a resolução do CNS 466/12. A ética na pesquisa se respalda na dignidade humana onde as normas e termos de conduta visam a integridade, transparência, responsabilidade, confidencialidade. Dessa forma, as participantes dessa pesquisa, tiveram ciência dos princípios éticos vigentes, os possíveis riscos que podem emergir da participação da pesquisa, a privacidade no armazenamento de dados, direito de retirar-se da pesquisa, sendo sua ação consciente.

Dessa maneira, após apreciação e aprovação do projeto pelo Conselho de Ética e Pesquisa-CEP e pela Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana - SEDUC, contatei a gestão do CMEI para apresentação da proposta do estudo e assinatura da carta de aceite; no presente dia, a mesma se mostrou muito receptiva e me apresentou as dependências da escola com muita simpatia e acolhimento. Fiquei encantada com o espaço físico, com a área coberta ampla para as interações e com a existência de um cantinho com algumas literaturas, o que é muito importante para o estímulo leitor.

Assim, conheci o ambiente da sala de leitura, o qual estava em processo de organização. Na área externa, existe espaço com areia para as crianças brincarem, árvores, uma instituição bem aconchegante. Por conseguinte, a gestão me apresentou algumas pastas com o Regimento Escolar, o Projeto Político Pedagógico (PPP) e os artigos publicados pela escola, fruto do trabalho em equipe e das vivências ali realizadas. Pude perceber neste momento inicial que o CMEI Jardim da Leitura demonstra organização e zelo com seu ambiente. Isso posto, foram agendados os momentos posteriores de visitas para conhecer as professoras e dar início a aproximação e a produção/coleta de dados, de acordo com a disponibilidade das colaboradoras.

Destarte, todas as professoras dos referidos grupos de proposta em análise (Grupo 3 e Grupo 5), aceitaram colaborar com a pesquisa.

4.4 Análise dos dados

Para análise dos dados optou-se pela análise de conteúdo, técnica bastante utilizada em pesquisa qualitativa. Laurence Bardin (2020), define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas- desde o cálculo de frequências que favorece dados cifrados, até à extracção de estruturas traduzíveis em modelos- é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (Bardin, 2020, p. 11).

A análise de conteúdo trabalha com a fala e suas significações procurando conhecer o que está por trás das palavras, ou seja, o seu sentido. Assim, é

fundamental destacar no processo de análise: A pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados e a interpretação. Segundo Bardin (2020) a pré-análise:

[...] corresponde a um período de intuições, mas tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise (Bardin, 2020, p.121).

Essa primeira fase possui a escolha de documentos que serão submetidos a análise, a formação das hipóteses, dos objetivos e a elaboração de indicadores. Bardin (2020) menciona que na pré-análise existe a leitura flutuante e que por meio desta existe a análise dos documentos além das hipóteses, objetivos e indicadores. A autora afirma que “O *corpus* é um conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 2020, p.122). Para tanto, vale destacar as principais regras desta constituição que são: regra da exaustividade, onde não se deixa de fora nenhum dos elementos; regra da representatividade, que se preocupa com amostra; regra da homogeneidade, os documentos devem ser homogêneos e obedecer a critérios precisos de escolha; regra da pertinência, os documentos devem ser adequados enquanto fonte de informação; regra da exclusividade, um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Assim, prossegue o processo de tratamento, ou seja, a codificação, que segundo Bardin (2020):

[...] corresponde a uma transformação - efectuada segundo regras precisas - dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto[...] (Bardin, 2020, p. 129).

Dentro dessa organização, destacamos o recorte que se configura na escolha em unidades; a enumeração, escolha das regras de contagem e por fim, a classificação, com as categorias. Para o tratamento dos resultados convém análise e inferência apoiando-se no emissor e na mensagem.

Dessa forma, com base no método da análise de conteúdo, os instrumentos de questionários, entrevistas e as observações *in loco* foram cuidadosamente analisados. Após realizar todas as entrevistas, o passo seguinte foi a transcrição das mesmas, onde, para além da fala, os movimentos corporais, as pausas, traduziram sentimentos que não se furtam numa escuta e observação. Nessa perspectiva, conforme Bardin (2020), foi realizada a organização desses dados, avaliando o que seria necessário

ou não fazer parte na pesquisa. Assim, realizou-se a codificação compreendendo o que a autora denomina ser: o recorte escolha das unidades; a enumeração- escolha das regras de contagem; e a classificação e agregação- escolha das categorias.

Para fazer o recorte do texto em elementos completos seguiu-se com as unidades de contexto e de registro onde as falas foram analisadas lapidando a essência do texto. Seguiu-se assim com a categorização, em que são pensadas as categorias, os pontos-chaves para discorrer as análises, sem perder de vista os objetivos da pesquisa. Dessa forma, prosseguiu-se as interpretações e a escrita, ancorando-se nas percepções, nas falas das colaboradoras e no embasamento teórico, sendo estes a bússola para construção dessa pesquisa.

5 VOZES QUE SE CRUZAM E SE ENTRELAÇAM: ANÁLISES DA ESCUTA DOCENTE

Categorias

Traçar as categorias
Com tudo que tem na mão
Palavras, gestos, olhares
E muita dedicação
Escutar, interpretar
Para esta construção.
(Alice Moraes)

Este é um capítulo permeado de vozes... Vozes que se cruzam e se entrelaçam na construção desse largo caminho do Educar. Educar para os sonhos, para o viver em comunidade, para lidar com as decepções, emoções, educar para transformar... A transformação que tanto se fala, se prega, as vezes se depara com os pedregulhos, a aridez, tempestades e tantos outros percalços que permeiam o caminho. Caminho este que é construído com as experiências quer positivas ou negativas, em que as novas vivências mostram que sempre é tempo de recomeçar e parafraseando o saudoso cantor Raul Seixas¹⁰, “tentar outra vez”.

Assim introduzimos esse capítulo, que traz a essência de quem tem lugar de fala, de quem faz parte desse chão e fazendo alusão a sala de aula e a canção de Zé Ramalho, desse “chão de Giz”. Essa forma artística e poética que rememora também canções, traduz muitos sentimentos... Ouvir as colaboradoras desta pesquisa, mergulhar em suas falas e transcrever em palavras é ir ao encontro também do entrelaçar-se. Dessa forma, com base nos objetivos desta pesquisa, nas observações e entrevistas realizadas, foi traçado quatro categorias que dialogam com a questão de pesquisa desse objeto de estudo. Para tanto, mediante os fatos supracitados, as entrevistas aconteceram após agendamento com as colaboradoras, conforme suas disponibilidades de horários. A entrevista apresentada foi composta de perguntas sobre as memórias de leitura das colaboradoras, a motivação de ser professora, livros preferidos, média de leitura por ano, influências para a formação leitora. Abrangendo a Biblioteca e Sala Leitura: a importância desses espaços para os/as alunos (as), se

¹⁰ Neste momento e um pouco mais adiante, menciono artistas nordestinos, músicos brasileiros que através de suas canções atemporais denotam o sentimento por mim vivido durante essa etapa da pesquisa.

os mesmos são apropriados para a leitura, se os(as) alunos(as) são atraídos por este ambiente e acessam os livros que desejam; se demonstram prazer no manuseio, dentre outras. Buscou-se saber ainda: os livros que mais chamam atenção das crianças; a periodicidade que frequentam a sala de leitura; se o acervo tem boa diversidade; quais as atividades são desenvolvidas no espaço; e a percepção das colaboradoras sobre a importância dessa pesquisa.

Após essa coleta, o próximo passo foi a transcrição das entrevistas, pautada na análise de conteúdo conforme Bardin (2020). Para o processo de tratamento dos dados, foi selecionado trechos importantes das falas e criou-se códigos, os quais foram separados de acordo ao que se agrupavam compondo os elementos para a criação das categorias. Assim, prosseguiu-se as análises, fruto de um trabalho árduo, com a interpretação e diálogo com referencial teórico. A seguir, apresento as categorias e o que cada uma discute:

A primeira categoria intitula-se “Trajetórias Docentes: O impacto das Experiências Leitoras”. Nela ecoa as experiências, as memórias de leitura das docentes, pois quando se ativa essas vivências é revelado o início da trajetória leitora, o primeiro contato com os livros, os primeiros professores, os mediadores de história, as relações ali vividas, as quais, podem ou não terem sido exitosas mas fazem parte do processo do sujeito, é algo próprio, singular, que reflete as ações docentes permeadas de (res)significados.

A segunda categoria - Qualidade do Acervo: Uma busca necessária, discorre sobre a constituição do acervo, pois para o funcionamento da biblioteca e/ou sala de leitura assim como, um trabalho profícuo de formação do leitor, é preciso pensar em que se lê para as crianças, como é pensado esse acervo, a dinamização do mesmo. Neste sentido, é fundamental a escuta docente que revelam as impressões sobre as literaturas que constituem o acervo e as possíveis necessidades para a busca de melhorias.

A terceira categoria - Ações da Sala de Leitura no espaço do CMEI, procura conhecer o trabalho que é desenvolvido neste espaço, como acontecem as propostas de leitura, se é um espaço atraente para as crianças, as atividades ali realizadas para a constituição leitora, se existe inovação, ludicidade, se a cultura faz parte dessa construção.

Por fim, a quarta categoria - O Professor a Leitura Literária: Formando-se para formar, dialoga sobre a formação leitora do professor, suas relações com a literatura,

se são leitores competentes, as leituras que fazem; pois para atuar na formação do leitor, para despertar o estímulo nas crianças, o encanto pelos livros, faz-se necessário, sobretudo, que o professor seja um leitor.

Como fundamentação teórica dessas categorias a pesquisa ancorou-se em Silva (2009a), (2009b); Faria (2004); Paiva (2009); Sousa (2020); Colomer (2007); Vilas Boas (2020); Lima (2017, 2023); Yunes (2021), entre outros. Dessa forma, será apresentado, a seguir, as análises das categorias aqui citadas, com vastas contribuições das docentes colaboradoras da pesquisa, as quais, face às suas realidades, na medida em que contribuem com seus relatos, direcionam novos caminhos...

5.1 Trajetórias Docentes: o impacto das experiências leitoras

Quando se discute a leitura e sua importância para a construção do sujeito, sempre surgem memórias da trajetória individual, que balizam ou não a constituição leitora. Por meio das entrevistas realizadas com as professoras foi notório o quanto rememorar vivências aguçou um caminho percorrido, permeado de carga afetiva, quer no contexto familiar e/ ou escolar até o encontro da profissional que se tornaram. Os relatos emergiram de vivências da infância, das experiências escolares, do contexto acadêmico e profissional, permitindo acessarem memórias de leitura e as motivações para o exercício docente.

Tardeli (2001), aponta que as reminiscências levam à reflexão sobre as experiências vivenciadas e que estas reconstituem a formação do sujeito à medida que este reflete sobre si, sendo esta característica própria da narrativa. Ao ouvir os relatos das professoras, seus olhares, suas pausas, ficou nítido que falar da experiência leitora é compreender que a leitura precisa de resignificação e ação. Assim, a professora Bela (2023), ao ser convidada a relatar suas memórias de leitura, ficou pensativa, como se revivesse todo aquele momento, e teceu os seguintes comentários:

Eu não tenho muitas memórias não, porque meus pais têm baixa escolarização. Meu pai, e minha mãe é analfabeta. Então assim, com relação a leitura, só na escola mesmo. Eu estudei minha vida escolar quase toda no Assis. Eu lembro que tinha uma biblioteca grande, cheia de livros, assim, livros velhos (dá risada). Era uma biblioteca bem escura. Quando comecei a estudar no Assis foi na 2ª série, passei 11 anos lá, na época ainda pegava da 1ª série, que antes era assim, até o 3º ano. Eu peguei essa

fase, minha vida escolar praticamente foi toda lá, livrando disso eu estudei a Educação Infantil no Sesi. No Sesi, era muito caráter assistencialista, eu era criancinha, bebê. Mainha saía de um lugar longe e me levava para lá, eu lembro; eu acho que passava o dia todo por lá, então assim, não tenho memória de leitura, de livros nessa época (Bela, entrevista, outubro, 2023).

O relato de Bela mostra a realidade de muitas famílias, em que o acesso a livros é exclusivamente na escola. Algumas famílias por também não terem tido esse estímulo ao longo da sua trajetória, e, em muitos casos, devido à baixa condição financeira que inviabiliza a compra de literaturas, acabam, mesmo sem ser essa a intenção, compartilhando experiências semelhantes com seu núcleo familiar. A professora Bela também apresenta a Biblioteca da instituição a qual estudou 11 anos, caracterizando-a como um espaço escuro e com livros velhos, ou seja, um espaço que para ela, não houve significação. Esse relato faz uma conexão com a experiência que tive com uma aluna do quinto ano, já mencionada no capítulo de minhas memórias, a qual também fez uma crítica ao estado dos livros e a não atratividade da biblioteca.

Dessa forma, corroboro com Silva (2009a) quando discorre que existe um descaso para com a biblioteca escolar, onde muitas instituições sequer a tem e as que a possuem não a exploram, servindo tão somente como depósito de livros, sem sequer fazer parte do projeto escolar. Ora, se o espaço físico não seduz, já provoca o desestímulo pela literatura; isso revela que não basta a escola ter livros e espaço, mas saber como usufruir e despertar esse interesse nos (as) alunos (as). Silva (2009a, p. 116) menciona que “a biblioteca da escola deve estar organizada de modo que proporcione aos alunos e aos demais membros da comunidade escolar a busca pela leitura”. Nesse contexto, há de se pensar que se os índices de leitores têm diminuído, como comprovam as pesquisas já mencionadas e as crianças procuram pouco os livros, urge mudanças para além do espaço físico escolar. Propostas necessitam serem repensadas e sobre essas, discorreremos ao longo dessa pesquisa.

Face à escuta das professoras, também fica evidente em suas memórias, que as motivações para o exercício docente são fruto de uma caminhada e comumente existe alguém que serviu de modelo para outrem, em que a leitura foi fator preponderante. A professora Amora, já em um contexto diferente da professora Bela, reflete em suas falas o quanto o estímulo familiar e também escolar, foram referências para os primeiros contatos com os livros, o que culminou com o desejo de tornar-se professora:

Eu começo com minha mãe, fazendo algumas leituras principalmente pra questão de planejamento de aula, que ela era professora. Então acho que desde a infância eu já estava debruçada em livros, mesmo não entendendo que era necessário naquele momento o que ela estava fazendo, mais ai volta e meia uma história a noite ela contava. Íamos até a escola que ela trabalhava, pra poder estar pegando esses livros didáticos, pra que ela pudesse planejar. Então acho que desde cedo essa ligação com a profissão de minha mãe, que a gente adentrou esse espaço [...] (Amora, entrevista, outubro, 2023).

[...] eu estudava numa escola particular então assim, sempre havia rodas de leitura que incentivavam muito, e eu sempre gostei também das histórias, dos contos. Em casa minha mãe e meu pai sempre incentivavam aquela questão de dormir, contavam uma história [...] (Mônica, entrevista, outubro, 2023).

Compreende-se assim que, mesmo a criança não sabendo ler convencionalmente, o contato com o ambiente leitor desperta este desejo. A família que propicia leitura para as crianças, essas tendem a alcançar a competência leitora mais cedo, pois os estímulos visuais, a entonação de voz, o dialogar sobre as histórias, contá-las antes de dormir aguçando a imaginação, tudo isto, desperta à curiosidade por novas práticas leitoras. Assim como Amora, que se tornou professora, por todo o contexto que sua mãe lhe proporcionou, Mônica também apresenta em sua fala o estímulo familiar e escolar, que proporcionaram o gosto pelas contações de histórias. Faria (2004), salienta sobre a importância de se conviver com alguém que lê, para a construção de novos sentidos e compartilhamento de significados entre pares. Discorre ainda que para manter a curiosidade pelo mundo literário “[...] é preciso conviver com o outro para quem a relação com a literatura é também intensamente vivida” (Faria, 2004, p.56).

Ainda sobre as contribuições no processo de formação leitora, a professora Maribel menciona sobre o que a despertou para o exercício da profissão:

A vida vai levando a gente né? Primeiro que eu estudei numa escola particular que minha trabalhava, quando terminou minha oitava série minha não tinha condição de pagar uma escola particular pra gente continuar. Então a gente vai pra onde? Pro Gastão Guimarães, ai cai na profissão (risos), que já era da minha mãe, minha irmã também seguiu que já era um pouquinho mais velha que eu, já estudava no Gastão, ai quando minha irmã saiu, eu entrei (Maribel, entrevista, outubro, 2023).

O contexto de conviver com a mãe professora, e como aluna, oportunizou a Maribel experienciar o local de trabalho de sua genitora, observando seu ofício, suas demandas, além de ir se envolvendo com a rotina docente. O Instituto de Educação Gastão Guimarães (já mencionado nessa pesquisa), agregava muitos estudantes, sobretudo mulheres, que eram influenciadas pela família, em que os pais atribuíam

prestígio ao magistério, além de fonte de emprego. Ao citar a irmã, que também segue este caminho, mostra uma continuidade familiar no que se refere à profissão, a qual reflete para a escolha do seu exercício enquanto professora.

Como seres distintos e face às análises desta pesquisa, fica evidente que nem todas as memórias trazem marcas positivas de leitura, assim como foi observado no depoimento da professora Ucha (2023), que revela que não teve o prazer em usufruir de um bom repertório leitor na infância: “[...] Eu tive uma infância, no que diz respeito a leituras, um espaço muito pobre [...]”. Essa realidade apresentada por Ucha (2023), percorre a vida de muitas crianças, comprometendo a leitura não só na fase infantil, acentuando-se por vezes, na fase adulta. Neste sentido, o estímulo literário e as atividades que o adulto proporciona para este fim é que estabelece o vínculo com a literatura.

Colomer (2009, p.52), salienta que: “[...] através dos distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária”. Nessa perspectiva, demonstrando descontentamento com esse período de pouco acesso à leitura, Ucha (2013) relata: “[...] “eu fui tendo essa abertura e essa consciência aos poucos, não em casa! Na minha casa não, pela minha família não, meus pais não, e na escola foi bem pouco” [...]”. Esse relato traz o aspecto de não incentivo à leitura, refletindo o perfil de tantas outras famílias brasileiras, conforme apresenta Silva (2009b, p.39): “Se a leitura é um bem cultural inegável para inserção à cidadania, mostra-se distante de grande parte da população brasileira” [...]. Para além da família, isso também se acentua pela falta de planejamento escolar em relação a leitura, pois uma escola que oferece poucos momentos com as literaturas, como sinaliza a colaboradora entrevistada, está negando ao (a) estudante este direito que lhe compete, além de que, a não integração com uma política de formação do leitor, impede o contato com o mundo letrado.

Dessa forma, as normativas precisam de ações para que de fato, sejam efetivadas. Também o artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDB), 9.394/96, apresenta como sua finalidade o desenvolvimento do educando assim como prepará-lo para que exerça sua cidadania. Notadamente muitas crianças não têm esses direitos garantidos, oriundas de situações adversas, que lhes negam a plenitude enquanto cidadãos, sobretudo o direito à leitura, tendo em vista a deficiência dos programas voltados para este fim. Por conseguinte, Ucha relata que na cidade do interior a qual morava, não havia bibliotecas, que só teve acesso a um acervo de livros

no segundo grau, ao mudar-se para Feira de Santana, em que estudou no Centro Integrado de Educação Assis Chateaubriand (CIEAC). Vale ressaltar que este mesmo colégio fora citado pela colaboradora Bela como tendo uma biblioteca ruim e escura, porém, para Ucha, foi este espaço que lhe oportunizou o encontro com os livros, ainda que, segundo seu relato, de forma conteudista:

Quando eu me mudei pra Feira de Santana e fui pra uma escola maior que é o Assis, ai tem uma biblioteca, um acervo muito bom, já no segundo grau, então assim, os professores mediavam a gente naquele espaço, faziam com que a gente escolhesse um livro para fazer a leitura e apresentar alguns trabalhos, mesmo não sendo na biblioteca, mas sugeriam algumas literaturas pra que a gente pudesse fazer leitura, mas não uma leitura por prazer e sim uma leitura a nível de conteúdo, de forma didática mesmo, pra você apresentar romances, obras literárias, tipo assim, mas ligados aos conteúdos, as disciplinas, não uma leitura por prazer (Bela, entrevista, outubro, 2023).

Face a este comentário percebe-se que ainda que as escolas sejam munidas de uma vasta quantidade de livros, se eles não forem usados adequadamente, com propostas bem planejadas, não alcançarão o objetivo de formar novos leitores, pois a colaboradora deixa claro, que as leituras promovidas pela instituição, não foram de forma prazerosa. Souza e Serafim (2012) retratam que o processo de leitura na escola precisa ser reformulado: “é necessário torná-la um objeto, sobretudo, social, um pouco mais livre do tratamento cristalizado, avaliativo e quantitativo dado pela escola” (Souza e Serafim, 2012, p.41). Desse modo, sendo a leitura uma prática social, é preciso pensar em quais estratégias o espaço escolar irá se munir para oportunizar aos (as) estudantes uma leitura significativa.

Paiva (2009), discorre sobre a falta de condição financeira das crianças das camadas populares em adquirir a literatura pois “a escola tem se configurado como um espaço fundamental para possibilitar esse acesso e proporcionar práticas para aquisição da leitura” (Paiva, 2009, p.141). Neste sentido, quando se fala em prática de leitura, conforme a autora, esta pode ser considerada como capital cultural, termo criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu no qual defende que a família é responsável por transmitir aos filhos esse capital cultural e este tem relação com o progresso escolar. Dessa forma, compreende-se que a falta desse bem no núcleo familiar, deve ser oportunizado na escola, pois o acesso a literatura é um direito, conforme defende Candido (2011), porém a escola nem sempre atende essa necessidade, sendo urgentes propostas eficazes.

Quando se pensa em escola, se pensa em criança, infância, nas relações que são estabelecidas, as quais podem deixar marcas positivas ou negativas. As crianças tendem a ter alguém para se espelhar, se encantar, (salvo raros contextos), nutrem admiração pelas (os) professoras (es), e, em suas brincadeiras imitam seus gestos, maneira e modos de falar, postura de ensinar, sonham em ser a pró:

Na verdade assim, eu sempre gostei, eu me via no espaço, no ambiente escolar com crianças, então isso sempre me motivou muito, desde criança eu imitava as minhas professoras, eu brincava que eu era a professora e que eu tinha um monte de crianças e colocava a cadeira, o que eu tinha né, de objetos pra representar as crianças, então eu já vivia nesse meio, e esse amor, essa relação com a educação ela foi se fortalecendo [...]minha primeira formação foi o magistério e eu também já vinha de família de professores, minha mãe é professora, tinha tias, primas, e aí esse círculo também me fazia né, ouvir os relatos, e esse amor foi crescendo, fortalecendo ainda mais. Eu já comecei em uma sala de aula com dezoito anos, quando eu fiz o estágio eu já tinha certeza absoluta que aquilo que eu queria pra mim está no meio daquelas crianças e fazer com que elas pudessem ter um acesso, uma visão melhor do que é a educação, o que a educação pode possibilitar a vida de uma pessoa. Minha mãe também sempre me incentivou bastante e foi então que depois eu decidi fazer Pedagogia e passei no vestibular da UEFS. Cursei Pedagogia e já tava completamente encantada porque também eu já fazia parte de uma sala de aula desde os dezoito anos e foi isso que me encanta cada vez mais e eu não me canso, a gente às vezes se estressa com uma coisa ou outra, a questão da rede, mas assim, com relação a estar na sala de aula com as crianças, isso me renova a cada dia (Ucha, entrevista, outubro, 2023).

As crianças sempre se recordam de seus/suas professores (as), quer positiva ou negativamente, esses (as) compõem o universo do (a) aluno(a), pois as crianças passam parte do seu tempo na escola em contato com os colegas e com os (as) professores (as) e demais equipe da escola, portanto, a escola propicia o estabelecimento de vínculos. A colaboradora Ucha expressa em sua entrevista o quão bom era brincar de escola e colocar as cadeiras representando seus/suas alunos (as). O imaginário da criança funde-se ao real ao expressar ações, comportamentos, reflexos, que na maior parte das vezes estão inseridos no contexto diário. Assim como tantas outras professoras, por estímulo e convivência com familiares que fizeram o magistério e partilhavam seus relatos, sua inclinação voltou-se para querer estar neste lugar de ensino, de aprendizado constante, troca de experiências e saberes. Aos 18 anos, Ucha adentrou o ofício de professora com a paixão, a sede de querer fazer a diferença na sociedade por meio do ensino.

A colaboradora relata que fez o curso de Pedagogia, sobretudo pelo estímulo da mãe, e devido já estar ensinando, vivenciando na prática “o chão da sala de aula”. Os conteúdos explorados na academia agregaram à sua prática a deixando cada vez

mais convicta da escolha assertiva que fez. Dessa forma, frente ao presente tempo, mesmo com as dificuldades enfrentadas que geram insatisfação e como menciona a colaboradora “estresse”, o estar com as crianças, a fazem superar os tantos desafios de sua vasta jornada.

Prosseguindo essa investigação, durante a entrevista com a colaboradora Milena foi solicitado que descrevesse suas memórias de leitura. Ela trouxe relatos que não tinha muitas lembranças de leitura na infância, mas que os registros fotográficos a fizeram rememorar esses momentos oportunizadas pela escola:

Tive acesso a literatura na infância, mas não é algo que eu trago muita memória; não é algo que é fixo em nossa mente até porque a nossa mente é muito limitada em relação a infância né? Na verdade, a gente vai esquecendo das coisas, mas eu me recordo muito de contação de história, na escola que eu estudava de educação infantil. Tinha muita roda de leitura, de contações, tenho registros fotográficos. Tenho muita foto de contação de história que a gente dramatizava, mas assim, eu não lembro de outras leituras, lembro que tinha isso de coletivo, de rodas coletivas na escola, de leitura, botava a gente pra participar, envolver os alunos nas participações, acho que as fotos que me trazem isso a mente (Milena, entrevista, outubro, 2023).

As falas de Milena retratam o quanto a imagem desperta memórias, pois mesmo não lembrando com precisão a existência de práticas de leitura na infância, os registros fotográficos foram fundamentais para manter vivo o registro que a levou a resgatar as rodas de história de sua infância. É fundamental os momentos coletivos voltados para a leitura na Educação Infantil, pois aproxima as crianças desde cedo com a dimensão que a linguagem escrita proporciona, assim como as interações, a apropriação da representação do mundo, entre outros. A trajetória da colaboradora Milena também a conduziu ao exercício docente, e ao perguntar o que a levou a ser professora, ela reflete e responde:

Nem eu sei... Eu não sei, na verdade assim, quando eu terminei eu queria fazer algo da área de saúde, aí eu fiz uns dois vestibulares, eu não passei, depois eu migrei pra Pedagogia. Na família ninguém é professor, não teve histórico de tia professora, mas no curso eu fui me identificando, gostando, fazendo, mas a identificação veio mais quando eu comecei a trabalhar mesmo [...] hoje eu me sinto realizada com que eu faço (Milena, entrevista, outubro, 2023.)

A experiência de Milena não é diferente de muitos jovens na escolha de um curso de graduação, as dúvidas, incertezas, tudo perpassa esse período até chegar o momento de uma real identificação com a sua profissão. As experiências vividas, o contato diário com as crianças, fizeram de Milena a profissional que é, como ela mesmo sinaliza: “realizada”.

A colaboradora Mônica também descreve sua motivação:

Uma professora que eu tinha, que ela era muito amorosa, muito cuidadosa, eu sempre ficava assim, admirando o jeitinho dela sempre com uma forma carinhosa de ta mediando os conflitos, eu tenho essa memória, assim, quando minha mãe saia eu ficava chorando, chorando... e ela ficava toda paciente ia na porta da escola pra dar tchau, eu era grupo 4 ou 5 , e ai até hoje eu tenho contato com ela, ela marcou minha infância; depois eu voltei a trabalhar lá nessa escola, então ela foi minha inspiração, aquela professora afetiva, e graças a Deus deu certo eu ser professora, consegui, passei no concurso (Mônica, Entrevista, outubro, 2023)!

Para a colaboradora Mônica, a inspiração para a escolha da docência aconteceu face a afetividade de sua professora da educação infantil. As marcas positivas trazem boas memórias, semelhante à do primeiro amor, e estas a levaram a querer compartilhar com as crianças todo afeto e carinho recebido, traduzido pela palavra “Educação”. A afetividade em sala de aula faz com que a criança se sinta pertencente a aquele espaço, assim como relata a colaboradora da sua admiração pelo jeito paciente da pró, que por sua vez, sabia mediar os conflitos de forma carinhosa.

A maneira como o (a) professor (a), acolhe as crianças é de grande significado para o estabelecimento de boas relações; Mônica relata que quando adulta trabalhou nessa mesma instituição da infância, e tamanho foram os afetos estabelecidos que ainda mantêm contato com a sua professora, a qual fora estímulo para sua formação. Dessa forma, compreende-se que os (as) professores (as), têm um grande papel na formação do sujeito e as construções estabelecidas influenciam no seu aprendizado. Vygotsky (1998) assevera que a afetividade ocupa um papel de suma importância no processo de ensino aprendizagem sobretudo a relação professor aluno, a avaliação, motivação. Neste sentido, é preciso que os afetos circulem no espaço escolar, trazendo essa proximidade entre o (a) professor (a) e seu/sua aluno(a), afetos que atravessam o tempo e renascem nas memórias do coração...

5.2 Qualidade no acervo: Uma busca necessária

Acervo

O acervo literário
É de suma importância
Quanto mais variedade
Favorece a criança
Pensar na pluralidade
Nessa vasta construção

Para que a Biblioteca Escolar alcance o objetivo no fomento à leitura, na formação de leitores e na promoção de múltiplas práticas leitoras, faz-se necessário e fundamental o investimento na constituição de um amplo acervo. Não se pode pensar só no aspecto físico, na beleza do local, nos mobiliários e equipamentos, é fundante o olhar para as literaturas, para a diversidade do material disponível, afinal, para formar leitores e fomentar novas práticas faz-se necessário a constituição desse acervo com livros que aguçam a vontade de lê-los. A grande inquietação é saber como são pensados os acervos e por quem? Como atuam os programas governamentais para este fim? Quem efetivamente assume o protagonismo na escolha dos acervos para as bibliotecas escolares? É sobre essa discussão que propõe essa categoria, tomando os relatos docentes que impulsionam essa pesquisa como faróis para compreensão dessas questões.

Em meio a essa discussão, diante da pergunta se a Sala de Leitura do CMEI Jardim Literário tem um bom repertório, as colaboradoras Milena, Ucha e Amora assim comentaram:

Olha, ele tem um bom repertório, agora tem um problema que é assim: os colegas pegam os livros pra levar pra sala de aula, pra contar história e não retorna, não devolve, então quando a gente vai procurar um livro a gente não acha, entendeu? Porque alguém já pegou, alguém já guardou na sala [...] então, vai se perdendo até catalogar o livro, mas se tivesse uma pessoa, entendeu? Poderia deixar todos catalogados, só sairia se a pessoa autorizasse, a pessoa teria ali quem foi que pegou pra poder ter o prazo pra devolver, mas quando fica assim, todo mundo pega, todo mundo mexe, fica desorganizado; sem contar ainda as vezes que as turmas saem e deixam o ambiente bagunçado (Milena, Entrevista, Outubro, 2023).

Eu acho que falta... Tem muitos livros aqui que não ta de acordo a faixa etária dos alunos, principalmente da minha turma, então eu tenho muita dificuldade de vir e encontrar um livro que possa ta lendo pra eles, por conta da faixa etária, apesar de ter muitos livros aqui [...] (Ucha, Entrevista, Outubro, 2023).

Sinto falta.... Sinto muito, sabe. Alguns livros já tínhamos aqui, outros são de doações, alguns professores também já trouxeram livros que foram dos filhos (Amora, Entrevista, Outubro, 2023).

A colaboradora Milena afirma que gosta do acervo disponibilizado na instituição, porém, apresenta um ponto que é comum em muitos espaços, a falta de um bibliotecário, ou alguém responsável pela organização do ambiente, das catalogações, empréstimos e de estratégias de mobilização e fomento à leitura. A ausência desse

profissional, tende a acontecer situações como as citadas por Milena, em que obras do acervo vão se perdendo, além da dificuldade de localizar tantas outras. Reiteramos que de acordo a Lei 12.244/2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas em todas as escolas das redes públicas e privada da educação básica devem ter uma biblioteca e contar com o profissional bibliotecário para gestão desse equipamento. A Lei também dispõe em parágrafo único que:

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (Brasil, Lei n. 12.244 de maio de 2010).

Infelizmente a Lei 12.244/2010 não tem alcançado seu objetivo, pois apesar de muitos espaços não terem sequer biblioteca, existe a carência de livros nos ambientes que configuram sala de leitura, como foi relatado pelas colaboradoras que muitos livros do CMEI Jardim da Leitura foram fruto de doações. Também o Plano Municipal de Educação de Feira de Santana- PME, descreve no seu documento ações específicas para a biblioteca, conforme a meta 1.10:

1.10. Implantar e manter, no prazo máximo de 3 anos da aprovação deste Plano, Bibliotecas em todas as instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental com classes de Educação Infantil, da zona urbana e rural, com acervo, respectivamente, adequados, mantidas pelo poder público municipal existentes ou que forem criadas com a atuação de profissionais devidamente qualificados (Feira de Santana, 2016, p.134).

Vale destacar que o Plano Municipal de Feira de Santana- PME, criado em 2011, passou por ajustes em 2016, o mesmo apresenta metas e estratégias com vistas ao ensino do município, porém, ainda não atingiu as mesmas. Assim também reflete a meta 5.3:

5.3.Os Sistemas de Ensino devem implantar bibliotecas nas escolas que ainda não possuem e manter os acervos, de todas as bibliotecas, atualizados para professores/as e crianças e adolescentes respeitando a faixa etária (Feira de Santana, 2016, p.160).

Apesar da existência do PME, o CMEI Jardim da Leitura não tem sido contemplado assim como tantos outros do município e sobre o acervo deste espaço, a colaboradora Ucha sinaliza que o mesmo não é compatível com a faixa etária de seus alunos, tendo em vista, como já mencionado, que muitos livros foram doados, como também sinalizou a colaboradora Amora. No período que estive visitando o espaço da sala de leitura, percebi que algumas literaturas eram destinadas ao público

do Ensino Fundamental I, e para os menores existe a necessidade de maiores investimentos. Assim, também relatou a colaboradora Bela: [...]“temos muitos livros lá, agora pro público da creche... Talvez pra Educação Infantil, que é 4 e 5 anos, pode ser que dê, mas para os menores, infelizmente não”. Diante dessa informação é salutar pensar em literaturas que são atrativas a crianças de creche, que despertam seu olhar curioso, onde as imagens, o colorido, os enredos, os livros sonoros e tantos outros que oportunizam o despertar do imaginário além das possibilidades da exploração da linguagem.

Colomer (2007) relata que desde muito cedo as crianças possuem conhecimentos sobre a narrativa de histórias face que identificam as personagens, imitam suas vozes, entre outros; mas o processo das estruturas narrativas é gradual, as crianças vão aumentando essa capacidade de compreensão à medida que crescem e que o avanço dessa compreensão “[...] resulta mais fácil para aqueles que tenham ouvido contar muitas histórias e que aprenderam a levar em conta os acontecimentos das páginas anteriores [...]” (Colomer, 2007, p.55). Dessa forma, quando as colaboradoras Bela e Ucha, tecem seus olhares sobre as literaturas, externam suas experiências e percepções sobre os pontos de melhorias para o alcance da compreensão e interesse de seus/suas alunos (as). Colomer (2007) ainda discorrendo sobre o processo das estruturas narrativas aponta que:

Os livros que se destinam às crianças que se acham nesse processo deveriam limitar a complexidade de suas histórias, se esperam que estas possam ser entendidas. As histórias devem ser curtas para não ultrapassar os limites da capacidade de concentração e memória infantil e para não exigir demais de sua confusa atribuição nas relações de causa e consequência [...] (Colomer, 2007, p. 55).

Assim, existe a necessidade de se pensar nas faixas etárias das crianças, pois muitas vezes quando há carência de literaturas para crianças de creche ou pré-escola os (as) professores (as) fazem adaptações para contarem essas histórias com foco no alcance da atenção das mesmas como relata a colaboradora Mônica (2023): “[...] o acervo tem muito livro, mas muitos não são adequados, a gente tem que ta resumindo, resumindo, resumindo[...]”, fator esse que suprime a literatura original, ainda que com a intencionalidade da compreensão dessas crianças, situação que poderia ser resolvida com um acervo adequado. Também relata a colaboradora Bela:

[...] “quando a gente conta uma história, uma história grande, a gente faz a leitura dessa história e faz as adaptações pra ser muito mais a leitura de imagem do que a leitura mesmo dita, né? Porque não tem como pegar um

texto grande e eles prestarem atenção, é muito mais teatro (risos...), pra chamar a atenção deles” (Bela, Entrevista, Outubro, 2023).

É importante observar que textos extensos não prendem por muito tempo a atenção das crianças menores, por sua vez, temas de animais, de elementos que fazem parte de sua vivência, as gravuras, a expressividade de quem direciona a história, tudo isto, favorece a proximidade com o livro. Sousa (2020, p.25) relata que “o modo como o leitor enxerga a leitura diz muito sobre como ela foi apresentada a ele”. Quando Bela faz adaptação ao livro, está pensando numa forma de despertar o interesse do grupo, de que o livro faça sentido para a criança, porém, o ideal seria que o acervo contemplasse livros destinados a todas as faixas etárias da instituição. Sousa (2020), discorre que para compor o acervo é necessário considerar o perfil dos usuários, assim como as necessidades informacionais da comunidade a qual se destina. Para tanto, sugere um panorama com os seguintes questionamentos: “Quem é esse leitor? Qual a história da comunidade em que vive? Quais as principais fontes de renda? Quais suas necessidades e dificuldades? Qual a faixa etária? Quais preferências literárias?” (Sousa, 2020, p.28). Essas são reflexões importantes para composição de um acervo na perspectiva democrática.

O que acontece costumeiramente é que nem sempre é observado a qualidade literária, ou seja, a que público se destina, a linguagem utilizada, tal qual a necessidade de temas de acordo o contexto de sua comunidade, entre outros. A variedade literária é fundamental pois, a sociedade é plural, porém, nem sempre a realidade da comunidade local é contemplada, sendo necessário o olhar da equipe escolar no momento da escolha das literaturas, tendo em vista que essas obras oportunizam muitas descobertas como as nuances do próprio cotidiano. Neste sentido, o acervo deve dispor de variados gêneros textuais enriquecendo as possibilidades leitoras desse equipamento. A ação do CMEI Jardim da Leitura em receber doações foi louvável no que tange ao objetivo de compor a sala de leitura, porém, faz-se necessário a seleção dessas literaturas e, sobretudo, que os programas governamentais deem suporte às escolas para a composição de seus acervos.

Dentre as políticas educacionais pensadas no acesso ao livro, no ano 1997 foi iniciado no Brasil o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), como forma de promoção da cultura e leitura distribuía obras literárias para os acervo das bibliotecas escolares, porém no ano de 2011, o PNBE foi substituído pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), por meio do decreto nº 9.099, de 18 de julho de

2017 e do objetivo 2 qual compete avaliar e disponibilizar obras literárias, pedagógicas e didáticas, de forma gratuita, para as escolas no setor público de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. O programa também tem a possibilidade da distribuição de outros materiais como softwares, materiais para formação, de reforço, entre outros. Vale ressaltar que o CMEI Jardim da Leitura aderiu ao PNLD selecionando títulos ofertados pelo programa, os quais auxiliarão no trabalho de leitura que o CMEI desenvolve.

Face aos livros que são indispensáveis ao acervo, as colaboradoras Amora, Mônica e Ucha, responderam:

(Ficou pensativa...) Eu acredito que falta muita literatura sobre o universo infantil negro, muito... Gente, tem criança aqui..Eu tava num processo de tranças ai segunda eu retirei e terça apareci aqui com uns cachinhos.. - Pró! Olha pra teu cabelo! Então eu sei que hoje já vai ser uma festa! Eu sinto falta... Muito, muito, muito...Eu tenho Amoras em casa, eu trago pras leituras, pra usar com eles, mas até o meu acervo, não é algo que eu to compartilhando com as demais colegas, então se na sala de leitura tivesse, eu acho que a gente poderia ta explorando mais... Eu sinto muita falta, porque os contos clássicos a gente chega hoje no youtube... Então hoje eu não tenho aquele livro... Vamos lá pintar! Então a gente imprime, encaderna. Ai, eu sinto falta, até pro espaço né? Bonecas... A gente não vê muito autores pra ta trabalhando com eles. A gente não tem uma formação específica aqui na escola (Amora, entrevista, outubro/2023).

Eu ainda bato na tecla dos livros voltados pra Educação Étnico racial porque a gente percebe ainda essa questão (Mônica, entrevista, outubro/2023).

As poesias, os gêneros de forma geral em relação à faixa etária dos alunos de creche e pré-escola, que é 4 e 5; os contos, as parlendas, eles gostam muito! Os contos clássicos, sem perder também os contos afros, né? A gente fez também um trabalho muito bom voltado pra isso, diversificou bastante [...] Antes era só os contos clássicos mesmo, Cinderela, A Bela Adormecida, aí a gente tentou bastante mudar essa concepção, essa forma né, de ver, a gente mudou realmente, colocamos outros contos, contos afros (Ucha, entrevista, outubro/2023),

Os relatos das colaboradoras Amora, Mônica e Ucha, sinalizam a necessidade das escolas trabalharem sobre o racismo, pois ele é real. Neste sentido, tendo em vista o quanto a literatura é importante para discutir temáticas cotidianas, as escolas devem oportunizar literaturas negras em seus acervos, as quais tanto auxiliam nesse processo de respeito quanto reconhecimento de identidade. A colaboradora Amora comenta a alegria e curiosidade das crianças de sua turma ao vê-la com tranças, assim como o trabalho que realizou com a literatura intitulada Amoras, do autor Emicida.

Estas são ações importantes que não devem acontecer em momentos pontuais, mas, ao longo de todo o ano para conscientizar as crianças contra o preconceito. Amora ainda sinaliza que no espaço da sala de leitura seria importante ter bonecas negras, sua fala demonstra a importância de trabalhar as questões étnico-raciais. Por conseguinte, Mônica e Ucha sinalizaram a necessidade da aquisição de literaturas negras para a Sala de Leitura do CMEI; Ucha, pontua que já vem desenvolvendo em sua turma uma nova concepção em que introduziu os contos afros nas contações de história, sem ficar limitada aos contos tradicionais.

Vale ressaltar a importância de variar os gêneros no acervo; pensando na Educação Infantil, os contos, parlendas, poemas, entre outros, sempre foram oportunos. A colaboradora Milena falada importância dos contos, pois fazem parte desse universo de domínio popular, sem perder de vista que aguçam a imaginação. Colomer (2007) destaca que face aos estudos da educação infantil e juvenil surgiram muitas vozes que discorrem que o acesso as literaturas proporcionam formas diversas sobre a realidade, sendo necessário para: “evadir-se, imaginar, observar as potencialidades da linguagem, compatibilizar as distintas culturas a que pertencem” (Colomer, 2007, p. 131). Dessa forma, é preciso pensar no tradicional e no moderno, nos interesses da comunidade local, nas distintas vivências. Neste sentido, as colaboradoras Maribel e Bela comunicam sobre a importância dos livros, os quais são fundamentais para o público infantil e citam a autora Ruth Rocha pela qualidade literária de seus escritos que perpassam gerações. Assim, sinalizaram as referidas colaboradoras:

O Bom dia todas as cores, livros de Ruth Rocha, tem alguns, mas faltam... a gente fica batendo muito naqueles clássicos né, mas eu gosto de variar bastante (Maribel, entrevista, outubro/2023).

Os livros que trabalham as questões morais, de valores, que a gente trabalha com as crianças, são indispensáveis pra Educação Infantil. Eu acho que é indispensável também os contos, faz parte mesmo desse público e marca bastante fazer essas narrativas porque são histórias fáceis, histórias do cotidiano mesmo, do domínio popular, eu acho interessante pra Educação Infantil (Milena, entrevista, outubro/2023).

Esses livros pra 2 e 3 anos, pra faixa etária adequada, precisa muito mesmo... A gente não tem aqui Bom dia todas as Cores! Queria trabalhar esse livro, as meninas disseram que têm, eu procurei, mas nunca vi (Bela, entrevista, outubro/2023).

Os (as) professores(as) em contato diário com as crianças percebem os livros que atraem as mesmas, o que chamam à sua atenção, cada gesto e olhar de empolgação. Assim, as colaboradoras Maribel e Bela enfatizam o livro Bom dia todas

as cores da autora Ruth Rocha, o mesmo livro que me encantou na primeira série, o qual levei para leitura pelo “bom comportamento”. Sim, como criança que fui e diante do meu contato inesquecível com este livro, com a alegria de ver as mudanças do camaleão, o colorido das gravuras e o próprio enredo da história, sem dúvida, o mesmo irá enriquecer o acervo. Quando Bela sinaliza que as colegas já viram o livro na sala de leitura e hoje não é mais encontrado, percebe-se a necessidade de alguém responsável por este espaço, de fazer os registros dos empréstimos, entre outros. Milena apresenta os contos, afinal, estes são fascinantes no universo infantil! Quem não já teve medo do lobo mau? Não quis calçar o sapatinho de cristal da Cinderela ou levar os doces pra vovozinha? O trabalho com valores citados, também deve ser uma constante para melhoria das relações tal qual a solidariedade, respeito etc. Face a esses olhares também foi perguntado às colaboradoras quais livros mais chamam a atenção das crianças e estas foram as respostas:

Acho que o que mais eles se interessam são os que eles já conhecem as histórias, porque eles podem fazer os recontos a partir das imagens. Então, o que eles já conhecem querem recontar do jeito deles, através das figuras, esses são os que mais chamam a atenção. Eles quando vão pra sala de leitura também gostam muito de brincar de ser o professor, de pegar o livro e fazer aquele reconto como se eles tivessem fazendo a contação pra turma né, eles acabam reproduzindo um pouco, isso (Milena, entrevista, outubro, 2023).

Ah, tem uns de capa dura, com desenhos coloridos, livros grandes, esses são os que mais chamam a atenção deles (Bela, entrevista, outubro, 2023).

Na verdade assim, eu tenho um aluno autista, e como ele gosta muito de carrinho o que mais chama atenção dele são os livros de carrinho[...], quando ele viu o livro que tinha carrinhos da hot wheels, ele foi correndo pegar, aí me pediu, mas as meninas gostam mais de livros que tenham fadas, bruxinhas, os meninos vão mais pra animais, livros que tenham mais imagens (Ucha, entrevista, outubro, 2023).

Frente a estas respostas, e enfatizando informações aqui já decorridas, é notório o quanto as imagens, as cores, todo o cenário dos livros, envolvem as crianças; existem livros que conquistam já pela capa! Colomer (2007) salienta que os livros para as crianças que ainda não leem é uma realidade consolidada na atual produção literária e que estes ampliam-se para esta faixa etária correspondente a crianças de creches e pré-escola, a autora menciona que “é pois, através dos distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária” Colomer (2007, p.52). A variedade literária é muito importante em todas as fases, pois, desperta o olhar da

curiosidade advindo da infância. Nesse contexto, Yunes (2021) traz a seguinte contribuição:

Pensemos na sedução que os traços e cores, a textura do papel e a capa exercem, para grandes e pequenos, nos mostradores das livrarias ou das bibliotecas: a observação, os detalhes, os flagrantes, as curiosidades vão trazendo o interesse sobre o objeto em conexão com a descoberta dos interesses subjetivos. Daí que a variedade dos textos, a diversidade dos temas e personagens constituam um banquete capaz de apurar o gosto, o sabor da palavra e a capacidade de estabelecer relações entre as coisas do mundo, entre si e o mundo: nisto consiste a própria ideia de leitura (Yunes, 2021, p.6-7).

E é esta capacidade de estabelecer relações entre as coisas e o mundo, como bem relata Yunes, que propicia, para além da fruição, o desenvolvimento de tantos outros aspectos em que a realidade e a fantasia ganham forma através das narrativas. As assimilações do que veem, escutam, interagem, possibilitam avanços na compreensão de suas vivências. Portanto, a real necessidade de que os espaços da sala de leitura sejam atrativos e do investimento na dinamização dos acervos escolares.

5.3 Ações da sala de leitura no CMEI

Bibliocultura

Pensar na Biblioteca
E nas salas de Leitura
Nas pessoas que ali passam
Olhando tantas gravuras
Cada um com sua história
Carrega sua cultura.
E neste espaço de livros
Se amplia a visão
Tem muita diversidade
Promovendo interação
Tem sarau, tem festival
Tecnologia e tal
Que alegra o coração.
Esse espaço aconchegante
Merece esse novo olhar
Chegue junto, não se espante
Você pode comprovar

Vem menino e menina
Pois aqui só tem fartura
E na junção de palavras
Adentre a Bibliocultura!
(Alice Moraes)

Nestes versos onde utilizo o termo “Bibliocultura”, introduzo essa categoria chamando a atenção para o papel da biblioteca e sala de leitura como promotora de atividades socioculturais. A arte deve ser expandida, vivenciada, e estes espaços urgem serem mobilizadores desses eventos. Lima (2017) em sua tese, pontua sobre a necessidade de pensar a Biblioteca na atualidade:

Pensar a biblioteca como mais um espaço de formação, de inter-relações, de práticas culturais de leitura e não apenas de práticas escolares é um desafio posto à contemporaneidade. Ou concebemos a biblioteca como equipamento vital ao processo formativo dos alunos e da comunidade circunvizinha ou correremos o risco de torná-la ainda mais um espaço esquecido, desprestigiado e de procura exclusivamente para demandas escolares obrigatórias. A nossa defesa é por uma biblioteca escolar compreendida e concebida como espaço de múltiplas aprendizagens (Lima, 2017, p. 237).

Essas múltiplas aprendizagens devem ser uma constante, pois à medida que a população aumenta, que se passam os anos, as inovações acompanham estes processos, pois o homem é um ser interativo, dotado de criatividade. Os novos modelos, as novas perspectivas atraem as pessoas, assim como a multiplicidade de ideias que surgem a todo momento, como o aparato tecnológico e suas novidades em tempo recorde, de forma que o que surge como novo em pouco tempo já se torna ultrapassado. Tudo isto, nos leva a pensar: Será que a biblioteca e sala de leitura tem ocupado esse espaço inovador? Será que os/as estudantes se sentem atraídos (as) ou desestimulados (as) com as propostas ofertadas? Será que a cultura e as constantes inovações estão incluídas nas bibliotecas e salas de leitura?

Como mencionou Lima (2017), se não tivermos esse olhar a biblioteca continuará sendo usada para demandas exclusivamente obrigatórias e não atrativas. Dessa forma, tanto o bibliotecário como os que administram esse espaço devem colaborar para a expansão cultural. A arte é primordial para a sociedade e não deve ser contemplativa, apenas da população elitista, mas de todas as pessoas, sobretudo, da população periférica, tão carente e vítima de uma sociedade excludente.

E nesse viés, nos remetemos ao poeta Sérgio Vaz, que dentre outros projetos incentiva a criação poética em escolas de periferia com o Projeto Poesias contra a

Violência, propiciando aos (as) estudantes o incentivo literário e a validação da arte. Em seu livro, *Literatura Pão e Poesia*, o autor relata que ao ler poemas numa escola um menino lhe perguntou; - “Então isso é que é poesia? [...] Ah, isso eu também sei fazer” (Vaz, 2020, p.136). Percebe-se nesse relato que as pessoas fazem arte e não sabem que a fazem, assim, reiteramos a urgência da Biblioteca Escolar e a Sala de Leitura ser essa ponte de promoção artística e literária cumprindo seu papel social, sobretudo democratizando o saber.

Partindo desse contexto, quais atividades são desenvolvidas na Sala de Leitura do CMEI Jardim Literário? As colaboradoras Amora, Maribel e Ucha, assim comunicaram:

Pelo menos comigo, a gente faz com que eles recontem naquele momento. Ah, vamos agora escutar a história que Dan escolheu! Aí ela vai lá e reconta; daqui a pouco a gente tenta mostrar que o outro vai ter a sua vez num outro momento, ou então, o desenho daquela história que foi escolhida. A gente tenta, porque acaba sendo um tempo que eu não posso explorar muito deles, né? Então tem que ser coisas bem rápidas mesmo por conta da faixa etária, daqui a pouco eu não quero mais, pró eu quero ir pra minha sala! E a pró, para aí, para aí, pera aí... (Amora, entrevista, outubro, 2023).

Leitura, contação de história, com fantoche. Como a sala não é muito grande, quando a gente quer dramatizar alguma coisa a gente vem pro pátio. (Maribel, entrevista, outubro, 2023).

Contação de historinha, dramatizações, a gente diversifica as estratégias e os recursos pra que não seja só um momento de expor os livros aqui na mesa, os alunos vêm manusear, vai muito de acordo com aquilo que a gente quer, o objetivo que a gente quer atingir naquele momento, mas a gente deixa muito leitura por prazer, pra que eles possam estar vivenciando esse momento literário, leitor, na verdade (Ucha, entrevista, outubro, 2023).

Pelas falas das colaboradoras percebe-se que atividades como o reconto, teatro de fantoche, dramatizações, estão presentes no espaço da sala de leitura, atividades essas necessárias para o desenvolvimento do leitor infantil. A colaboradora Ucha menciona que para além dos livros em mesas, existem propostas com objetivos específicos voltados à leitura, mas que a leitura livre, por prazer, ocupa seu devido espaço. A leitura por prazer desencadeia a construção da autonomia, para desfrutarem o universo que é a literatura infantil e as crianças vão dando sinais de como recebem este ambiente. Será que esse espaço de fato agrada às crianças? Os alunos se sentem atraídos pela Sala de Leitura?

Sim. Esse ano a gente tá levando um pouco menos né, devido algumas mudanças de rotina, mas eles gostam quando vão lá, gostam muito de mexer nos livros. Na rotina tem o horário da gente ir, mas também a gente deixa

livros na sala e eles gostam de manusear esses livros (Bela, entrevista, outubro, 2023).

Os meus eu posso falar que sim, contudo, é isso que eu digo, se tivesse uma iniciativa, alguma coisa a mais pra que despertasse essa motivação e esse desejo seria melhor pra eles, né, do que somente ir pra aquele espaço (Milena, entrevista, outubro, 2023).

Muito e sim, mas não são todos, eles acabam assim: a gente não pode colocar a sala de leitura como um processo de acolhida por mais de quinze, vinte minutos, principalmente por não ter um complemento, então eles vão e a gente direciona: -Vamos hoje pra sala de leitura, vocês vão escolher um livro e vamos lá! Vamos contar pra pró! Muitos lá vão pela capa, né? São induzidos a pegar e já quero outro, pró! E ai se querer outro? E depois? É aquela preocupação... - Não bagunça não viu? Pelo amor de Deus! (risos...) A gente vê muito isso, dá sim pra ser utilizado como uma acolhida, mas não uma acolhida muito extensa (Amora, entrevista, outubro, 2023).

[...] Os brinquedos distraem né? E teria que ter mais livros. Geralmente a gente já vem com uma proposta de contar uma história determinada, aí depois a gente deixa eles escolherem os livros que eles querem, mas geralmente a gente não leva só pra deixar lá, tem uma proposta (Maribel, entrevista, outubro, 2023).

Esses relatos mostram que as crianças gostam do espaço da sala de leitura, porém, nas falas das colaboradoras fica claro que a dinâmica do espaço deve ser repensada. A colaboradora Bela comenta que devido mudança na rotina a frequência neste espaço tem sido menor. Apesar dos livros em sala, o equipamento da biblioteca e sala de leitura devem ser pensados de forma convidativa à leitura, sempre tendo o cuidado para que este espaço seja tão importante na rotina quanto os demais, afinal, o objetivo é o estímulo leitor. Já a colaboradora Milena aponta sobre a necessidade de algo a mais para motivar as crianças e é neste sentido que a biblioteca e sala de leitura não devem ser usados tão somente com caráter de obrigatoriedade, sem que seja atrativo para as crianças, dessa forma, as atividades culturais aqui já citadas, devem proporcionar significativas aprendizagens.

O (a) professor (a) ao pensar os planejamentos para esse espaço deve também propor atividades diferenciadas de leitura como por exemplo, histórias com músicas, dramatizadas, com livros gigantes, com caixas surpresas, a visita de um autor, a contação por uma criança, um familiar, caça-tesouro literário e tantas outras possibilidades que por meio das trocas entre os (as) professores (as) podem emergir, mesmo porque não existe ainda a figura do bibliotecário no CMEI pesquisado, porém, o (a) professor (a) também se configura como mediador, face ao que já foi retratado. A colaboradora Amora aponta sobre a gestão do tempo e a preocupação com a desorganização do ambiente, todos esses elementos devem ser discutidos, refletidos

com o grupo para melhor organização, pois a criança tem o direito de usufruir de qualquer livro do espaço, a biblioteca e/ou sala de leitura, deve ser um equipamento vivo e criança é movimento, porém, os acordos devem ser estabelecidos, sobretudo, o cuidado para preservação dos livros, a comunicação de forma acolhedora, como aponta Lima (2017):

[...] Em se tratando de um espaço que visa a formação de leitores e a construção e disseminação de conhecimentos, faz-se necessário o estabelecimento de regras, mas também a adoção de práticas acolhedoras, não apenas para atrair o jovem aluno para o espaço da BE, mas principalmente para concebê-lo como um lugar de buscas, de investigação e de descobertas (Lima, 2017, p. 112).

Principalmente com crianças de creche e pré-escola as regras quanto ao uso dos livros se estabelecem com os chamados combinados, estes, em conversa com o grupo, são sinalizados previamente sobre os cuidados para não rasgar o livro, não amassar, saber pedir licença ao pegar o livro do colega, ao invés de puxá-lo, organizar o ambiente após o uso, para a manutenção e cuidado do acervo. Porém, para além das regras, esse espaço de tantas descobertas é o espaço que acolhe envolto em palavras, as quais informam e transformam. A colaboradora Maribel trouxe um ponto que é muito comum visualizar nos espaços de sala de leitura que são os brinquedos ocuparem o mesmo ambiente que os livros, pauta já citada nessa pesquisa, porém, vale ressaltar que no período que fui a campo a sala de leitura estava em processo de organização e após os materiais organizados, não visualizei esses brinquedos no espaço, com exceção dos fantoches que fazem parte das contações de história. Também foi perguntado às colaboradoras com qual periodicidade as crianças frequentam a Sala de Leitura:

Vai depender da rotina, e como te falei, tem livros na sala de aula e há momentos que a gente pega livros da sala de leitura e leva para contar na sala (Bela, entrevista, outubro, 2023).

Como a rotina acaba sendo dividida comigo e a outra professora, então eu acredito que umas duas vezes na semana. Até mesmo porque a gente tem cronograma para que os grupos possam ir, às vezes a acolhida é do grupo 5, aí quando cada sala já vai, eu prefiro deixar pra levar mais tarde, então a gente tem essas trocas, mas pelo menos duas vezes eles vão. (Amora, entrevista, outubro, 2023)

Na verdade, assim, a gente é 1 dia por cada turma, mas fica também às vezes muito livre, sabe? Porque no grupo 3 mesmo, a gente sempre reserva assim: uma atividade para as crianças, pra ser realizada aqui (na sala de leitura), principalmente quando há uma contação de historinha, né, e aí a gente organiza direitinho (Ucha, entrevista, outubro, 2023)

Para a organização dos espaços nos CMEIs, a rotina é um instrumento fundamental, ou seja, um cronograma com os horários em que cada grupo deve revezar os espaços para melhor funcionamento do ambiente escolar. Assim, as colaboradoras elencam as suas dinâmicas, as quais, como mostram as narrativas não são engessadas, a depender da necessidade dos grupos os ajustes acontecem, o que é pertinente. A colaboradora Bela sinaliza que existem livros também em sala de aula, mas, que a depender da sua necessidade, utiliza os livros da sala de leitura, na sala de leitura. O professor se vale dessas estratégias, pois as crianças às vezes de tanto manusear o mesmo livro, já perdem a motivação, e levar para a sala um livro novo, é provocar a curiosidade do que está por vir. Por isso também a importância de ter um espaço destinado à leitura, que não a sala, pois irão a um novo ambiente onde a imaginação é a florada. O relato de Amora deixa claro a flexibilização em meio a necessidade, o qual ela não se furta de levar suas crianças para o contato com os livros, Colomer (2007) relata sobre a importância de se aliar as literaturas infantis e juvenis para que as crianças tenham oportunidade do despertar para a leitura. Este contato livre, de deleite é importante para a criança, onde é comum vê-las criando as próprias narrativas face ao que o livro despertou. Ucha menciona, que após contar uma história, sempre desenvolve uma atividade, as artes são boas oportunidades atreladas à literatura, o cuidado é sobre quais atividades serão desenvolvidas neste espaço para que não se perca o foco, que é a formação do leitor.

5.4 O professor e a Leitura Literária: formando-se para formar

Leitura Literária

Professor é incentivo
É exemplo meu irmão
E pra falar de leitura
Vem a disciplina então
Ler boa literatura
E disseminar cultura
Olha que nobre missão
E os textos literários
Sempre trazem a lição
Representam nossas vidas
Com a comunicação
Parabéns pro professor

Que sendo este bom leitor
Contribui com Educação.
(Alice Moraes)

Muitas reflexões já percorreram os tantos relatos até aqui, e quando se fala nas ações de leitura que são desenvolvidas para o alcance das crianças, há de se pensar na importância do papel do (a) professor (a) para esse estímulo. Os projetos que são pensados, as literaturas que são escolhidas, os incentivos diários lhe competem a responsabilidade enquanto formador/ mediador de outrem. Vilas Boas (2020) reafirma a ideia que sendo a leitura direito de todos e para que o sujeito amplie sua rede de leituras é fundamental que vivencie diferentes oportunidades. Partindo dessa premissa surgem os questionamentos: Quantos (as) professores (as) ao longo de sua caminhada não tiveram boas experiências com leitura? Quantas oportunidades lhes foram negadas por motivos diversos? Quantos docentes estão no exercício sem ânimo para prosseguir a jornada? Esta categoria pretende refletir sobre a importância do(a) professor (a) tornar-se leitor para formar leitores, do contrário, uma rede de professores não leitores, conseqüentemente perpetuarão suas práticas sem provocar no (a) aluno (a) o desejo de debruçar-se na leitura. Assim, prosseguindo as entrevistas as colaboradoras falaram sobre as influências que contribuíram para sua formação leitora:

(Pensa... explico novamente a pergunta). Teve um professor, na época que eu fazia o magistério no Assis, eu não lembro muito bem o nome dele, mas assim ele era um dos, foi um dos maiores influenciadores pra mim. Rita Brêda também contribuiu bastante! Porque a disciplina dela foi a que me incentivou na minha monografia né, eu falei quanto os espaços da escola contribuem na aprendizagem dos alunos, como o cantinho de leitura, o cantinho do faz de conta, esses espaços, como eles são organizados; a própria sala de leitura, como ela era organizada pra favorecer essa aprendizagem pra criança, então foi a própria disciplina dela que me fez pensar sobre isso e ela foi uma grande influenciadora mesmo... Sempre lê literatura, muito, muito... Tem Anna Virgínea Felix , ela também, já foi minha coordenadora, já foi minha colega de trabalho, já foi minha professora da UEFS, então ela me incentivou. Sabe um livro que eu lia bastante também, foi influência do meu filho, ele diz que eu fui uma influenciadora pra ele mas ele que também me influenciou muito a questão da leitura, e um dos livros que ele me dava para ler era aquele de Agatha Christie... Ave! aqueles romances, que eram romances policiais, tipo assim, então ele também me influenciou bastante, bastante mesmo. Até hoje meu filho me influencia: Mainha vá fazer o mestrado! (risos...). Tem muitos autores que Rita Brêda me dava como sugestões de livros, mas agora eu não lembro... Mas Rita Brêda é fantástica! (Ucha, entrevista, outubro, 2023).

Aguiar (2013) menciona que “o material escrito não faz parte do cotidiano dos brasileiros, para os quais todos os problemas se resolvem sem ler e escrever e as melhores modalidades de diversão não incluem o prazer literário” (Aguiar, 2013, p. 63). Essa é uma realidade enfrentada diariamente no Brasil, a leitura não é prioridade e nem sempre ter acesso a livros é ter leitores competentes. O relato de Ucha está imbricado de boas memórias que marcaram sua formação enquanto leitora. Ela cita um professor, duas professoras e seu filho como grandes incentivadores. Não basta ser professor, tem que existir o diferencial, e ao mencionar a professora Rita Breda, cita que em suas aulas a leitura literária era uma prática e as tantas discussões voltadas para o universo da leitura a fizeram escolher sua temática de dissertação. Ainda sobre a referida professora salienta as indicações literárias, e quando o (a) professor (a) comenta, discute, instiga, aviva a curiosidade e o despertar do leitor. Nessa perspectiva, a colaboradora cita mais uma professora que foi importante referência, a professora Anna Virgínia, a qual conviveram juntas em vários espaços e seus incentivos literários também marcaram a caminhada de Ucha. Neste sentido, Aguiar (2013) menciona ainda que:

Viver rodeado de material escrito não garante o nascimento de um leitor; no entanto, o exemplo dos pais, avós, irmãos, amigos, professores e bibliotecários é decisivo para aproximar a pessoa dos livros. Mas é sobretudo o entusiasmo, o comprometimento demonstrado através da leitura conjunta, do diálogo sobre os assuntos lidos, dos relatos de experiências leitoras que mobilizam o novo leitor (Aguiar, 2013, p.69).

Dessa forma, é esse comprometimento que também nutre o filho de Ucha, incentivando sua mãe a leituras e a prosseguir nos estudos despertando o constante aprendizado o qual a leitura é a fonte propulsora. Também a colaboradora Bela (2023) fez o seguinte relato sobre este estímulo: (pensa...) “Eu acho que as próprias crianças, elas despertam esse interesse, pelo menos em mim, né? E aí acaba que... (pensa...), nos motivando a ler mais, a conhecer algumas obras pra poder tá passando”. A experiência de Bela não emerge de estímulo da escola ou da vida acadêmica, mas, da sua própria vivência diária com as crianças, é preciso ler para compreender os processos educativos, para trazer propostas novas e prazerosas. Já a colaboradora Milena traz as seguintes influências:

A trajetória formativa da gente, à medida que a gente vai conhecendo pessoas, vai fazendo estudos, indicações literárias, vai sentindo curiosidade, a partir da indicação do outro e isso faz com que a gente desperte pra ler. Eu fiz um programa com Ana Verena, de formação, e ela na época fez uma

indicação de um livro, Diálogos Formativos, não sei se você conhece, que você faz uma assinatura e todo mês chega um livro, e a partir disso, outros livros eu fui conhecendo, a partir dessa assinatura dos livros da área. Sem ser disso, outros grupos que a gente faz parte e as pessoas indicam literatura e vai despertando o desejo de ler, de comprar. Sempre que alguém traz uma referência boa de leitura e dica, a gente anota, se não pode comprar naquele momento, vai pra olhar depois. Ontem mesmo em um grupo, uma pessoa fez indicação de um livro, já quero comprar! (Milena, entrevista, outubro/2023).

Milena discorre dos vínculos e formações construídas ao longo da profissão. Estar em busca de formação, de aperfeiçoamento pedagógico, das trocas constantes faz despertar o desejo desses conhecimentos. Tal como mencionado anteriormente a forma com que se comunica, a mensagem que é transmitida ao interlocutor estimula o querer ter contato com livros. Nessa perspectiva foi perguntado às colaboradoras quais seus livros preferidos:

Os livros que trabalham mais a questão ética, do racismo, Amora, Menina Bonita do laço de Fita, eu gosto muito de trabalhar com essa temática com os meninos não só naquela questão da consciência negra né, geralmente as escolas cobram, toda semana a gente tem um momento de roda de leitura e eu gosto de tá trabalhando, valorizar. Na infância eu gostava muito de quadrinhos, por isso até que eu quero que meu nome na pesquisa seja Mônica, (risos) hoje em dia não tem tanto mais. (Mônica, entrevista, outubro, 2023).

(Pensa...) De hoje? Tem a Bíblia e tem o que mais, meu Deus? Eu não sou muito de ficar lendo não, viu Alice? Eu leio quando preciso de alguma coisa, mas pra dizer que eu fico lendo um livro atrás do outro, eu não consigo, não... (Maribel, entrevista, outubro, 2023)

Eu vou ser super sincera, não leio tanto, mas gosto muito de literatura infantil, dos contos de fadas, gosto muito de... (pensa...) é isso, gosto muito de embarcar com as crianças, (risos), super sincera (Bela, entrevista, outubro, 2023)

Êta, meus livros preferidos! Faz um tempinho que eu não... Pra falar a verdade... Que eu não leio literatura. (pensa...) [...] fora a parte de educação, eu li muito, tirando né, a parte de educação mesmo, eu lia muito romance. Li também Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia, li muito, deixa eu vê, (pensa...) eu já li tantos livros e agora me perdi... Na verdade assim, eu tô começando a ler, não é voltado pra educação, mas é um livro que meu filho lançou, eu comecei a ler mas só pouquíssimas páginas, é um livro de contos, poemas (Ucha, entrevista, outubro, 2023).

Vilas Boas (2020) em sua pesquisa com estudantes do curso de Letras sinaliza sobre a heterogeneidade das trajetórias de leitura dos sujeitos, suas singularidades que influenciam em práticas não leitoras. Corroborando com a pesquisadora e face às respostas aqui citadas, compreende-se que o contexto de cada um reflete na sua constituição leitora. Vilas Boas (2020) ainda menciona que:

[...] um professor, assim como todo leitor, se faz com muitas histórias, histórias esquecidas na memória, histórias advindas de práticas em que pese a diversidade - diversidade, de tipos e gêneros textuais, diversidade de autores, diversidade de suportes, diversidade de épocas (Vilas Boas, 2020, p.167-168).

Portanto, as experiências ao longo da trajetória vão modificando as práticas de leitura. Aguiar (2013) pontua que a literatura pode suscitar o prazer e que esta assim como as atividades lúdicas têm o caráter de emocionar e divertir. As escolas precisam pensar sobretudo nesses momentos de leituras e discussões com os (as) professores(as), de trocas literárias entre os discentes, oportunizando aos mesmos experiências que enriqueçam suas trajetórias, pensar na literatura com encantamento, com a perspectiva estimulante da fruição. Dessa forma, ao enfatizar o professor - leitor suscita pensar no aluno(a) leitor (a), nas propostas para esse fim, de formar leitores infantis.

Por conseguinte, também fez parte da entrevista saber as formas que o professor (a) encontra para investir na formação leitora das crianças:

(Pensa...) Assim, a gente faz roda de leitura, a gente ta com um ateliê que tem como título Histórias que viram desenho, então não é um ateliê pelo ateliê, vem a importância da história e essa história vai virar um desenho, vai virar uma obra de arte com massinha, com argila; ta trabalhando muito nessa perspectiva. E existe um projeto que é Palavra Cantada, né, é um projeto que a gente trabalha com musicalização, só que analisando esse processo, da leitura mesmo, não são os livros, mas a gente puxa muito para a leitura (Bela, entrevista, outubro, 2023).

Antes, a gente tinha uma roda semanal de contação de história, era muito bom, porque a gente ampliou o repertório de leitura das crianças e através de outros recursos que não é só a contação oral; a dramatização, a musicalização, tudo isso [...]. Mas foi um momento muito bom. Esse ano também teve uma mudança na roupagem da configuração da escola e também os projetos, sequenciadas. Agora dentro da minha sala né, no momento da rodinha, uma contação de história com eles, levo na sala de leitura, a gente faz contação, uma atividade voltada para aquela contação, eles também manuseiam os livros, mas só que eles pegam, mas como eles não sabem ler, então logo eles perdem o interesse. Tem hora cada um quer um, eu também não posso ler um pra cada né? O que cada um escolheu; a pró, escolhe um, faz a leitura, mas nas rodas, na sala, a gente vai fazendo esse momento de socialização de leitura com eles. A gente tá trabalhando com a tipologia parlandas, é um dia na semana que a gente trabalha, nos outros dias a gente trabalha com outras coisas, assim, músicas, que é outro projeto também (Milena, entrevista, outubro, 2023).

A gente tenta né? Porque assim, eu sinto falta né, a gente transpando essa responsabilidade muito pra secretaria de educação, mas eu sinto falta desse investimento vindo de lá, pra que a gente pudesse ter esse universo né, mais qualificado, porque assim, hoje, a gente comprar acaba sendo eu digo que não é prioridade principalmente para trazer para as crianças, visto que a gente lá fora tem outras coisas pra ta tomando conta, eu sinto falta de acervo maior da escola principalmente com essa dinâmica agora da escola, que

antes nós fazíamos leituras esporádicas, então eu quero nessa rodinha agora contar a história do dente, então vou procurar, era muito mais ligado a isso, mais hoje não, hoje nós temos a obrigação de inserir essa leitura diária e muitas vezes nós não temos esse acervo, dedicamos duzentos dias letivos, duzentos livros para a minha faixa etária. Nós temos Projeto de Leitura, agora tá tendo o da Ciranda de Leitura, lá na turma acontece dia de terça-feira, na realidade estamos trazendo músicas, poemas musicados, cantigas (Amora, entrevista, outubro, 2023).

Conforme as propostas citadas, observa-se que o CMEI Jardim da Leitura tem investido em bons projetos de fomento à formação do leitor. À medida que trabalham a letra das canções, as parlendas, a leitura está inserida. Promover esse encontro em que a música traz a dança, a arte, é uma construção enriquecedora. Bela traz os relatos da proposta dos ateliês atrelados às histórias, atividade bastante significativa, lúdica e criativa em que a leitura se insere. Já Milena, rememora um trabalho que deu certo, que ampliou o repertório de leitura com o uso de outros recursos como as dramatizações, as canções. É sobre este entrelaçamento com a arte, com novos movimentos que encantem, que a escola deve pensar e se apropriar. Se um trabalho está dando certo, é preciso avaliar o porquê de sua não continuidade, pois, Milena transpõe quão bom foi o trabalho anterior para o seu grupo. Em seu relato, Milena menciona que as crianças logo perdem o interesse pelos livros por não saberem ler, não se pode esquecer que as crianças dessa faixa etária apesar de não leem convencionalmente já fazem as pseudo-leituras e o que vai possibilitar sua admiração, se amplia com os direcionamentos/mediações literárias.

Souza (2004) aponta da necessidade de se ajustar as leituras aos interesses das crianças para não correr o risco do desestímulo da leitura, do leitor em formação, salienta que “[...] se a escola conseguir despertar na criança o interesse pela leitura, o gosto terá de ser cultivado nas fases posteriores do desenvolvimento” (Souza, 2004, p.64). Amora, traz uma questão de suma importância e que não pode passar despercebido, pois, faz menção ao apoio da Secretaria de Educação para melhoria das salas de leitura, os investimentos que, principalmente os CMEIs, necessitam para um bom acervo e melhoria de sua estrutura. Vale aqui ressaltar, que em algumas instituições municipais as salas de leitura têm sido substituídas por sala de aula, ou seja, o local destinado a formação leitora está perdendo seu espaço físico para acolher novos alunos. É importante registrar que essa escolha traduz implicitamente a concepção de biblioteca/sala de leitura que a rede municipal revela, ou seja, a prioridade é a sala de aula e assim desconsidera o papel formativo das bibliotecas e o direito à leitura.

Existem alguns projetos no município voltados para a sala de leitura fruto de parcerias com outras instituições. Conforme reportagem do Jornal Grande Bahia (2018), no dia 09 de novembro do ano de 2018, foi inaugurada um Cantinho de leitura num CMEI de Feira de Santana, onde foram doados para o acervo 450 títulos, por meio do Projeto Crescer Lendo, de iniciativa da Indústria Klabin e da organização não governamental United Way, em parceria com o Instituto Avisa Lá. As literaturas disponibilizadas foram obras premiadas e recomendadas pelo Ministério da Educação (MEC). Proposta que se manteve em parceria com a prefeitura, como consta a reportagem no site da prefeitura de Feira de Santana sobre outro Cantinho de Leitura inaugurado numa escola da cidade, a qual recebeu 1.200 livros, sendo 50 em braile. Tal iniciativa aconteceu no dia 04 de maio do ano de 2023, em parceria do projeto social da BW Incentiva, por meio da Lei de Incentivo do Ministério da Cultura, com patrocínio da Belgo Arames e o apoio da Fundação Arcelor Mittal. Porém, apesar do projeto beneficiar a leitura, o mesmo tem alcançado poucas escolas, o que reflete na inquietação da professora Amora, pois a leitura urge para todos os espaços, para todas as crianças do município, ou seja, é urgente se pensar em propostas de leitura que abarque todo o município contribuindo para um espaço democrático.

Frente a relevância dessa pesquisa para a sociedade as colaboradoras assim discorreram:

Muito, principalmente porque eu acho que nem todas as escolas têm um espaço de sala de leitura, eu acho que seria uma sementinha plantada né, pra que a gente pudesse tá germinando sobre essa importância, porque assim, mesmo a gente com todos os déficits, nós temos uma, então nós ganhamos muito em relação a escola vizinha que nem tem, eu acho que hoje cabe, a partir dessa pesquisa, dizer assim: Oh, é importante! A criança ela vai sair muito mais leitora, principalmente quem tá aqui desde o grupo 2 que a professora conta duzentos livros aí vai chegar no grupo no grupo 3, contar mais duzentos livros, futuramente vai ser um leitor que a gente acabou nem sendo, por não ter esse incentivo, por nem adentrar essas bibliotecas, se é que tinha, se é que tinha... (Amora, entrevista, outubro, 2023).

Sim, é uma pesquisa importante para estimular esse leitor e leitora da gente (risos) Eu preciso mais, eu preciso, sim. Eu também acho que desse início da creche que estimula esse desejo pela leitura, né? Eu acredito, no meu caso mesmo, se eu fosse estimulada, teria uma outra visão (risos), mas que bom que eu não fui tão prejudicada (risos) (Bela, entrevista, outubro, 2023).

Eu acho importante, pra gente tentar sensibilizar as pessoas sobre a importância da literatura, do livro, desse espaço na escola, que muitas vezes as redes só pensam em informatizar a escola, e colocar tecnologia e não valoriza isso, que é o essencial, que é a leitura, saber se comportar no ambiente, é saber respeitar o outro, fazer silêncio, é ter concentração, e isso se perde porque não é investido mesmo [...] (Milena, entrevista, outubro, 2023).

Sim, porque tem que ver as deficiências, o que que precisa melhorar e investir nisso para que melhore. Porque muitas vezes como não sabe a realidade, não investe naquilo que precisa, então precisa conhecer para investir (Maribel, entrevista, outubro, 2023).

Sim, é uma pesquisa maior pro município, tomara que chegue aí mais livros e mais livros, pra gente tá utilizando com os meninos (Mônica, entrevista, outubro, 2023).

Com certeza, é uma contribuição bem relevante porque você vai tá percebendo de que forma é a escola, a creche. Ela contribui para essa formação leitora dos estudantes e trazer essa pesquisa é uma grande contribuição para a comunidade (Ucha, entrevista, outubro, 2023).

Diante do exposto, o (a) professor (a), é essa ponte que conduz a criança a lindas travessias. As colaboradoras, face às suas experiências de vida, em que nem todas tiveram as mesmas oportunidades ao contato literário, ou por outras circunstâncias, relatam essas ausências de forma singela e verdadeira e, sobretudo, com o desejo de que a literatura alcance a criança. Já munidas de um grandioso trabalho, o qual vai progredindo à medida que se pensa em rede, em equipe, em comunidade, criando estratégias, compartilhando experiências, oportunizando o despertar para a competência leitora, aqui tão discutida. Frente a tantas narrativas, é nítido o compromisso que cada colaboradora carrega no peito e a esperança de que o alcance desta pesquisa, inquiete, mobilize, traga as melhorias para as Bibliotecas Escolares e as Salas de Leitura.

6. RETOMANDO ROTAS: UM PERCURSO A PROSSEGU(IR)

Prossegu(IR)

Eis aqui a retomada
De toda essa discussão
Experiências de infância
Ao mestrado em Educação
Aqui falei de leitura
Também da nossa cultura
Com muita dedicação.

Para formar o leitor
Tem que ter encantamento
E que a biblioteca
Seja um lindo casamento
De constante aventura
Pois o livro também cura
E nos traz conhecimento.

(Alice Moraes)

Retomar rotas, analisar o percurso, são passos imprescindíveis em qualquer jornada. E esta jornada, aqui registrada em forma de pesquisa, tem um vasto caminho a prossegu(IR)...E por falar em caminho, rememoro cada passo, assim como o desenvolvimento de uma criança, desde o gestar, o engatinhar, ficar de pé ainda que com insegurança, os primeiros passinhos dados sempre com apoio de alguém mais experiente, que encoraja a prosseguir em meio às quedas...Caiu, levanta! É assim que a criança aprende! Chora, se alegra, e quando menos se espera, acontece o caminhar com autonomia!

E como sou musical, aqui faço menção a canção de Toni Garrido¹¹, relacionando com minha caminhada: “Você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui...Percorri milhas e milhas antes de dormir”[...]. Sim, todos esses passos fazem parte dessa construção, e falar de leitura é também pensar na escrita, nas histórias, em cada página editada no grande livro da chamada “vida”. Minha vida, tua vida, nossas vidas, onde o conhecimento deve ser compartilhado para troca de

¹¹ Outro músico que parafraseio para rememorar minha trilha formativa.

experiências, ideias, visões de mundo. Dessa forma, ainda menina, quando me encantei em ter em mãos a primeira literatura não tinha dimensão dessa linda trajetória que é “andar entre livros”... Ah, a poesia... Como sou grata por me habitar, por tudo que trago da herança familiar e por esse entrelaçar entre a leitura e a arte, a qual faz parte desse objeto de estudo. E nessas reminiscências, a minha trajetória enquanto professora da Educação Infantil, das tantas experiências do “chão da sala de aula”, me dão o norte a seguir e agir por tantos caminhos que estão por vir.

Falar de leitura para crianças é pensar em espaços que são tão necessários para a formação do leitor: A Biblioteca Escolar e a Sala de Leitura. E foi diante de minhas vivências escolares, profissionais e pessoais, que surgiu o desejo de pesquisar sobre a constituição desses ambientes no CMEI. Para tanto, tinha que partir do compartilhamento de vozes que vivenciam o espaço escolar, das pessoas que o constroem no dia a dia, que estão à frente do grande exercício que é a docência, ou seja, as professoras. Estas profissionais de Educação que gentilmente se dispuseram a contribuir com a pesquisa com suas narrativas, as quais sou imensamente grata pelas grandiosas partilhas que compuseram as análises deste estudo.

Isso posto, reitero a questão central dessa pesquisa: Quais percepções e práticas docentes desenvolvidas nos espaços da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura contribuem para a formação de leitores infantis? Como objetivo geral a pesquisa se debruçou em analisar como as professoras concebem a formação de leitores infantis no ambiente da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura no espaço de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) no município de Feira de Santana e como objetivos específicos, investigar a contribuição da Biblioteca Escolar e da Sala de Leitura no processo de formação leitora dos (as) estudantes e identificar as práticas de mediação de leitura desenvolvidas pelas professoras para formação de leitores infantis. Frente a estas inquietações que fui a campo, e, através do diálogo com tantos autores aqui já citados, das contribuições das participantes da pesquisa e as análises realizadas, destaco a importância da sala de leitura e da biblioteca, reafirmando que a biblioteca escolar é um direito reconhecido por lei (Lei Federal 12.244/2010). Vale ressaltar que o processo de leitura no Brasil, ainda caminha a passos lentos, mesmo diante de projetos e leis que já foram elaborados, pois como aqui já discutido, não basta apenas criar leis e projetos, faz-se necessário o caminhar para sua concretização. Dessa forma, a Lei Federal 12.244/2010, teve sua meta de universalização postergada até o

ano de 2024, porém, a mesma não tem alcançado todas escolas do município de Feira de Santana, principalmente, o espaço do CMEI, que é o foco desta pesquisa.

Outro ponto a destacar é a presença do mediador de leitura, o qual não necessariamente compreende a figura do bibliotecário, mas aquele, que promove o encontro entre o leitor e o livro de forma estética, encantadora, como fruição. O mediador instiga o despertar do imaginário e a presença de bons mediadores oportuniza as múltiplas descobertas para o encontro com a literatura de forma prazerosa. Assim, a mediação nos espaços infantis deve promover o encontro com a ludicidade, com formas inovadoras e criativas; eis a importância deste espaço de promoção de leitura, ser ampliado para atividades culturais como saraus, diálogo com autores, tarde de autógrafos e tantas outras possibilidades que a arte e a literatura proporcionam. A biblioteca urge ser dinâmica, viva.

São essas vivências que fazem as crianças viajarem por mundos inimagináveis, onde as personagens instigam novas e fabulosas histórias. Porém, o acervo deve ser repensado, sempre com olhar para o público ao qual se destina; é urgente a dinamização dos acervos. Mas ao mencionar esse público, que público mesmo será esse? Quais os atores que ali atuam? Nessa perspectiva, uma pesquisa que dispõe a ouvir as narrativas de professoras de creche e pré-escola, necessita refletir sobre as infâncias, assim, para se formar o leitor, essa leitura tem que ser plural.

Face a experiência do contato com o CMEI Jardim da Leitura, *lócus* dessa pesquisa, pude vislumbrar um espaço de pessoas que acreditam na educação e estão dispostas a busca de melhorias para o compromisso da formação leitora. O acolhimento da gestão e das professoras me fizeram sentir “pertencente ao espaço”, ou seja, me sentir à vontade, pois fui bem recepcionada. Tive acesso às dependências do CMEI, aos documentos como PPP, Regimento Escolar, Projetos desenvolvidos, além de adentrar o espaço da sala de leitura, observar as literaturas, os mobiliários, fotografar o mesmo para o acervo dessa pesquisa.

Por fim, tive momentos de entrevista com as professoras e as suas narrativas foram transcritas e alocadas em cada uma das categorias deste estudo: Trajetórias docentes: o impacto das experiências leitoras; Qualidade no acervo: uma busca necessária; As ações da sala de Leitura no CMEI; O professor e a leitura literária: formando-se para formar.

Tais narrativas transmitiram as vivências das professoras desde suas memórias de infância, onde muitas se reportaram aos seus primeiros incentivadores

de leitura, onde a figura do professor, em sua maioria, foi impulsionadora aos livros e ao exercício da profissão docente, destacando também, em muitos casos, o estímulo familiar, sobretudo da figura da mãe.

Também relataram as professoras entrevistadas sobre os acervos do CMEI, que muitos foram fruto de doações e pela carência de literaturas que versam sobre a diversidade, sobretudo, literaturas negras, necessitam de atualizações. Nesse contexto, as professoras pontuaram as ações desenvolvidas na sala de leitura, os grupos realizam o trabalho literário atrelando poemas, parlendas, canções, dentre outros. Por fim, também foi discutido sobre o professor-leitor e a necessidade de que esse exercício seja uma evidência no cotidiano das docentes, faz-se necessário, sobretudo, ser um bom leitor para formar outros leitores.

Diante dos fatos mencionados, destaco que no espaço do CMEI existe sala de leitura e não biblioteca, ou seja, a legislação que garante biblioteca em todos os espaços escolares não tem sido cumprida, gerando prejuízos para a formação do leitor infantil e a não garantia da universalização do direito à leitura. Também foi observado, no período da pesquisa, que muitas instituições escolares desfizeram a sala de leitura para ocupar espaço de sala de aula, numa tentativa de atender às crescentes procuras por matrículas. Reafirmo a importância do atendimento ao direito da criança à educação, contudo, cabe aos órgãos competentes pensarem na ampliação física das escolas e não na extinção de um espaço formativo que foi pensado para a disseminação da leitura e da cultura.

Outro achado da pesquisa aponta que o acervo da sala de leitura é carente de livros voltados ao público infantil, vale destacar que pensando nos princípios da igualdade e equidade, nas diversidades de interesses e multiplicidade de linguagens, o acervo tem que ser repensado e não pode se furtar em oportunizar literaturas no plural, ou seja, acervo que contemple literatura negras, indígenas, ciganas, regionais, e tantas outras que despertem desde cedo essas reflexões, tão necessárias para a formação de crianças mais acolhedoras e a não perpetuação dos atos discriminatórios. Também foi observado a necessidade de investimento na formação leitora dos professores, pois como já mencionado, foi identificado que muitos têm lido especificamente os livros inseridos nos planejamentos e as outras leituras não são muito frequentes.

Diante do exposto, vale destacar a necessidade da formação literária docente, dos grupos de discussões e partilhas, pois à medida que o professor amplia seu

repertório leitor, desperta nas crianças maior intensidade na apreciação e valorização da literatura. Sendo assim, essa pesquisa visa contribuir no repensar dos planejamentos tanto da Secretaria de Educação Municipal quanto no espaço do CMEI de forma que esta construção desperte tantos outros a desfrutar da grandiosidade que a literatura oferece e na constante caminhada do Prossegu(IR) alcançar uma profícua rede de leitores.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira. **A formação do leitor Literário**. In: Pinheiro, Santos Alexandra, Ramos, Flávia Brocchetto (org) .Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa. Campinas, SP: Mercado das Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourado, 2013. p.57-81.
- ARAÚJO, Laura Filomena Santos; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen, MUSQUIM, Cleciane dos Anjos, BELLATO, Roseney, LUCIETTO, Grasielle Cristina. **Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde**. Revista Brasileira Pesquisa Saúde, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul. /set. 2013.
- ÀRIES, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC,1981.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2020.
- BOJUNGA, Lygia. **Feito à mão**, 2ª ed. 3ª impressão, Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- BORDINI, Maria da Glória. **Por uma pedagogia da leitura**. Letras de Hoje. Porto Alegre, pág. 111-118, mar. 1986.
- BRASIL **Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003**. Institui a política nacional do livro. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.753.htm. Acesso em: 27 abr. 2023.
- BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996
- BRASIL. **Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003**. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.753.htm. Acesso em: 29 mai 2023.
- BRASIL. **Lei nº 10.865, de 30 de abril de 2004**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.865.htm. Acesso em: 29 mai. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 25 mai. 2010. Seção 1, p. 3.
- BRASIL. **PL n. 9484/18. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Brasília: Câmara Dos Deputados, 2018. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2167716>

&clid=lwAR3zXzgoH8yvSlgwNLLvqR7KYRaXIEaNmsFSPDBqFwIY9qXgDCqc8m_c. Acesso em 28 dez. 2022.

BUJES, Maria Isabel Edlweiss. Educação Infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E (org). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 13-22.

CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). Elementos que favorecem a colaboração entre bibliotecários e professores. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 73-89.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 9 eds. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: Acesso em 10 de janeiro de 2020.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E (org). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

COHN, C. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. CRESWELL, John Ward **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010.

DORNELLES, Priscila de Oliveira. **A Creche UFF e sua Flor de Papel: uma análise sobre a produção de conhecimento de uma biblioteca escolar infantil.** 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FEIRA DE SANTANA. **Cantinho da Leitura inaugurado hoje na Escola Valdemira Alves Brito.** Disponível em: <https://encurtador.com.br/hFI89>. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 6. Ed. Paz e Terra, 1982.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisas em ciências sociais e pedagogia.** 4 ed. Rio de Janeiro, 2000.

HOYUELOS, Alfredo. **Complexidade e relações em educação infantil** [recurso eletrônico] / Alfredo Hoyuelos, María Antonia Riera; tradução Bruna Heringer de Souza Villar. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil.** 5ª ed. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/wp->

[content/uploads/2020/07/apresentac%CC%A7a%CC%83oparapublicar2019> .pdf](#). Acesso: em 15 set. 2021

INSTITUTO DE LEITURA QUINDIM. **Mediadores e Leitura, por Eliana Yunes**. Disponível em: <https://www.institutoquindim.com.br/post/mediadores-e-leitura-por-eliana-yunes>. Acesso em: 20 jan. de 2023.

JORNAL GRANDE BAHIA. **Feira de Santana: CMEIs Antônio Carlos Machado e Honorina Oliveira Amorim ganham Cantinho da Leitura**. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2018/11/feira-de-santana-cmeis-antonio-carlos-machado-e-honorina-oliveira-amorim-ganham-cantinho-da-leitura/>. Acesso em: 29 mai 2023.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas. **Bibliotecas Escolares: Realidades, práticas e desafios para formar leitores**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2017.

LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas. **Cartografia de leitura: a biblioteca escolar como espaço de múltiplas aprendizagens-Feira de Santana-(BA)**; UEFS Editora, 2023.

LÓPEZ. Maria Emília. Mediação e Formação de Leitores. In: Marilena, Nakano; Paulo Endo; Eliana, Yunes [et al.]. **Mediação: cultura, leitura e território**. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras 2019.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS/ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução Neusa Dias Macedo. São Paulo: IFLA, 1999.

FEIRA DE SANTANA. Secretaria Municipal de Educação (SME). **Plano Municipal de Educação**. Lei 3.651/16. Feira de Santana, 2016. Disponível em: http://www.feiradesantana.ba.gov.br/seduc/arg/Plano_educ.pdf. Acesso em: 6 de jan. de 2024.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. 3 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOREIRA, Marina; PETRY, Oto João. Políticas públicas para biblioteca escolar na educação infantil: uma análise. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 17, p. 126-148, 2022.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

ORIÁ, Ricardo. **Bibliotecas escolares no Brasil: uma análise da aplicação da Lei nº 12.244/2010**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2017. 32 p.

PAIVA, Aparecida. A trama do acervo: A literatura nas bibliotecas escolares pela via do Programa Nacional Biblioteca da escola. *In: SOUZA, Renata Junqueira (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação***. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. p.137-155

PAJEÚ, Hélio Márcio; ALMEIDA, Arthur Henrique Feijó de. A mediação cultural na biblioteca escolar e o bibliotecário infoeducador. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 18, n. 00, p. e020025, 2020. DOI: 10.20396/rdbci. v..18i0.8660541. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8660541>. Acesso em: 22 maio. 2023.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

SÁ, René Freitas de. **Biblioteca e leitura na escola: caminhos trilhados para implantação de uma biblioteca na Escola Municipal Regina Vital em Feira de Santana – Bahia**. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SARMENTO. **Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SILVA, Antônia Janiele Moreira da, ALENCAR Aline Quesado, BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Biblioteca Escolar e Mediação da Leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, 2018, Vol.13 (1).

SILVA, Rovilson José da. **Biblioteca escolar: organização e funcionamento**. *In: Souza, Renata Junqueira (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação***. Campinas, SP: Mercado de letras, 2009. p. 115-135.

SILVA, Rovilson José da. **Biblioteca escolar e a formação de leitores: o papel do mediador de leitura**. Londrina: Eduel, 2009b.198 p

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECA-UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Biblioteca Central Julieta Carteadó – BCJC**. Disponível em: <http://www.sisbi.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=8>. Acesso em: 25 mai. 23.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli *et al.* **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 3 ed. São Paulo: editora Ática, 1995.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUSA, Laiana Ferreira. **A Biblioteca escolar que queremos: ventos do saber** [livro eletrônico]: cartilha de orientação pedagógica. 1. ed. Fortaleza, CE: Instituto Seara, 2020.

SOUSA, Laiana Ferreira. **Práticas leitoras e contação de histórias**. In: Curso Formação de Mediadores de Leitura. Raymundo Netto e Lídia Eugênia Cavalcante Lima (org.). Fascículo 8. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste-Fundação Demócrito Rocha, 2018. p.114-128.

SOUZA, Leila Damiana Almeida dos Santos. **Potes que guardam vidas, vidas que viram histórias: a Poteca como ação interativa nas narrativas de crianças e adultos do Assentamento Rose, na região sisaleira de Santaluz, BA**. Leila Damiana Almeida dos Santos Souza. Salvador, BA, 2019a.

SOUZA, Maria Salete Daros de. **A conquista do jovem leitor: uma proposta alternativa**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993. 114 p.

SOUZA, Solange da Silva. **A importância da biblioteca escolar na formação de leitores**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019b. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11819>. Acesso em: 25 mai. 23

SOUZA, Helen Danyane Soares Caetano de; SERAFIM, Mônica de Souza. A mediação de Leitura na Educação Infantil onde a leitura de mundo precede a leitura das palavras. In: Bortoni, Stella Maris-Ricardo (Org)...[et al]. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo, Parábola, 2012. 256p.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura e Alfabetização: A Importância da Poesia Infantil nesse Processo. In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. 1, ed- São Paulo: DCL., 2004, p.62-78.

TARDELI, Gláucia Maria Piato. Histórias de leitura de professores: as diferentes maneiras de ler. In: SILVA, Lílian Lopes Martin da (Org.). **Entre leitores: Alunos, Professores**. Campinas - São Paulo: Komedi: Arte Escrita, 2001

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1997.

UZÊDA, Leomárcia Caffé de Oliveira. **O que você descobriu sobre a gente?** a escola de educação infantil do campo a partir do olhar das crianças. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23970> Acesso em: 10/01/2024.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. 2 ed.- São Paulo: Global Editora, 2020.

VILAS BOAS, Fabíola Silva de Oliveira. **Histórias de leitura e formação do professor-leitor: perspectivas (auto)biográficas**-Salvador: EDUFBA, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Resolução CONSEPE 128/2019**. Aprova o Plano Estratégico de Internacionalização - período 2019-2023 - da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS, 2019. Disponível em: <http://aeri.uefs.br/arquivos/72.pdf>. Acesso em: 04 de mar. 24.

YIN. Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.

YUNES, Eliana. **Mediadores e Leitura**. 2021. Disponível em: <https://www.institutoquindim.com.br/post/mediadores-e-leitura-por-eliana-yunes>. Acesso em: 29 de jan. de 2024

ZABALZA, Miguel Angel. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 288 p.

ZILBERMAN, Regina.; RÖSING, Tania. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, p. 61-81, 2009.

ZILBERMAN, Regina; PAULA Viviane Carolina de; OHIRA, Maria de Lourdes Blatt. Avanços, perspectivas e limitações da lei no 12.244/2010 com vistas a sua aplicabilidade: análise da literatura brasileira e ações dos órgãos de classe do estado de Santa Catarina (Brasil). **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, n. 2, v. 12, 2017. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1305>. Acesso em: 27 jan. 2022

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ACADÊMICO PESQUISADOR**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)
CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ACADÊMICO PESQUISADOR****Ilma. Sr^a, Anaci Paim**

Por meio desta apresentamos a acadêmica Maria Alice Carneiro Moraes Silva da Turma 2022.1, do Programa de Pós-Graduação em Educação – MESTRADO, devidamente matriculada nesta instituição de ensino, que está realizando a pesquisa intitulada: “O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DA SALA DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: UM ESTUDO SOBRE OS CMEI NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA”.

Vimos através deste, solicitar sua autorização para coleta de dados em 2 instituições desse município¹². Este estudo tem como objetivo compreender o papel da Biblioteca Escolar e da Sala de Leitura na formação leitora dos (as) alunos (as) dos CMEI no município de Feira de Santana, assim como a percepção dos docentes frente a esses espaços. A pesquisa será realizada sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima, e como instrumentos geradores de dados serão aplicados questionários e realizadas entrevistas com 10 professores. Os professores entrevistados serão aqueles que integram o quadro docente efetivo das instituições definidas para compor o corpus da pesquisa e que se dispuserem a participar da entrevista. Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações coletadas e garante, também, a preservação da identidade e da privacidade das instituições e os profissionais entrevistados. Ressaltamos que essas questões estão descritas no TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) que será entregue aos professores participantes. Agradecemos vossa compreensão e colaboração e colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos. Se necessário, esses são os contatos da pesquisadora: (75) 98260-1265 e- mail: yeshua.acmos@gmail.com

Feira de Santana, 01 de março de 2023

Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima
Professor Titular Pesquisadora

Maria Alice Carneiro Moraes Silva

Programa de Pós-Graduação em Educação Programa de Pós-Graduação em Educação

¹² Houve a supressão do nome em virtude do sigilo.

APÊNDICE B – MODELO DE CARTA DE ANUÊNCIA**Papel timbrado da instituição anuente****CARTA DE ANUÊNCIA**

Eu (nome da gestora), na qualidade de responsável pela instituição (nome da unidade escolar), declaro para os devidos fins, que autorizo a pesquisadora **Maria Alice Carneiro Moraes Silva**, para desenvolver sua pesquisa intitulada – O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DA SALA DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA. UM ESTUDO SOBRE OS CMEI NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, a ser conduzida sob a orientação da Profa. Dra. Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima.

Feira de Santana, _____ de _____ de 20_____.

Nome/assinatura e carimbo da gestora

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA DE MESTRADO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO

Convido o (a) professor (a) _____ para participar da pesquisa O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DA SALA DE LEITURA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: UM ESTUDO SOBRE OS CMEI NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA, de responsabilidade da pesquisadora Maria Alice Carneiro Moraes Silva, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e sob a orientação da Profa. Dra. Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima. O objetivo é compreender o papel da Biblioteca Escolar e da Sala de Leitura na formação leitora dos (as) alunos (as) dos CMEI no município de Feira de Santana, assim como a percepção dos docentes frente a esses espaços. Caso aceite, informo que os resultados serão divulgados, sempre prezando pelo sigilo e anonimato dos participantes, em meio acadêmico e científico, através de publicação dos resultados em livros e periódicos, como também em apresentação em evento. Para preservar a identidade da instituição e dos participantes, serão utilizados pseudônimos.

Sua participação será através de questionário e entrevista. O questionário acontecerá através da plataforma Google Forms. A duração prevista para responder ao questionário é de aproximadamente 5 minutos, posteriormente acordaremos o dia e horário para realização da entrevista, que ocorrerá da forma que você achar mais pertinente (presencial ou virtual), tendo como previsão a duração de aproximadamente 40 ou 50 minutos. Ressalto que após apresentação e assinatura deste TCLE, a entrevista será gravada (em áudio). Apesar de todos os cuidados, não pode ser excluído o risco mínimo, como a possibilidade de se sentir eventualmente invadido (a), incomodado (a) ou constrangido (a) durante o preenchimento do questionário e/ou realização da entrevista. A qualquer momento, você pode se recusar a participar e se retirar da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou penalidades. Os

resultados da pesquisa serão analisados e publicados e a identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, neste Termo. No caso de eventual dano, imediato ou tardio, decorrente desta pesquisa, você também tem direito de ser indenizado pelo pesquisador, bem como a ter assistência gratuita, integral e imediata, pelo tempo que for necessário. Sempre que desejar, você poderá entrar em contato para obter informações sobre este projeto de pesquisa, sobre sua participação ou outros assuntos relacionados à pesquisa, com o (a) pesquisador (a) responsável ou com o Comitê de Ética, nos contatos relacionados abaixo:

<p>Maria Alice Carneiro Moraes Silva Endereço: Rua Teresópolis, 59-Campo Limpo-Feira de Santana (BA). CEP: 44032381 Telefone: 75 98260-1265 E-mail: yeshua.acmos@gmail.com</p>	<p>Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UEFS Endereço: Avenida Transnordestina, s/n – Novo Horizonte – Feira de Santana (BA) Telefone: 75 3161 8124 E-mail: cep@uefs.br Horário de atendimento: 13:30 às 17:30.</p>
--	---

Vale destacar que, o Comitê de Ética em Pesquisa é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A missão do CEP é salvaguardar os direitos e a dignidade dos participantes da pesquisa. Além disso, o CEP contribui para a qualidade das pesquisas e para a discussão do papel da pesquisa no desenvolvimento institucional e no desenvolvimento social da comunidade. Contribui ainda para a valorização do pesquisador que recebe o reconhecimento de que sua proposta é eticamente adequada.

Este projeto foi aprovado pelo CEP-/UEFS sob o número _____.

Eu, _____ fui informado (a) sobre o que a pesquisadora investiga e o motivo pelo qual fui convidado (a) para colaborar, e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar da pesquisa e autorizo a divulgação dos dados produzidos para a dissertação de Mestrado da pesquisadora e em publicações outras (artigos, comunicações orais, livros).

Feira de Santana, _____ de _____ de _____

Assinatura Participante

Assinatura Pesquisadora

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) colega professor (a),

Para contribuir com as etapas do processo da pesquisa **O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DA SALA DE LEITURA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: UM ESTUDO SOBRE OS CMEI NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA**, convidamos você, professor (a) dos Grupo 3 e Grupo 5 da rede municipal de ensino de Feira de Santana, para interagir com o questionário on-line a seguir. Lembramos que sua participação nesse processo será de forma totalmente voluntária e que, a qualquer momento, poderá solicitar a sua exclusão do processo de pesquisa. De igual modo, ratificamos que as informações apresentadas neste formulário serão utilizadas apenas para a construção de dados para a pesquisa já apresentada e os resultados serão socializados com os colaboradores através da apresentação e entrega dos resultados à toda a comunidade escolar e a Secretaria Municipal de Educação.

Agradecemos sua participação.

ANUÊNCIA PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

Após a apresentação das principais etapas da pesquisa **O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR E DA SALA DE LEITURA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA. UM ESTUDO SOBRE OS CMEI NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA** você manifesta interesse voluntário em contribuir com o estudo?

() Sim () Não

Caso opte por sim, favor seguir para as seções posteriores.

1.Quanto ao gênero como você se reconhece?

- () Mulher
- () Homem
- () Mulher trans ou transgênera
- () Homem trans ou transgênero
- () Prefiro não informar
- () Outro _____

2. Qual a sua idade?

- () Menor do que 25 anos
- () 25-30 anos
- () 31-40 anos
- () 41-50 anos
- () 51-60 anos
- () Mais de 61 anos

3. Qual seu estado civil?

- () Solteira (o);
- () Casada (o), união estável;
- () Divorciada (o);
- () Viúva (o);
- Outros _____

4. Qual sua maior formação/titulação acadêmica?

- Graduação (Pedagogia)
- Graduação (outra licenciatura)
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

5. Em quais séries/anos atua na Educação Infantil?

- Grupo 3 Grupo 5 Outros: _____

6. Quantos anos você tem de docência?

- Menos de 5 anos
- 5-10 anos
- 11-15 anos
- 16-20 anos
- 21-25 anos
- Mais do que 25 anos

7. Há quanto tempo atua na docência municipal de Feira de Santana?

- Menos de 5 anos
- 6-10 anos
- 11-15 anos
- 16-20 anos
- 21-25 anos
- Mais do que 25 anos

8. Quantos vínculos empregatícios você possui?

- 1
- 2
- 3
- Outros: _____

9. Qual a sua carga horária oficial de trabalho semanal somando todos os vínculos empregatícios?

- 20 horas
- 30 horas
- 40 horas
- 60 horas
- Outros

10. Quais documentos você utiliza para realizar o planejamento de ensino?

- Projeto Político Pedagógico da escola
- Proposta Curricular do Município de Feira de Santana.
- Cadernos de Objetivos de Aprendizagem da Rede Municipal de Ensino
- Outro documento
- Não se aplica

11. Por qual nome você deseja ser mencionado ao apresentarmos os resultados desta pesquisa?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA	
Data:	Entrevistado(a):
Local:	
1-O que o motivou a ser professor (a)?	
2-Quais seus livros preferidos?	
3- Quantos livros você lê em média por ano?	
3- Ao longo de sua trajetória, quais influências contribuíram para sua formação leitora?	
4-Você considera a Biblioteca Escola e/ou Sala de Leitura importante para os (as) alunos(as)?	
5-Você considera o espaço físico da Biblioteca Escolar e/ou Sala de Leitura dessa instituição apropriados para as atividades de leitura?	
6-Os (as) alunos (as) se sentem atraídos pela Biblioteca e /ou Sala de Leitura?	
7-Os (as) alunos (as) têm acesso aos livros que desejam?	
8-As crianças demonstram prazer ao manusear os livros?	
9- Quais livros do acervo mais chamam a atenção das crianças?	
10-Com qual periodicidade seus/suas alunos (as) frequentam a Biblioteca e /ou Sala de Leitura?	
11-O acervo da Biblioteca e/ou Sala de Leitura tem bom repertório?	
12-Quais atividades são desenvolvidas na Biblioteca Escolar e/ou Sala de Leitura?	
13-Quais literaturas Infantis você acha indispensáveis para o acervo da Biblioteca Escolar e /ou Sala de Leitura?	